

FÚLVIA DA SILVA SPOHR

**TECENDO IMAGENS:
Operando experiências no plano do “*comum*”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional. Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cleci Maraschin

Porto Alegre

2011

FÚLVIA DA SILVA SPOHR

TECENDO IMAGENS:

Operando experiências no plano do “*comum*”

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____ de _____ de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Cleci Maraschin - UFRGS

Prof. Examinador:

Prof. Examinador

Prof. Examinador

In Memoriam:
João Luiz Spohr (meu tio),
por me apresentar a vida como Obra de Arte.

AGRADECIMENTOS

Ao Alexandre, meu amor, por todos os momentos, “*perto*” ou “*longe*”.

À Kátia Modry, mestre que me iniciou na paixão pelo tecer.

À Cleci Maraschin, minha estimada orientadora, por acreditar e apontar generosamente algumas frestas.

À Vanessa Maurente, Rafael Diehl e Rafa Wild, pela inspiração e o irromper de novas questões.

À Grace Tanikado, pelo cuidado e germinar de algumas idéias.

À Raquel Fernandes, companheira de caminhada, pela escuta. À Graziela Lopes, carinhosamente Grazi, querida amiga, pelo despertar de nossa amizade.

A todos os parceiros do Programa de Extensão Rede de Oficinandos: integrantes do Grupo de Pesquisa Oficinando em Rede, pela acolhida; à Tati Vianna, por compartilhar sua paixão pelo fazer e à Rosemarie Tschiedel.

Ao Coletivo de Rádio Potência Mental (Fernanda Streppel, Leandro Ravel, Marcelo de Sena, Felipe Longhi, Marlon Bastos Valdir Pereira e Solange – a “Preta Sô”, pelo encontro potente e à Oficina de Imagens: Paulo Gleish e Laura Corso, pela convivência, especialmente à Francilene Rainone, por seu desejo que passa por contágio e a André Betts, pelo brotar de mais uma boa amizade.

À Jaqueline Tittoni e Domingos, meus bons e amados amigos, por me mostrarem que a vida é feita de movimento e incertezas.

À Benjamin e Virgínia, meus sogros queridos e também grandes incentivadores; à Marlene Spohr, minha tia, pelo cuidado silencioso.

À Jaqueline Andrezza e Paula Marques, pela torcida carinhosa.

À Simone Moschen Rickes e Analice de Lima Palombini, pela oportunidade de compartilhar algumas horas. À Karla do Amaral Demoly e Deisimer Gorczewski.

Aos amigos da Especialização em Saúde mental coletiva no EDUCASAÚDE, por comporem uma grande rede de afetos.

Aos colegas do CAPS II Cais Mental, pelo acolhimento, especialmente, a coordenadora Márcia Taboada Sottili, pela confiança.

Ao Paulo Bueno, por compartilhar tanta lucidez; à Valquíria, pelo *(in) comum*.

Ao Carlos Baum, por me apresentar à obra de Eisenstein. A Édio Ranieri e Etiane Araldi, pelos momentos fecundos. Bia, Hélio, Jonathan, Clara, Thiago, Manuela, Sarita, Eliana e Sílvio, pelo coletivo. À cidade do Rio de Janeiro, por seus momentos inspiradores.

Ao Instituto de Psicologia, pela acolhida de uma “estrangeira”. A CAPES, pelo auxílio da bolsa de pesquisa.

Ao Carlos Gerbase, por partilhar invenção.

A Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Andréia Guerra, pela efervescência...

“[...] O problema é precisamente criar algo que aconteça entre as idéias e ao que é necessário fazer de modo que seja impossível dar um nome e seja de maneira que a cada momento tentar dar-lhe uma coloração, uma forma e uma intensidade que não diz nunca o que é. Isso é a arte de viver. [...] A arte de criar consigo com outras individualidades, seres, relações, qualidades que sejam inomináveis. Se não se pode chegar a fazer isso em sua vida, ela não merece ser vivida. Não faço diferença entre as pessoas que fazem da sua existência uma obra de arte e os que fazem uma obra de arte em sua existência”.

Michel Foucault,
Entre o amor e os estados de paixão (1981).

RESUMO

Este trabalho conta como uma experiência com tecnologias videográficas produziu efeitos nos modos de coordenar ações, produzir distinções e nas emoções de um grupo de trabalhadores e usuários de um serviço de saúde mental, o CAPS II Cais Mental Centro/POA. A Oficina de Imagens é uma atividade terapêutica onde ocorre a produção de imagens que podem resultar em filmes. A ideia central do trabalho gira em torno dos efeitos surgidos a partir da problematização sobre uma série de imagens videográfica produzidas pelo coletivo da Oficina postas ao descarte, e de outras, a serem aproveitadas para construção de um filme. O grupo é tomado por um estranhamento sobre que imagens poderiam ou não compor um filme. Na Oficina de Edição, foi proposto utilizar as imagens descartadas *nonsense*, ou seja, aquelas desfocadas, tremidas ou fora de enquadre para a construção de um “outro” vídeo – sendo possível, portanto, incluir o que, em um primeiro momento, fora excluído. A edição foi realizada pelo grupo no editor de imagens digital *Windows Movie Maker*. Esse processo possibilitou produzir deslocamentos e modulações nas redes de conversação entre os participantes. É a partir dessa experiência, que o convidamos a acompanhar, através do efeito *patchwork* (recurso narrativo), os deslocamentos operativos que se produziram nestes encontros, nestas redes de conversação. Assim, em uma perspectiva metodológica de pesquisa-intervenção, apresentamos alguns deslocamentos, produzidos no fazer com a Oficina de Edição de Imagens. Esse encontro dos integrantes da Oficina com o computador, o editor de imagens, as imagens descartadas, as redes de conversação se dá na ação, no fazer que potencializa a inserção social, autoria e a construção de outros modos de relação com a saúde/loucura, constituindo um plano de compartilhamento e também político, ao operar experiências no plano do “comum”.

Palavras-chave: cognição enativa, saúde mental, oficina, tecnologia videográfica, redes de conversação.

ABSTRACT

The main objective of this study is to report how an experience with video technology changed the way the actions were coordinated, the distinctions and emotions are produced in the group of people who work and use the mental health service, o CAPS II Cais Mental Centro/POA. The Image Workshop is a therapeutic activity, in which there are image productions, and they can be transformed into many films. The research focuses on the effects that are triggered through the problematization, concerned to a serie of video images, produced by the group that participated of the Workshop, that were discarded, as well as on the others that were used in the construction of a film. The group was not sure which images could be used in the film. At the Editing Workshop, it was suggested that the discarded images, the nonsense ones, could be used: the ones that were blurred, blur and did not fit in the construction of a video, so we concluded that it was possible to add what was considered firstly something excluded. Editing was performed by the group in the digital image editing, through the *Windows Movie Maker*. The process triggered many other networks for dialogue, different from the one that was constructed at the Image Workshop inially, but we cannot consider the former more or less important than the recently produced, they were just seen as new and an opportunity to share experiencies. So, we invit the reader to follow, through the pachwork effect (a narrative resource), the operative replacement that were produced in the Workshops, in the network dialogues. Thus, through a methodological perspective of an intervention research, we present some of the replacement, produced at Editing Image Workshop. The experience that the participants of the group had with the computer, the editing and discarted images, changed the networks for dialogue, that were performed in the action and while the images were produced, so that they develop social inclusion, authorship and the construction of many other ways to deal with health/mental illness, building a new plan of sharing and also political, when many experiences were operated in a level whose experience were shared by all the participantas.

Key-words: Enactive cognition. Mental health. Workshop. Video Technology. Network for dialogue.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Primeiras Filmagens ainda nos bastidores da oficina que virou parte de uma das cenas do filme sobre o que é ser diferente. 73
- Figura 2 - Uma das cenas do filme sobre o que é ser diferente, tela do computador no detalhe estão minimizados dois arquivos PASTA: NOVO FILME e PROJETO do Movie maker>: SEM Título 73
- Figura 3 - Imagem que virou uma das cenas do filme “O que é ser diferente?” 74
- Figura 4 - Imagem foi incorporada ao filme “O que é ser diferente?” 74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Indicadores de modulação\deslocamento das redes de conversação	76
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial

CIAPS - Centro Integrado de Atenção Psicossocial

HPSP - Hospital Psiquiátrico São Pedro

OEID - Oficina de Edição de Imagens Descartadas

PNH - Política Nacional de Humanização

SUS - Sistema Único de Saúde

TCC - Terapia cognitivo-comportamental

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO.....	18
1 A LOUCURA E(M) UMA COLCHA DE RETALHOS.....	22
2 ESCOLHENDO ALGUMAS LINHAS – OS GUIAS TEÓRICOS	30
2.1 DA BIOLOGIA À COGNIÇÃO: COGNIÇÃO AUTOPOIÉTICA E ENATIVA.....	30
2.2 O LINGUAJAR, O EMOCIONAR E AS REDES DE CONVERSAÇÃO	35
2.3 ECOLOGIA COGNITIVA: AS TECNOLOGIAS MODULANDO AS REDES DE CONVERSAÇÃO	37
2.4 POLÍTICAS COGNITIVAS: (RE) COGNIÇÃO E COGNIÇÃO INVENTIVA	40
3 MODOS DE PESQUISAR.....	43
3.1 O OBSERVADOR COMO DIMENSÃO ÉTICA E POLÍTICA DA PESQUISA	43
3.2 OS FIOS QUE TECEM AS IMAGENS.....	46
3.3 TECIDO-IMAGEM	48
3.4 O “COMUM” COMO CRITÉRIO DE VALIDAÇÃO.....	50
4 TEMPO DE INSERÇÃO E RECORTES.....	53
5 POR UNS POUCOS RETALHOS	59
5.1 RETALHAÇÃO.....	59
5.2 O PACIENTE IMPACIENTE.....	60
5.3 O QUE É SER DIFERENTE?.....	64
6 EMENDANDO E TECENDO OS RETALHOS.....	66
6.1 A OFICINA DE EDIÇÃO DE IMAGENS DESCARTADAS – O EFEITO <i>PATCHWORK</i> COMO OPERADOR DA REDE DE CONVERSAÇÃO	67
6.2 PERCORRENDO AS REDES DE CONVERSAÇÃO	74

6.2.1 Coordenando ações (com) as tecnologias.....	76
6.2.2 Movimentando-se pela rede	82
6.2.3 Definindo fazeres	85
6.3 COSTURANDO SUPERFÍCIES.....	88
7 ALINHAVOS	91
8 ARREMATES E ABERTURAS.....	94
REFERÊNCIAS.....	99

APRESENTAÇÃO

“Como fenômeno estético a existência ainda nos é suportável, e por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmos um tal fenômeno” (NIETZSCHE, 2001, Aforismo 107§, p. 132).

Esta pesquisa foi elaborada a partir de questões que me instigavam ainda em meu percurso inicial como educadora, especialmente na experiência com práticas de capacitação organizacional em estratégias de treinamento e desenvolvimento no campo da saúde privada. Naquele momento, algumas questões me inquietavam em relação ao processo ensino-aprendizagem, em particular, pelo modo como se apresentava, nesse campo, o problema da cognição, dirigindo as suas práticas para ações de mudança de comportamento. O trabalho desdobrava-se em estratégias organizacionais, dispostas em atividades de treinamento e desenvolvimento de pessoas. Era notável a identificação destes modos de conhecer, como decorrentes da capacidade ou incapacidade individual dos “colaboradores” de solucionarem seus contratempos com relação as suas atividades laborais, acarretando em frustração e sofrimento psíquico no trabalho. Se, por um lado, a instituição criava dispositivos rígidos e propunha modelos aplicativos a seus colaboradores, por outro, estes traziam para os encontros que realizávamos uma série de manifestações de desconforto e insatisfação com as atividades realizadas. A política institucional sinalizava a necessidade de organizar modos de conhecer, através de modelos já prontos, viabilizando diversas capacitações. Por certo, inúmeras problemáticas surgiram deste intento.

Nesse campo de práticas, tenho assistido à aplicabilidade de formas e modelos de aprendizagem, nos quais a experiência é considerada em sua dimensão de repetição para aquisição de habilidades. A cognição torna-se adaptativa, produzindo modos de subjetivação em uma via política recognitiva e de resolução de problemas (KASTRUP, 1999). Os conhecimentos são tomados como representação, no qual o *expert* opera com as suas instruções, as quais devem ser seguidas.

Considerando que essa abordagem da cognição era insuficiente por não incluir a invenção, busquei habitar um “entre” disciplinas. Nesta tentativa, fui estimulada a procurar

outros modos de relação à cognição e à saúde, para além de modelos instrutivos de como alcançar o sucesso profissional e a recuperação psicossocial.

Nesta busca, encontro o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI). Neste, realizo uma primeira modulação de um possível encontro entre os campos da educação e saúde. Paralelamente a minha aproximação ao PPGPSI, ingresso na formação de Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva, oferecida pelo Núcleo EDUCASAUDE da Faculdade de Educação da UFRGS. Em meus primeiros passos nesse domínio, percebo a problemática de discursos e práticas em saúde também em uma estreita relação a modelos de cognição. A partir daí, começo a tecer a relação entre estes dois campos.

No caso dos estudos em saúde mental, a experiência da loucura aparece como um conhecimento não legitimado. Loucura tem estado em foco pelas práticas disciplinares, pela moral, pelo diagnóstico. Tudo é muito semelhante à paisagem, vivida na experiência com a educação, na qual o problema era freqüentemente atribuído a uma posição identitária de um *self* que deve ser adaptado.

Saúde, loucura e aprendizagem – três temáticas que começam a se entrelaçar em um possível diálogo que se inicia pela abordagem da cognição. Apostamos que, para uma política cognitiva inventiva (KASTRUP, 1999), abrem-se possibilidades de se pensar o sofrimento psíquico para além de uma política recognitiva e representativa, que opera sempre em relação ao mesmo, a modelos e a dicotomias.

É assim que foram dados os primeiros esboços de um percurso que dialogaria entre estes dois campos que, até então, eram tão distintos para mim. A participação como pesquisadora voluntária no Grupo de Pesquisa “Oficinando em Rede” foi um fator importante para a (re) colocação do problema da cognição. Discussões, no grupo de pesquisa, giravam em torno de temas, como conhecimento/representação/experiência, natureza/artifício, e abriram uma série de possibilidades de interlocução até então não imaginadas. Aproximo-me da perspectiva de uma subjetividade, como modo de produção, ou seja, a maneira como esta é problematizada pelo Programa de Psicologia Social e ainda pelos estudos da linha de pesquisa, coordenados pela professora Cleci Maraschin.

O trabalho do grupo de pesquisa *Oficinando em Rede* tem tido como dispositivo metodológico o desenvolvimento de oficinas, como modalidade de pesquisa-intervenção em

saúde mental. O modo pelo qual tomamos a Oficina, como proposta metodológica, indica a sua especificidade ao relacionar a cognição, especialmente, ao campo político. A Oficina se constitui na partilha de um em “comum”, que emerge a partir de distintas operações: como cada uma das oficinas é proposta, como são dispostos os objetos a serem trabalhados em cada uma delas, os usos que deles se fazem e também a peculiaridade de cada tecnologia utilizada, isto é, o que cada suporte possibilita produzir.

A conexão entre o Oficinando em Rede com outros grupos, que trabalham com a relação do uso de tecnologias na saúde mental, fez consolidar, a partir do ano de 2009, um Programa de Pesquisa e Extensão, apoiado pelo Edital Proext/2009 MEC/Sesu. Os três projetos, consorciados nesse edital, desenvolvem suas pesquisas e ações por intermédio do uso de diferentes tipos de tecnologias (informática, imagens e ráiodifusão)¹. É nesta articulação que surge nosso campo desta pesquisa. O trânsito entre os três projetos, especialmente entre o Oficinando em Rede e a Oficina de Imagens no CAPS II Cais Mental Centro, abriu a possibilidade de habitar novamente um lugar de interlocução, ampliando, desta forma, as discussões entre os projetos, partindo, especialmente, do Oficinando em Rede, no qual eu me integrei inicialmente.

Surgida, no início de um desconforto em relação aos modos como temos vivido a saúde, em especial, a mental, tenho observado que a maioria das discussões nesse campo tem girado em torno de um plano, ora individual, ora social. A dicotomia, que gera dois pólos opostos, como, por exemplo, a distinção entre normal/louco, capaz/incapaz está, por um lado, sempre relacionada a uma identificação com um indivíduo e o seu comportamento ou, por outro, atribuída a fatores estritamente sociais. Como efeito, geramos a exclusão e a manifestação de que, para que tenhamos novos modos de atenção à saúde mental, é preciso uma universalização dos direitos humanos, através da sensibilização social. Porém, a confusão se instala justamente no tensionamento entre o social e o individual, uma vez que uma relação binária indica a negação de um dos critérios em prol do outro. Tal resolução é

¹ Os três projetos têm como centro de investigação o uso de tecnologias de informação e a comunicação, como dispositivos de inserção social, cuidado e formação em saúde mental em diferentes perspectivas teóricas. O enlace que sustenta os três projetos que constituem o programa é o intercâmbio das indagações e reflexões entre as equipes que convergem na confluência ética que toma os sujeitos como autores legítimos de um saber sobre si e sobre o mundo. Pesquisas, desenvolvidas por integrantes do Programa, compõem as fundamentações teóricas deste estudo, consolidando uma rede interinstitucional que se propõe pensar o uso das tecnologias na composição de práticas de cuidado na saúde mental, como as pesquisas desenvolvidas por Scisleski (2006); Maurense (2006, 2009); Diehl (2007, 2010); Vianna (2008); Rainone (2008); Tanikado (2009); Lerner (2009) e Lopes (2009).

parcial e sobrepõe um modelo de atenção a outro, apenas seguindo por reafirmar tais classificações, privilegiando um ou outro.

Tal perspectiva tem se mostrado insuficiente, para abarcar as questões relativas à complexidade que envolve o tema da “cognição” e “saúde mental”. Os autores que aqui dialogamos têm auxiliado a problematizar estratégias, para a articulação de ações possíveis na constituição de novas práticas no campo da atenção psicossocial (AMARANTE, 2001). Para tanto, é necessário o fomento de atos que impliquem uma construção coletiva dos processos de produção de saúde. Não se trata de propor um novo modelo de atenção psicossocial, mas de criar dispositivos, capazes de produzir deslocamento em redes de conversação, já instituídas e legitimadas.

Minha aproximação com os estudos da cognição, na perspectiva da Psicologia Social, mostrou não somente a possibilidade de questionar a ênfase individual, como também apostar na potência de alguns conceitos dessa área no campo da saúde mental, geralmente abordado a partir de outras perspectivas teóricas². Tomar a cognição, por meio das abordagens de Maturana (1999; 2001), Varela (1994; 2003) e Kastrup (1999; 2008), redimensiona uma série de questões, pertinentes ao campo *Psi*, problematizando as discussões sobre a construção dos conhecimentos em coletivos dos quais participam trabalhadores e usuários de saúde mental. Além disso, a aposta de que as tecnologias da informação e comunicação possam atuar como dispositivos de intervenção, na atenção psicossocial, reafirmam nossa idéia de que possam emergir, deste encontro, diferentes linguajares e emocionares, gerando outras coordenações de ações e posições subjetivas na rede coletiva (LOPES; MARASCHIN, 2009).

Este breve percurso apresenta o ponto de partida para a construção de nosso problema de pesquisa, no diálogo entre a saúde e a educação, considerando a cognição mais ampla do que aquela até então abordada. Trazemos, assim, para dialogar, interlocutores que fundamentam essa questão e nos auxiliam a problematizar o modo como a cognição é operada, quando se dispõe, como oferta de um serviço substitutivo de saúde mental, a possibilidade de manipular tecnologias da comunicação e informação.

² Os estudos, relativos à cognição na perspectiva apresentada nesta pesquisa, se distanciam de abordagens, como a Terapia Cognitivo-comportamental (TCC), por exemplo: forma de psicoterapia que utiliza métodos objetivando a mudança comportamental de sujeitos.

INTRODUÇÃO

“O importante é fazer o gesto”.
(SCHROETER *apud* FOUCAULT, 1981, p. 8)³.

A aventura da escrita de uma dissertação comporta riscos: é necessário fazer algumas escolhas. Sempre que tomamos um rumo, outros tantos ficam em segundo plano. Tal escolha acarreta um direcionamento ético, posto que criador e político, uma vez que não se trata de uma representação de uma realidade já dada, mas, de sua problematização, reinvenção. A ação de dissertar e de produzir uma materialidade surge como efeito de um encontro de uma série de perguntas que, à medida que vão tentando ser parcialmente resolvidas por conceitos e metodologias, insistem em emergir por todo canto, como pedras no sapato, ao incomodar e desacomodar. Esta pesquisa fala de experiência, ou melhor, de experimentação. Encontro *entre* pesquisador, academia, campo de pesquisa, usuários e técnicos de um serviço de saúde mental, aparatos tecnológicos (filmadora de vídeo, computador, *software* de edição, imagens descartadas) e afetos. Não temos a pretensão de apresentar esta vivência, por meio do plano das identidades, mas, sim, da experiência.

Esta pesquisa-intervenção ganha forma nos encontros, aqui denominados “Oficina de Edição de Imagens Descartadas”, que está inserida em um projeto maior, chamado de “Oficina de Imagens”, desenvolvida no CAPS II Cais Mental Centro em Porto Alegre e que utiliza o aparato tecnológico para a produção e a edição de imagens (o *Software Windows Movie Maker*)⁴.

Neste (fazer com) a Oficina de Imagens, buscamos analisar como a proposição de retomar imagens descartadas, aliada a um incremento na oferta tecnológica dos participantes da oficina, pode operar na modulação às redes de conversação que, segundo Maturana (1999), se constitui na conservação de um modo particular de viver o entrelaçamento do emocional e racional que cotidianamente chamamos de “conversar”. O termo “conversar” quer dizer “dar

³ FOUCAULT, M. **Entre o amor e os estados de paixão** (Entrevista “Conversation avec Werner Schroeter” (entretien avec G. Courant et W. Schroeter, 13 décembre 1981), in Courant (G.), Werner Schroeter, Paris, Goethe Institute, 1982. pp. 39-47. Espaço Michel Foucault. Disponível em: <www.filoesco.unb.br/foucault>. Acesso em: 24 set. 2010.

⁴ O *WINDOWS MOVIE MAKER* é um *software* de edição de vídeos da *Microsoft*. Disponível em: <<http://www.microsoft.com/pt/br/default.aspx>>. Acesso em: 29 nov. 2010.

voltas juntos” e surge a partir da junção de duas raízes latinas, *cum*: com e *versare*: dar voltas com o outro (MATURANA, 1999). O modo particular de viver este entrelaçamento pode produzir regimes de conversação que conservem sentimentos e racionalidades, despoticizadoras e estigmatizantes. Neste sentido, podemos inferir que existem redes de conversação que estigmatizam a loucura, no entanto estas podem ser ampliadas e reconfiguradas. Com o auxílio da Biologia do Conhecer, afirmamos a centralidade do tema da linguagem nesta pesquisa, tomando as redes de conversação como fio condutor que perpassa todo nosso diálogo.

Uma vez que vivemos em um tipo de sociedade que opõe emoção e razão em dimensões antagônicas, esta dicotomia circunscreve o que distinguimos como loucura em um não compartilhamento de determinados critérios de distinção na linguagem. Tal fato inquieta os que participam desse “acordo” coletivo, pois a loucura constantemente questiona os seus critérios de validação. Estes códigos, quando compartilhados, são frutos de uma complexa rede de interações. Um usuário da rede de saúde mental não consegue, por vezes, se conformar com uma rede de conversações legitimada, o que o remete à participação em redes que seguem por reafirmar a sua diferença e as suas limitações.

Deste modo, problematizar tal questão, mediante o estudo de uma abordagem cognitiva, apresenta uma inovação para a discussão da atenção à saúde mental, convocando o sujeito cognoscente, neste caso, os participantes da Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental, para uma posição de autoria e implicação coletiva sobre o seu modo de conhecer e viver. Com base nessa afirmação, fomos tecendo nossas considerações, ao perguntamos, inicialmente, o seguinte: como a modulação às tecnologias poderia (re) configurar as redes de conversações entre usuários e trabalhadores do CAPS II Cais Mental?

Portanto, convidamos você, leitor, a percorrer a tessitura deste trabalho. Para tanto, a apresentação dos capítulos será desdobrada em analogia à arte do *patchwork*⁵; pequenos recortes e retalhos que, um a um, vão formando o texto todo, assim como as imagens que, em pedaços, constroem a impressão de realidade. *Patchwork* é uma técnica milenar de união de tecidos diversos (trabalho com retalhos), formando uma única forma ou superfície em uma

⁵ Registros históricos mostram que o homem faz *patchwork* desde que aprendeu a tecer. Nas paredes das pirâmides egípcias, por exemplo, há desenhos de faraós trajando peças com essa técnica. Na Idade Média, cavaleiros usavam roupas acolchoadas, como proteção sob as armaduras pesadas de metal. Esta arte foi trazida para a América pelos colonizadores. As colchas eram feitas com tecidos de linho ou lã, em panos inteiros ou a partir de medalhões centrais e bordas (**Revista Curso de Patchwork Passo-a-Passo**, São Paulo: Casa Dois Editora, ed. 1, v. 1, out. 2003).

infinidade de formatos variados. Os capítulos, ou retalhos deste trabalho, como temos chamado, possuem cada um sua dimensão particular, são passagens que juntas compõem um campo geral, onde se inscreve esta pesquisa. Cada experiência vivida é singular, por isto o recurso metodológico de apresentação deste trabalho é o de acompanhar, através da leitura, alguns fragmentos do campo, modo encontrado de aproximar o leitor à dimensão do vivido do pesquisador.

Para realizarmos este estudo, apresentamos o percurso que tornou possível esta pesquisa: os encontros com o Grupo de pesquisa e a interlocução da saúde com a educação. Posteriormente, no primeiro capítulo, intitulado – “A loucura e(m) uma colcha de retalhos” – alargamos a discussão sobre a loucura e o nosso posicionamento em relação ao tema nesta pesquisa. Dando continuidade, no segundo capítulo “Escolhendo algumas linhas”, expomos os guias teóricos e metodológicos que sustentam o trabalho e o modo como nos auxiliam na construção do problema da pesquisa. Utilizamos como operadores conceituais, a perspectiva de uma Ecologia Cognitiva, noção desenvolvida por Pierre Lévy (1993); a idéia de Redes de Conversação de Humberto Maturana (1999, 2006); de Cognição Inventiva de Virgínia Kastrup (1999, 2009); e também a noção de Cognição Enativa de Francisco Varela (1994, 2003). Dialogamos com as considerações sobre o “comum”, realizadas por François Jullien (2008), como plano político. No terceiro capítulo, “Modos de Pesquisar”, dedicamos algumas páginas às considerações metodológicas de nosso trabalho, lançando mão de uma estratégia de pesquisa-intervenção, na qual problematizamos a implicação do pesquisador, como um observador imerso na experiência, ou seja, um pesquisador que constrói o campo, na medida em que atua (com) ele. Além disso, discutimos algumas questões que esclarecem de que modo entendemos o objeto “imagem” nesta ecologia que envolve usuários de um CAPS, as TIC, os diversos atravessamentos institucionais, como as políticas públicas, a produção acadêmica e a cidade. No quarto capítulo, “Tempo de inserção e recortes”, contamos como foi a aproximação com a Oficina de Imagens e o início da participação da autora deste estudo na pesquisa. No quinto capítulo, “Por uns poucos retalhos”, apresentamos o processo que originou, no campo de pesquisa, a Oficina de Edição de Imagens Descartadas.

Sendo assim, pontuamos, no sexto capítulo, “Emendando e tecendo os retalhos”, a emergência da Oficina de Edição de Imagens Descartadas, como dispositivo modulador das redes de conversação em seu desdobramento político e compartilhado. Igualmente, alguns de seus desdobramentos, como a apropriação técnica por parte dos participantes e as repercussões institucionais. A partir da análise dos efeitos da apresentação inicial dos modos de operação

da cognição em tal perspectiva, criamos algumas linhas de análise, conforme os efeitos possíveis pelo modo de operação com as imagens descartadas. Ao focarmos a análise na Oficina de Edição de Imagens Descartadas, produzidas pelos integrantes da Oficina de Imagens, entendemos ter sido este um marco importante na experiência de imersão, e, assim, buscamos pensar de que forma o encontro com as imagens descartadas viabilizaram deslocamentos/modulações nas redes de conversação. A aposta inicial era a de que a experiência de edição de imagens potencializasse o plano relacional e coletivo, ampliando as coordenações de ação entre os participantes. Deste modo, foram desenvolvidos três focos de análise, através dos indicadores de modulação/deslocamento das redes de conversação mapeadas, e divididos em diferentes níveis de análise, a saber, em relação aos eixos subjetivo, grupal, institucional e com o fora da Oficina. Por fim, apresentamos algumas notas sobre o (fazer com) a Oficina de Imagens, no sétimo capítulo, “Alinhavos” no qual debatemos alguns pontos de contato e ainda as dificuldades que enriqueceram a experiência de conduzir o (fazer com) a Oficina de Imagens, no atravessamento de perspectivas teóricas diferentes. Por fim, no oitavo capítulo, “Arremates e aberturas”, finalizamos o trabalho, tecendo algumas considerações a partir do que a experiência do encontro com a tecnologia pôde produzir, refletindo sobre o uso das TIC, como estratégia de atenção à saúde mental, evidenciada na emergência de deslocamentos/modulações nas redes de conversação de sujeitos que se encontram em sofrimento psíquico.

1 A LOUCURA E(M) UMA COLCHA DE RETALHOS

“Idéias fixas também mudam [...]”
Frase do filme Beigia⁶ (2008).

“Tecer não significa somente predestinar e reunir realidades diversas, mas também criar, fazer sair de sua própria substância exatamente como faz a aranha, que tira de si própria a sua teia” (ELIADE, 1962, apud CHEVALIER, 1992, p. 872).

Teceremos as considerações deste capítulo em um diálogo com os autores, Georges Canguilhem (2000), por intermédio de suas contribuições para o campo da saúde, e Humberto Maturana (1999) e as bases biológicas da cognição, na perspectiva da Biologia do Conhecer. Tal diálogo inusitado visa a apresentar a nossa proposição de trabalho.

Iniciamos com uma breve reflexão sobre as políticas públicas, voltadas para a atenção em saúde mental e o desenho de estratégias de cuidado que têm atualmente se ocupado da discussão e ação, norteadas pela ética da singularidade e diversidade.

Nos princípios, descritos pela Política Nacional de Humanização (PNH) do Sistema Único de Saúde (SUS), é claramente perceptível a adoção de conceitos norteadores, como os de humanização, integralidade, atenção à saúde, cuidado, acolhimento e redes de conversações⁷. Essas proposições, nas políticas nacionais de saúde, atravessam as práticas em saúde mental, contemplando as novas configurações das propostas de cuidado. Reformulações do conceito de saúde passam, assim, a englobar outras esferas que não somente a ausência de doença, e ao retorno a um estado de normalidade.

A implementação dos princípios da Reforma Psiquiátrica no Brasil⁸ busca, por meio da oferta dos CAPS⁹, constituir dispositivos para a produção de práticas terapêuticas, a

⁶ “Beigia”: foi o primeiro filme de ficção, produzido pelos integrantes da Oficina de Imagens do CAPS Cais Mental. 13 min., 2008.

⁷ BRASIL. Portal da Saúde. **Política Nacional de Humanização**. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/>>. Acesso em: 15 set. 2010.

⁸ No ano de 2001, foi sancionada a Lei Federal 10.216 no Brasil. A Lei da Reforma Psiquiátrica redireciona à assistência em saúde mental e aos direitos dos sujeitos com transtornos mentais. Passou a privilegiar o oferecimento de tratamento em serviços de base comunitária, bem como a compor a política nacional de saúde mental do país (BRASIL. **Portal do Ministério da Saúde**. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/>>. Acesso em: 15 set. 2010).

caminho da reinserção social e simbólica dos usuários destes serviços (sujeitos em sofrimento psíquico grave), incidindo não apenas nos usuários, como também, nas políticas e relações entre a rede de instituições que congregam os serviços de saúde e a assistência, assim como os dispositivos da cidade na qual os serviços se realizam.

O surgimento dos CAPS, residenciais terapêuticos, hospitalis-dia e o aparato de serviços e tecnologias criados, rearranjou toda uma produção de conhecimento em relação à atenção à saúde mental. Com a estratégia de implementação dos serviços substitutivos, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), para o enfrentamento do sofrimento, seguem em direção a novas formas de cuidado e atenção, na busca de construção e ampliação de redes de conversação que possibilitem a diferença descolada de um papel identitário (LOPES, 2009).

Neste sentido, são levadas em consideração a fragilidade dos laços sociais e a forma particular destes sujeitos experimentarem um mundo em movimentos de difícil compartilhamento, muitas vezes, inomináveis.

A implantação dos Centros de Atenção Psicossocial surge como possibilidade de conviver de outra forma com o sofrimento, distinto do modelo manicomial, que envolve não somente o usuário, como também, a própria cidade. A partir da proposta de construção de projetos terapêuticos singulares, o usuário do serviço de atenção psicossocial passa a ocupar um lugar de maior autonomia sobre a sua vida e a sua condição, na direção da construção de redes de convívio e cuidado. Nesse processo de construção, outro modo de atenção psicossocial é preconizado, no entanto ainda permanece tensionado com modelos manicomial anteriores.

No relato de um usuário que chegou a um CAPS, em busca de acolhimento, a queixa trazida, no geral, referia-se ao atravessamento das relações que estabelecidas com a cidade, a família e o social. O seu sofrimento psíquico parte de uma operação de distinção não inteligível pelos códigos estabelecidos, como é o exemplo, no caso, das alucinações auditivas e visuais. Tal “perda de contato com a realidade”, de acordo com a perspectiva teórica que sustenta este trabalho, entende que as experiências singulares, as quais nomeamos “loucura e

⁹ Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) foram instituídos em 29 de janeiro de 1992, através da Portaria/SNAS nº, e está organizada como uma rede substitutiva ao Hospital Psiquiátrico no país. Tem valor estratégico para a Reforma Psiquiátrica Brasileira. É função dos CAPS prestar atendimento clínico em regime de atenção diária, evitando, assim, as internações em hospitais psiquiátricos; promover a inserção social das pessoas com transtornos mentais através de ações intersetoriais; regular a porta de entrada da rede de assistência em saúde mental na sua área de atuação e dar suporte à atenção à saúde mental na rede básica (PORTAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, <http://portal.saude.gov>).

sofrimento psíquico”, se estabelecem como relação de diferença, por exercerem uma tensão nas conversações, legitimadas consensualmente pela linguagem. As redes de conversação, validadas e legítimas no contexto social, as quais fazemos referência neste trabalho, são aquelas em que um sujeito atua como usuário de saúde mental ou como louco, ou ainda, como alguém que necessita de cuidados diferenciados e, conseqüentemente, é destituído de razão. Tais redes dificilmente abrem espaço para outro tipo de produção de vida que não aquela produzida pelo circuito psiquiátrico.

Na análise de Rainone (2007) sobre a realidade vivida por sujeitos usuários de serviços de saúde mental, a autora sugere que esses sujeitos participam de uma rede de atendimento que muitas vezes é designada por uma determinação diagnóstica que ocupa um lugar enunciativo em sua vida.

A rede de atendimento, a qual se refere a autora, ratifica as redes de conversação, validadas pela ciência, em especial, nos domínios da Biologia e da Medicina, pelo modelo biomédico e que apontam a loucura em categorias da dimensão de desordem neuronal e desorganização psíquica, respectivamente.

Recorreremos, neste ponto nodal, às contribuições de Georges Canguilhem (2000), que nos auxiliaram a problematizar, na perspectiva cognitiva, a passagem acima descrita. O autor apresenta o conceito de saúde em uma dimensão normativa, estabelecida na relação de um corpo com seu meio. Também, na interlocução com Goldstein (CANGUILHEM, 2000, p. 111), o pesquisador sugere que não é possível estabelecer critérios gerais de norma em relação aos estados de saúde e adoecimento, pois aquilo que é normativo para um indivíduo¹⁰ não serve de parâmetro para todos os seres. Além disso, indica que o ser normativo refere-se à capacidade de criar regras para si na relação com o mundo.

A Biologia do Conhecer de Maturana (2001) não fala de norma, mas de que todo ser vivo, na dimensão biológica, está acoplado a um meio, estando, deste modo, adaptado a ele; quando o organismo perde esta capacidade de adaptação, morre. No plano da linguagem, o autor fala acerca das coordenações consensuais de ação que podem vir a ser normativas. A capacidade de reinventar a norma estabelece uma relação de cognição como invenção. Neste sentido, buscando dialogar com Goldstein, Canguilhem (2000) reforça esta idéia, pois também discute a adaptação em sua obra. O autor ressalta que o organismo vivo sempre está em relação

¹⁰ Canguilhem utiliza o termo “indivíduo”, com o objetivo de estabelecer uma distinção entre um organismo em um meio, designando o termo a uma unidade, não tendo nenhum tipo de justificação a noção de *self*.

de adaptação com o meio e que a doença não está relacionada à ausência de normas, antes, sim, da operatividade de normas muito rígidas, por incapacidade de ser normativo (GOLDSTEIN *apud* CANGUILHEM, 2000, p. 148). “*Idéias fixas também mudam [...]*” fala uma das personagens no filme *Beigia*, produzido pela Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental. Podemos inferir, então, que a perspectiva dos estudos da Biologia da Cognição, conforme nos propõe Maturana (2001), ao desenvolver o conceito de rede de conversação, dialoga e ganha reforço na articulação com as considerações de Canguilhem (2000) acerca do conceito de saúde e os estados patológicos, pois, para o autor, a distinção entre saúde e doença se faz no plano do linguajar (normativo) e não, no plano biológico.

É interessante a relação que podemos estabelecer entre a noção de norma, apresentada por Canguilhem (2000), com os autores do campo da cognição que participam de nosso referencial teórico (MATURANA, 1999; VARELA, 2003; KASTRUP, 1999) e de nossa colcha de retalhos. Para Canguilhem (2000), o termo “normal” está ligado à norma, ou seja, à regra, designada como conformidade. Até mesmo aquilo que nomeamos como “enfermidade” é uma adaptação a uma norma. Sendo assim, a doença, na perspectiva do autor, não é a ausência de norma, mas, justamente, a incapacidade de ser normativo, ou seja, de criar novas normas. Podemos indicar que a rigidez de uma norma seria justamente a questão principal em torno da qual estaria relacionada à experiência cognitiva na loucura. O autor destaca que “A doença não é uma variação da dimensão da saúde; é uma nova dimensão da vida” (CANGUILHEM, 2000, p. 149).

Deste modo, a possibilidade de criar novas normas estaria mais ao lado de uma cognição inventiva do que recongnitiva, não podendo ser atribuída unicamente à sua dimensão anatomofisiológica, incluindo o plano do linguajar e do observador. Com esta compreensão sobre os estados de doença, podemos discorrer sobre a loucura e a sua relação com o sofrimento psíquico.

A loucura, na perspectiva de Maturana (1999), é uma distinção feita por um observador. Para sustentar tal afirmativa, o pesquisador adverte que todas as distinções que fazemos, as fazemos como observadores na linguagem. Para exemplificar a condição linguajante do observador, podemos acompanhar a reflexão que o autor faz sobre a consciência: “a consciência não está localizada no sistema nervoso ou no corpo em geral; ela é vivenciada como uma experiência na autoconsciência e é vivenciada apenas enquanto existe a operacionalidade que a faz surgir como uma quarta recursão no linguajar” (MATURANA, 1999, p. 232). Assim o eu,

as mudanças estruturais de sua corporalidade são moduladas pelo seu viver na linguagem (MATURANA, 1999).

Portanto, quando Canguilhem (2000) aponta que a norma é uma relação entre indivíduo e meio, esta afirmação é a de um observador. Sendo assim, o modo como chega a tal dedução é feito por meio dos seus critérios de validação, compartilhados em uma comunidade de observadores.

Se tomarmos a loucura como uma rigidez ou ausência de norma, estamos afirmando isto como observadores, pois criamos critérios de distinção que são compartilháveis em um domínio de observadores. Se nos reportarmos às categorias diagnósticas, estas indicam justamente que uma das características da loucura é a desorganização psíquica. Referimo-nos a isto neste texto, visto que, de acordo com nosso arcabouço teórico de estudos sobre cognição, indica que os critérios, para a classificação noosológica, são, em nossa perspectiva, distinções que uma comunidade de observadores executa e que ganham visibilidade e legitimação, constituindo-se em uma rede de conversações (comunidade da qual o classificado como louco não participa).

Instrumentos, como o diagnóstico médico, por exemplo, servem, entre outras coisas, para a distinção de uma equipe, orientando-a na classificação daquele que é normal e daquele que é louco. Essa operação de distinção que é, neste caso, a de um observador, não está isenta de intencionalidade, entretanto carrega, em si, uma história de condutas, de códigos normativos, jurídicos e comportamentais (de uma política cognitiva). Neste caso, não teríamos instrumentos que pudessem validar o indivíduo normal e o louco, a não ser por meio de distinções que criamos e sustentam as redes de conversação, as quais estamos imersos.

A impossibilidade de distinção entre ilusão e percepção na experiência é uma condição constitutiva dos seres vivos (MATURANA, 2001). Essa distinção só é feita depois da experiência, ao aceitarmos (de modo consciente ou tácito) alguns critérios coletivos que tornam válida esta distinção. A condição de fala, por exemplo, não depende somente de uma estrutura interna independente da interação de um sujeito com o mundo. Ela é também uma tecnologia, desenvolvida coletivamente para a comunicação. Maturana e Varela (2001), ao desenvolverem suas pesquisas, relativas à teoria autopoietica, partilham da afirmação de que o trajeto, percorrido pelo humano, não é predeterminado, seguindo na direção de desenvolvimento. Neste sentido, Maraschin (2000, p. 58) complementa, propondo que “as transformações simbólicas possibilitam

a emergência de regimes cognitivos que implicam a construção de novas formas de raciocínio [...]”.

Maturana e Varela (2002) apostam que somente, através da reformulação de um fenômeno, é possível a distinção entre aquilo que é constitutivo da fenomenologia de um sistema e o que pertencente a um domínio de descrição do mesmo. Esta possibilidade de descrição de um fenômeno só pode ocorrer por uma operação de distinção. A distinção das relações e interações entre os componentes de um sistema é realizada por um observador deste fenômeno. Complementa o primeiro, dizendo que:

O ato de designar qualquer ente, objeto, coisa ou unidade, está ligado à realização de um ato de distinção que separa o designado e o distingue de um fundo. Cada vez que fazemos referência a algo [...], estamos especificando um critério de distinção que assinala aquilo de que falamos e especifica suas propriedades, como ente, unidade ou objeto (MATURANA, 2002, p. 47).

“O linguajar não é um sistema de operação com símbolos abstratos na comunicação”, (MATURANA, 2006, p. 131). Essa mudança de perspectiva é importante neste trabalho, já que redimensiona a noção de louco para uma posição de sujeito, ou seja, a posição de um observador também imerso na linguagem. Assim, podemos intuir que, se todos estamos imersos na linguagem, podemos construir modos de compartilhar (com) a loucura. Nesse sentido, é válido entender a estreita relação da loucura e do sofrimento psíquico com as imagens descartadas, as quais nos referimos no capítulo anterior e que também surgiram como efeito da problematização em uma rede discursiva. Compreendê-las como efeito de distinções nos leva a pensar que, mediante esta experiência em comum, novas redes de conversação podem ser possíveis.

Sendo assim, o mundo, tal qual o percebemos, só existe como resultado de uma longa história coletiva de congruências operacionais. Esta experiência se dá nos domínios objetivo e subjetivo, em que, a cada ato reflexivo, constitui-se uma nova experiência, fruto de nossa história subjetiva e social (VARELA *in* WATZLAWICK, 2000). Não podemos afirmar a possibilidade de equilíbrio total em um estado de normalidade e, em contrapartida, outro estado que seria tomado como anormal ou loucura. Pensar desta forma seria partir de termos prontos e acabados, como se pudesse, na realidade, totalizar o entendimento sobre o real, onde, a cada tomada de uma das formas, excluiria a outra em uma dicotomia. Isso implicaria a dedução de que esses conceitos teriam validade universal, sendo adotados a partir de critério de adaptação a uma realidade *a priori*.

Rosenhan (*in* WATZLAWICK, 2000) reforça tais afirmações, através da experiência em uma de suas pesquisas, não excluindo a existência de estados de enfermidade mental. A questão central de sua reflexão gira em torno da reformulação da pergunta sobre os estados psíquicos, a partir de um observador¹¹ (MATURANA, 1999). Rosenhan propõe (*in* WATZLAWICK, 2000) algumas questões sobre o que determinaria os estados de sofrimento, ou melhor, de que forma se poderia distinguir a normalidade da loucura? Aqui o termo “estado” ganha importância, uma vez que não encerra o sofrimento psíquico em categorias diagnósticas.

Assim, se definimos como regularidades um estado de normalidade e um de loucura, quais parâmetros respaldariam tal distinção? Esse problema pode ser explicado e defendido através do conceito de observador, proposto por Maturana (1999, 2001). A discussão toma uma proporção relevante na análise do sintoma do sujeito, por exemplo. A psiquiatria compõe o quadro nosológico por meio da demanda, relatada por aquele que sofre ou de quem lhe encaminha. Logo, o sintoma auxilia na composição de seu diagnóstico, encerrando, no indivíduo, as causas de seu sofrimento e da impossibilidade de lidar com ele.

Rosenhan (*in* WATZLAWICK, 2000) ainda observa o peso de uma determinação diagnóstica que, criando mundos, gera igualmente todo um modo de ser doente. Esta caracterização de um modo de ser louco reverbera por todos os campos que compõem o sujeito, fazendo com que cada nova conduta seja capturada pelo discurso do diagnóstico de loucura. Portanto, a anamnese vive a serviço da sustentação e criação de um domínio explicativo que dê conta do fenômeno da diferença. [...] *Una clasificación psiquiátrica crea una realidad propia y, con ello, sus propios efectos* [...] (ROSENHAN *in* WATZLAWICK, 2000, p. 107). Então, a experiência da loucura, tal qual apresentada pelo DSM- IV¹², por exemplo, não existiria fora do domínio que o sustenta.

Kastrup (1999) acrescenta que, do ponto de vista da invenção, a cognição não se limitaria mais a um funcionamento, regido por leis e princípios invariantes, que ocorreriam entre um sujeito e um objeto preexistentes, entre o eu e o mundo. Ela é, sim, uma prática de

¹¹ O termo “observador” é aqui adotado como aquele que observa a experiência da pesquisa, desenvolvida por Rosenhan (s/d). Adiante, no capítulo metodológico, apresentamos o conceito de “observador”, desenvolvido por Maturana na *Biologia do Conhecer* (1999, 2001).

¹² O DSM-IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais – é uma publicação da Associação Psiquiátrica Americana (APA), Washington, 1994//, e é a principal referência de diagnóstico para os profissionais de saúde mental. O manual utiliza um sistema categórico de classificação de doenças (ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA (APA). **DSM-IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais**. Disponível em: <<http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm.php>>. Acesso em: 02 nov. 2010).

invenção de regimes cognitivos diversos, coengendrando, ao mesmo tempo, o si e o mundo, que passam à condição de produtos do processo de invenção, constituindo rupturas no fluxo cognitivo habitual.

Conforme anunciamos na introdução, o método de trabalho, nesta dissertação, é inspirado na técnica do *patchwork*. Ele não opera somente no campo empírico, mas também, no teórico. A operatividade da noção de colcha de retalhos, ou de “efeito *patchwork*”, como temos abordado, indica a relação de tessitura da vida e obra. No caso da loucura, não seria a rigidez da norma que impossibilitaria a criação de novos modos de viver? Se a operatividade da loucura segue uma norma rígida, sem plasticidade, estaria incapacitada de se normatizar em relação a cada nova experiência. Assim, a idéia de sofrimento passa a apresentar estreita relação com a rigidez da norma. A capacidade de experimentar novas normas e reordenar o que está enrijecido é o que chamamos de efeito *patchwork*.

Então, de que modo podemos propor que se ampliem e se reconfigurem as redes de conversação, as quais os usuários de um CAPS participam? A expectativa de nosso estudo sobre cognição indica que, ao se reconfigurarem as relações em um sistema, novos encontros poderão ocorrer. Esta é a noção, proposta pela teoria de Pierre Lévy (1993), ao propor que a inteligência não está situada e localizada em um cérebro. Concordamos com o autor na aposta de que a cognição participa de uma ecologia e que a inteligência opera em uma rede sociotécnica que inclui a cultura, os humanos e as máquinas. Este indicativo reposiciona nossa problematização sobre a loucura para uma esfera relacional. A loucura, desta forma, só existe em relação a algo ou alguma coisa. Deste modo, iremos, a partir do próximo capítulo, costurar nossa proposição de pesquisa, apresentando alguns conceitos norteadores deste trabalho. Entre eles, está o conceito de ecologia cognitiva que irá auxiliar o leitor a acompanhar a construção de nosso problema de pesquisa.

2 ESCOLHENDO ALGUMAS LINHAS – OS GUIAS TEÓRICOS

Apresentamos, neste capítulo, os guias teóricos que sustentam a construção de nosso problema de pesquisa e o modo como operam neste trabalho. A perspectiva epistemológica, aqui assumida, indica como o problema da cognição é colocado na problematização sobre o tema da loucura e a sua relação com a constituição de redes de conversação, que incluem dispositivos tecnológicos. Para tanto, é preciso, inicialmente, trazer para esta discussão o modo como estamos entendendo a cognição, a partir das bases biológicas, indicadas por Maturana e Varela (2001).

2.1 DA BIOLOGIA À COGNIÇÃO: COGNIÇÃO AUTOPOIÉTICA E ENATIVA

A cognição tem sido objeto de estudo, a partir de diferentes modelos teóricos. Para alguns desses modelos, a cognição seria uma faculdade humana natural, na qual a representação de um mundo preexistente surge como o seu principal fundamento explicativo. Não é esta a abordagem que trabalhamos, no entanto parece importante apresentar as suas origens.

Retomando brevemente a história da constituição da cognição, como um domínio explicativo, podemos tomar como marco inicial o movimento conhecido como “Cibernética”. A adoção do conceito de sistema e a busca para criar uma epistemologia da mente culminaram, entre os anos de 1946 a 1953, em uma série de 10 conferências que objetivava a consolidação de uma ciência geral para o funcionamento da mente (DUPUY, 1996). Do diálogo e dos confrontos interdisciplinares entre fenomenólogos, filósofos, psicanalistas, neurofisiologistas, matemáticos e da filosofia da mente, psicólogos, engenheiros, antropólogos e lingüistas, entre outros membros da sociedade acadêmica, restou a decepção da impossibilidade dessa empreitada teórico-epistemológica de unificação de uma única disciplina.

Entretanto, tal empreendimento possibilitou o surgimento das bases que levariam ao desenvolvimento do cognitivismo. As ciências cognitivas tradicionais, embasadas pelo paradigma representacionista, concebem a cognição operando mediante a captura de um mundo objetivo, exterior e independente ao próprio processo cognitivo. O centro desta

abordagem é o paralelismo entre os processos físicos, submetidos as leis causais, e os processos mecânicos que realizam operações de cálculo. Assim, a estrutura cerebral é entendida como um mecanismo assimilável e simbólico, definido como uma computação, ou seja, uma operação, executada com base em elementos que representam as coisas do mundo.

Nos últimos anos, surgiram abordagens alternativas ao modelo computacional da mente, por julgarem insuficientes tais explicações dos fenômenos mentais, como espelho da natureza (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991). A abordagem contemporânea baseia-se, principalmente, na crítica do processamento simbólico, como modelo explicativo dos fenômenos, tensionando, deste modo, ciência e experiência.

Entre os múltiplos programas de pesquisa, que são agrupados sob o título de “ciências cognitivas contemporâneas”, destacamos, nesta pesquisa, a Teoria Autopoiética (MATURANA, 1999; MATURANA; VARELA, 2002) e, posteriormente, os estudos de Francisco Varela, com a Teoria da Enação (VARELA, 2003). Tomamos essa perspectiva, por entender que a circularidade do conhecimento, como veremos no desdobramento deste trabalho, não pode desconsiderar a experiência como condição *sine qua non*.

Vamos comentar também sobre os estudos, realizados acerca das tecnologias intelectuais, e os modos de conhecer de Pierre Lévy (1993). No cenário acadêmico brasileiro, enfatizamos, ainda, a grande contribuição de Virgínia Kastrup (1999), marcada principalmente pela publicação de sua tese sobre o tema da Cognição Inventiva e dos estudos do grupo de pesquisa Oficinando em Rede. O desenvolvimento de tais pesquisas reverbera não só em formulações teóricas, mas também, no modo como julgamos apreender o mundo.

Maturana e Varela (2001) tomam como fundamento não a representação, mas a operação de distinção de um observador sempre implicado. Maturana (2001) propõe que todo sistema vivo é um sistema cognitivo, e Varela (2003) reforça esta tese, acrescentando que o domínio cognitivo é um domínio experiencial incorporado, enatuado. Maturana (2001) concebe os seres vivos como sistemas autopoiéticos, ou seja, sistemas fechados, operacional e estruturalmente determinados. Nesse sentido, o viver está inexoravelmente ligado ao processo de conhecer, em que o conhecer é parte da condição do viver.

Autopoiese, segundo Maturana (1999) é uma palavra derivada de dois termos gregos: “para si mesmo” e “produzir”. Logo, um sistema autopoietico é definido por sua organização em uma rede de processos de produção de seus próprios componentes. Neste caso, as mudanças de estado, que um sistema autopoietico pode sofrer como um resultado de interações perturbatórias, não são especificadas pela propriedade da entidade perturbadora. O vivo, na concepção destes autores, se constitui como um sistema autônomo, pois está estruturalmente fechado em um processo de autocriação contínuo, em acoplamento com o meio. Assim sendo, segundo Passos e Eirado (2004), autonomia, no contexto da teoria, significa dar-se a si mesmo as suas próprias regras, embora, em uma relação de coengendramento com um meio, todos os fenômenos dependem de sua autonomia em uma relação de perturbação e não, instrução. A partir de regularidades de operações, emerge um mundo de significações em transformações possíveis dentro dos limites de sua clausura operacional. Clausura, neste sentido, é entendida como um espaço, onde a circularidade das operações ocorrem sob uma determinada organização.

É a condição autopoietica que confere à cognição a inseparabilidade de produtor e produto. No vivo, a organização é a capacidade de manutenção e conservação do sistema; a organização autopoietica é o conjunto de relações, existentes entre os seus componentes, e não se modifica. O acoplamento estrutural é uma operação, na qual o sistema vivo e o meio se modificam de forma congruente, produzindo recursividades e construindo o campo da linguagem.

O linguajar, para Maturana (2006, p. 18), “é um modo de viver juntos num fluir de coordenação consensual de coordenações consensuais de comportamento”, como veremos a seguir.

A experiência de existir em um mundo objetivo, cuja existência não dependa de nós (MATURANA, 1999) só é possível quando, na linguagem, operamos como se tais objetos existissem, independentemente de nossas ações. As considerações, apresentadas pelo autor, em relação à experiência da autoconsciência, é um exemplo disso. Sugere também que a autoconsciência pertence ao espaço relacional e que

A operação que dá origem à autoconsciência está relacionada com a reflexão na distinção do que distingue que se faz possível no domínio das coordenações de ações no momento em que há linguagem. Então a autoconsciência surge quando o observador constitui a auto-observação como uma entidade ao distinguir a distinção da distinção no linguajar (MATURANA, 1998, p. 28).

Deste modo, a noção de um “eu” constituído também passa a ser entendido como uma distinção, portanto se constitui na linguagem. Não se trata de um ente existente anteriormente à sua experiência e, sim, um efeito, uma emergência, no domínio cognitivo.

Um domínio cognitivo é aqui entendido como um domínio de ações e, não, de representação. Para Varela (2003), a experiência é proveniente da integração entre diversos módulos cognitivos – percepção, memória, emoções, temperamento. Assim, o meio não é instrutivo, ele perturba o sistema autopoietico que, ao se autoproduzir em seu (ser e fazer), conhece, fazendo distinções neste meio. A ação de (saber-fazer) é uma experiência em primeira pessoa, criada no processo do viver, por meio da história das conexões e dos encontros efetivados. Na enação, o que faz diferença é o corpo em uma rede sensório motora.

Varela (2003) comenta acerca das evidências que apóiam a visão do cérebro, como rede colaborativa e não, homogênea. O autor acrescenta que o sistema neuronal lembra mais uma “colcha de retalhos”, formada por sub-redes, reunidas através de um intrincado histórico de remendos, do que um sistema otimizado e unificado. Com isso, Varela (2003) sugere que a ciência não deve buscar a unificação de um modelo de comportamento desta rede, mas estudar as redes, cujas capacidades estejam restritas às atividades cognitivas concretas. O propósito de criar um modelo de mente não seria viável, pois, segundo o pesquisador, o ponto de articulação é a conexão detalhada entre os agentes que compõem a rede e a cognição, encarnada pelo sentir e agir, essenciais à cognição viva.

A ênfase, no conceito desenvolvido por Varela (2003), é a de que a cognição passa a ser entendida como atuação em um mundo vivido, constituído por modulações históricas, sem determinações prévias, rompendo com o postulado de que conhecer é representar. A proposição enativa da cognição é história da ação, encarnada.

Uma ação incorporada não é algo que responde a um problema, a um estímulo, mas, sim, vai ao encontro deles. Conseqüentemente, a ação enativa não é reativa, porém, propositiva. A atenção, a inteligência e a própria percepção são efeitos do processo cognitivo, são emergências daquilo que, em determinado momento, pôde enatuar, não podendo ser tomadas como estruturas anteriores ao próprio processo do conhecer. Além disso, o autor indica que a noção de um “eu” surge como uma experiência, conferindo, assim, o caráter emergente da idéia de *self*, entendendo o “si mesmo”, como efeito de uma rede de relações. Nesta perspectiva dos estudos da cognição, o caráter inventivo e corporificado ganha

importância. Na proposição enativa da cognição, a história da ação corporificada, ou seja, do acoplamento corporal, que enatua e faz emergir o mundo, está, pois, de acordo com a história de acoplamentos, aos quais estamos marcados, surgindo, assim, a realidade possível. Aqui a cognição se dá em ato, dentro de um plano com atratores e atos recorrentes. Logo, criam-se modos de fazer em comum, em relações sensório motoras, compartilhadas em um modo de operar na linguagem.

Destaca-se ainda que a proposta enativa difere da via da (re) cognição (“saber o quê”), que se dá por abstração, sendo criadas leis e regras para a resolução de problemas. Na perspectiva enativa, a novidade só existe de ato em ato. O (“saber fazer”) é a essência da ação incorporada. Através do acoplamento, o sistema cria regularidades e regras que vivem como internas em um meio; a partir daí, cria-se um mundo de ações e significações. Sendo assim, a linguagem não existe independentemente e localizada em um mundo predeterminado, antes, é o próprio mundo que emerge por meio de nosso acoplamento estrutural (VARELA, 2003). Portanto, os códigos, que estabelecemos na linguagem, são formados pela história de acoplamentos estruturais sensório motores, do domínio da conduta e fisiológico. A enação de um mundo é aquilo que pode ser realizado em uma história viável de acoplamento. Cabe ressaltar que a proposta enatista difere do dualismo da objetividade ou do hilemorfismo radical¹³.

É na via enativa (*saber fazer*), quando o conhecimento é corporificado, que são apresentados novos possíveis problemas. Essa problematização, ou perturbação, ocorre no momento em que a atividade cognitiva se desestabiliza e pode produzir uma abertura para a invenção. Essa prontidão para a ação é chamada por Varela (2003) de “colapso” ou *breakdown*, que se assemelham a pequenas quebras ou rachaduras no sistema cognitivo atual e que se dão como uma ação, orientada perceptivamente, em um mundo dependente daquele que percebe.

¹³ Hilemorfismo é o termo atribuído à teoria, elaborada por Aristóteles, e desenvolvida na filosofia escolástica, segundo a qual todos os seres corpóreos são compostos por matéria e forma (WIKIPÉDIA. **Definição de Hilemorfismo**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hilemorfismo>>. Acesso em: 07 mar. 2010).

2.2 O LINGUAJAR, O EMOCIONAR E AS REDES DE CONVERSAÇÃO

Uma das condições do humano é viver em redes de conversação (MARASCHIN, 2009), construídas conjuntamente com os sujeitos em sua “deriva estrutural”. Maturana (1999) considera que o humano se constitui na conservação de um modo particular de viver o entrelaçamento do emocional e racional que cotidianamente nos referimos como “conversar”. Em um domínio cognitivo, as regularidades, que emergem da ontogenia dos sistemas autopoieticos, não se constituem externa nem internamente ao sistema, mas, sim, no espaço relacional.

A construção da linguagem é parte do processo de conhecer, por conseguinte só pode ocorrer a partir da experiência daquele que conhece. O fenômeno da linguagem não deve ser tomado somente como um sistema de comunicação simbólica. Ele só existe como operação recorrente em coordenações consensuais de coordenações consensuais de ação (MATURANA, 1999) resultando em redes de coordenação de ação corporificados entre o linguajar e o emocional. Como na enação, supõe-se que trabalhar no campo da saúde mental com esse tipo de abordagem da cognição também irá modificar as emoções e as razões compartilhadas (linguajar). Isso tudo se constitui em um dispositivo clínico e de intervenção.

Segundo Axt e Maraschin (2005), o acoplamento, do qual resulta o operar da linguagem, é decorrência de coderivas estruturais ontogênicas¹⁴, que acontecem em espaços interativos recorrentes. Acrescentam ainda que o mundo em que vivemos foi constituído no fluir de nossas interações na linguagem e não preexiste a ele. Esta recorrência no linguajar cria não somente uma mesma realidade, mas também, visões distintas de realidade. Como Maturana destaca:

[...] há tantas realidades quantos domínios explicativos, todas legítimas. Elas não são formas diferentes da mesma realidade, não são visões distintas da mesma realidade. Não! Há tantas realidades — todas diferentes, mas igualmente legítimas — quantos domínios de coerências operacionais explicativos, quantos modos de reformular a experiência, quantos domínios cognitivos pudermos trazer à mão (MATURANA, 2001, p. 38).

¹⁴ “Ontogênese: a ontogenia é a história de mudanças estruturais de uma unidade, sem que esta perca a sua organização” (MATURANA, 2002, p. 86).

Sendo assim, as distinções surgem na linguagem: “Quaisquer distinções que façamos são operações na linguagem” (MATURANA, 2006, p. 131).

É interessante observar que aquilo que nomeamos usualmente como “experiência em comum”, como a sensação de frio, calor ou de fome, não é algo externo que possa ser correlacionado e representado. Os símbolos não preexistem à linguagem. A simbolização é secundária à linguagem, “porque o que estou dizendo é que o símbolo é uma relação que um observador estabelece no operar na linguagem” (MATURANA, 2006, p. 119). O viver coletivamente é que possibilita parâmetros de distinção. O autor reforça ainda a idéia de que o linguajar surge, quando a configuração de relações e interações que o definem começa a ser sistematicamente conservada.

O conversar é um modo de estabelecer congruências operacionais no linguajar e emocionar. Para o autor:

chamo de conversação nossa operação nesse fluxo, entrelaçado de coordenações consensuais de linguajar e emocionar e chamo de conversações as diferentes redes de coordenações entrelaçadas e consensuais de linguajar e emocionar que geramos ao vivermos juntos como seres humanos (MATURANA, 2006, p. 132).

Nas redes de conversação, nas quais estamos imersos, diferentes realidades se produzem. O desafio da utilização de recursos de produção de imagem, em relação aos modos deste pesquisar, confere à produção e exibição das imagens o propósito de apresentar as tensões ali colocadas. Kastrup (1999), partindo da proposição de que a realidade se constitui no conversar, ou seja, na experiência compartilhada, apresenta a sua base teórica no diálogo com Humberto Maturana (1999, p 47), ao afirmar que “tudo o que nós, os seres humanos, fazemos como tal, o fazemos nas conversações. E aquilo que não fazemos nas conversações, de fato, não o fazemos como seres humanos”.

Na presente pesquisa, tomar a cognição como ação incorporada, que engendra continuamente um si e um mundo, possibilita entender as produções da Oficina para além de uma representação de um mundo, independente das ações dos participantes. É no entrelaçamento do linguajar e emocionar que poderemos flagrar a cognição em ação. Mas esse entrelaçamento se faz, também, modulado pelas tecnologias videográficas.

2.3 ECOLOGIA COGNITIVA: AS TECNOLOGIAS MODULANDO AS REDES DE CONVERSAÇÃO

Em uma perspectiva ecológica da cognição, as entidades emergem, através da relação do movimento em uma existência contínua, e não, de uma essência permanente. A Oficina de Imagens, deste modo, pode ser assim distinguida como tal, pela rede de relações e encontros que estabelece. Isto expressa que a operação cognitiva humana é composta heterogeneamente pelo agenciamento de instituições, tecnologias e sistemas simbólicos (MARASCHIN, 2000, p. 57), criando-se formas cognitivas coletivas. Esse redimensionamento constitui outras formas de subjetivação e, em especial, como abordado nesta pesquisa, uma nova contribuição na atenção às experiências de sofrimento psíquico.

Nossa aposta nesse trabalho é a de que a experiência da Oficina de Imagens pode propor deslocamentos no exercício (re) cognitivo dos sujeitos. Segundo Costa (2005), a virtualização, agenciadora do fenômeno tecnológico com a vida humana, potencializa e desestabiliza antigas formas de conceber a percepção da realidade. Este processo, constitutivo e também constituinte de novos modos de ser da agência humana, produz um esvaziamento, criador de outras possibilidades de relação. As tecnologias intelectuais, marcadas pela Era Digital, modificam a relação com o tempo, a comunicação, a informação, o trabalho e, especialmente, a própria noção de inteligência e do ser cognoscente. Kastrup (1999) aponta que se trata de conhecer a experiência humana em seu caráter de atividade, de prática, ressaltando-o como mutável e fluído. Nesta perspectiva, o coletivo humano, juntamente com as máquinas, tecnologias e instituições (re)criam a si mesmos, por meio do encontro com o outro, enquanto legítimo outro.

De acordo com Lévy (2004), toda tecnologia, na perspectiva ecológica, é uma tecnologia intelectual. Deste modo, a ampliação das coletividades cognitivas a outras técnicas abre a possibilidade da dimensão virtual não contida ainda na realidade atual, indicando que uma ecologia cognitiva só pode ser possível dentro de um coletivo. Isto demonstra que ampliar, deslocar e constituir redes de conversação com esses sujeitos é colocar em questão igualmente as redes normatizantes.

Uma das vias de enfrentamento do sofrimento é viabilizar o deslocamento nas redes de conversação das quais se participa, investindo em outros modos de ser e agir, em uma

perspectiva voltada, principalmente, para ações mais coletivas e menos adaptativas (LOPES; MARASCHIN, 2009). Entender as tecnologias, assim como as instituições, em uma perspectiva para além de meras ferramentas ou meios, e, sim, como agenciadoras, possibilita a emergência de interfaces mais coletivas e inventivas. À medida que a tecnologia é desenvolvida pelo homem, passa também a modificá-lo em sua relação com o mundo. Ela é parte do agenciamento cognitivo na relação com instituições e sujeitos que modulam e são modulados pelas redes de conversação. Deste modo, a tecnologia pode ser tomada como uma tecnologia intelectual (LÉVY, 1993), pois age direta e indiretamente sobre a ecologia cognitiva. As tecnologias se transformam em tecnologias da inteligência, ao se construírem como ferramentas que auxiliam e configuram o pensamento, tendo nele, portanto, um papel constitutivo (AXT; MARASCHIN, 2005).

Em uma ecologia cognitiva, todos os membros que integram um sistema participam da criação e manutenção no processo de comunicação, e, por conseguinte não são as informações que transitam pela rede de conversação, mas, os atos de linguagem (LÉVY, 1993). Ao interagir com uma tecnologia, incorporamos esta interação como coordenações de ações, criando, assim, uma inteligência. Logo, nossa relação com os artefatos é mantida por uma operatividade complexa no agenciamento com essa rede de instrumentos.

Lévy (1993) sugere que diferentes tecnologias intelectuais geram estilos de pensamentos distintos. Um exemplo disso são as culturas orais, na passagem da humanidade pelo tempo para a oralidade, em que a estratégia de manutenção de uma representação ocorria pela operação de memorização. Posteriormente, o surgimento da escrita inaugura, de forma mais duradoura, a possibilidade de fixação da informação, e um ordenamento linear do pensamento, com o alfabeto e a impressão, constituindo, assim, outra ecologia cognitiva.

As tecnologias, presentes no campo da saúde, também apresentam diferentes vieses, que, em uma perspectiva histórica e cultural, tomaram a forma de práticas de controle e contenção, assujeitamento e aprisionamento dos corpos, equipamentos médicos, medicalização, (Foucault, 2009) entre outros. Atualmente, de acordo com os pressupostos da Reforma Psiquiátrica, abre-se a possibilidade de outras formas de relação com a tecnologia. Já é possível pensar em tecnologias para além de instrumental de trabalho.

Compartilhando da proposição de Emerson Merhy (1998), entendemos, nesta pesquisa, as aproximações epistemológicas da produção conceitual, referentes às tecnologias

leves, conforme nomeia o autor, e a argumentação, sustentada por Lévy (1993, 2004), em relação às tecnologias da inteligência.

Merhy (1998) apresenta três níveis de tecnicidade e as divide em tecnologias duras, que estariam mais centradas em processos técnicos, equipamentos e aparelhos para diagnósticos e tratamentos (raios X, ressonância magnética, etc.), como, por exemplo, sistemas computadorizados de histórias clínicas e arquivos sobre o usuário. O segundo nível técnico abarcaria as tecnologias leves-duras, em uma combinação de burocratização dos processos de trabalho e os procedimentos técnicos e estruturados, que ocorrem na relação entre o usuários e os profissionais de saúde. Por fim, as tecnologias leves que abarcam as intervenções que qualquer trabalhador ou profissional de saúde produz com o usuário em ato, como no caso da escuta clínica e do acolhimento.

O autor discute, em um de seus textos, sobre as configurações tecnológicas do trabalho em saúde no Brasil, ressaltando que:

Ao olharmos com atenção os processos de trabalho, realizados no conjunto das intervenções assistenciais, vemos que, além das várias ferramentas-máquinas que usamos – como raios X, instrumentos para fazer exames de laboratórios, instrumentos para examinar o "paciente" ou, mesmo, fichários para anotar dados do usuário –, mobilizamos intensamente conhecimentos sobre a forma de saberes profissionais, bem estruturados [...], o que nos permite dizer que há uma tecnologia menos dura do que os aparelhos e as ferramentas de trabalho e que está sempre presente nas atividades de Saúde. [...] É leve um saber que as pessoas adquiram e está inscrito na sua forma de pensar os casos de Saúde e na maneira de organizar uma atuação sobre eles; mas é dura à medida que é um *saber fazer* bem estruturado, bem organizado, bem protocolado, normalizável e normalizado. [...] além destas duas situações tecnológicas, há uma terceira, que denominamos *leve*. Qualquer abordagem assistencial de um trabalhador de Saúde, junto a um usuário-paciente, produz-se através de um trabalho vivo em ato, em um processo de relações, isto é, há um encontro entre duas *peessoas* que atuam uma sobre a outra e no qual se opera um jogo de expectativas e produções, criando-se intersubjetivamente alguns momentos interessantes, como os seguintes: momentos de falas, escutas e interpretações, nos quais há a produção de uma acolhida ou não das intenções que essas pessoas colocam nesses encontros; momentos de cumplicidade, nos quais há a produção de uma responsabilização em torno do problema que vai ser enfrentado; momentos de confiabilidade e esperança, nos quais se produzem relações de vínculo e aceitação (MERHY, 1998, p. 3-4).

Conforme apresentamos, o autor aponta diferentes níveis de tecnicidade, demonstrando, assim, a dissociação existente das tecnologias em saúde, em seus diferentes usos e fins. Mas cabe salientar que tecnologias, como a escuta e o acolhimento, por exemplo, não são garantia de que possam ser tomadas como tecnologias leves. Tais tecnologias podem também carregar uma série de prescrições e normas. Por isso, o modo de ação, o linguajar e o

emocionar, estabelecidos na interação e modulação com determinadas tecnologias, produz diferentes qualidades de redes de relações. É a sua operatividade que poderá guiá-la em uma via de abertura ou exclusão. As tecnologias não têm somente uma função de transporte ou fixação da conversa, elas também participam ativamente de sua modulação, por isto podemos propor, assim como Lévy (1993), a existência de uma ecologia cognitiva. Nesta relação entre tecnologias, instituições e sujeitos, se constitui uma dada ecologia que modula e é modulada pelas redes de conversação.

Deste modo, a contribuição desta pesquisa vai na direção de tomar a própria experimentação com a tecnologia videográfica, como um modulador das coordenações de ação, da conversa, da interação, das metáforas, para se “pensar com” e **sobre** os novos problemas que são colocados pelos participantes. Por conseguinte, poderia ser possível provocar deslocamentos no exercício (re) cognitivo de sujeitos em sofrimento psíquico grave, produzindo novos sentidos e realidades. Portanto, tal disposição para a ação se constitui em um deslocamento ético e político, criador de determinadas práticas em saúde mental. Como veremos a seguir, esse desdobramento gera políticas cognitivas distintas, que podem conceber o usuário como um agente ativo de sua realidade, não somente reinventando as práticas em saúde para além dos espaços dos serviços, como também criar intervenções rígidas, baseadas em saberes específicos, assistindo o usuário a partir da prevalência de discursos e princípios institucionalizados.

2.4 POLÍTICAS COGNITIVAS: (RE) COGNIÇÃO E COGNIÇÃO INVENTIVA

Seguindo a direção dos autores, aqui apresentados, Kastrup (2008) desdobra a discussão da cognição e confere a importância de seu caráter ético e político. O modo como concebemos e vivemos aquilo que coletivamente definimos como realidade modifica a nós mesmos, a realidade e a nossa relação com ela. Esse caráter ético e político do entendimento da cognição agrega ao campo da saúde elementos para (re) inventar a experiência humana e a sua relação com o sofrimento psíquico.

Os estudos da cognição, neste sentido, possibilitam uma desconstrução representativa da relação que se estabelece com a saúde mental e o sofrimento psíquico que passam a ser compreendidos de outro modo.

Quando tomamos o modo como os teóricos explicam o funcionamento da cognição, podemos distinguir uma política da reconhecimento e invenção. Kastrup (2008), ao se referir ao gestaltismo, por exemplo, indica que aí a aprendizagem é definida como solução de problemas, e não, de invenção destes. “As experiências de reconhecimento são aquelas que permitem o reconhecimento, prático ou consciente, de um objeto: “isto é um livro” (KASTRUP, 1999, p. 57). Além disso, na abordagem recongnitiva, determinadas experiência são privilegiadas em relação a outras.

Em contraste, o caráter inventivo da cognição é definido pela autora como a potência que a cognição tem de diferir de si mesma. Explica ainda que:

[...] a invenção não é um processo que possa ser atribuído a um sujeito. A invenção não deve ser entendida a partir do inventor. O sujeito, bem como o objeto, são efeitos, resultados do processo de invenção. [...] é a ação, o fazer, a prática cognitiva que configura o sujeito e o objeto, o si e o mundo. A transformação temporal da cognição não segue um caminho necessário, não leva a uma seqüência de estruturas cognitivas e estágios que seguiriam uma ordem invariante, como nas teorias do desenvolvimento cognitivo, mas é, antes, uma deriva, criada a partir dos acoplamentos com as forças do mundo (KASTRUP, 2005, p. 2).

O modelo hegemônico, em uma política (re) cognitiva, adota e direciona o tema da saúde mental como processo, calcado na adaptação e restituição a um estado de normalidade, mediante a solução e, muitas vezes, a eliminação de sintomas. Este modelo pode ser relacionado às ciências cognitivas tradicionais, que baseiam o seu trabalho em evidências comportamentais e neuronais. Nessa abordagem, a saúde é um estado de equilíbrio/adaptação a ser alcançado e mantido, não levando em consideração a atuação do sujeito e, sim, a atuação sobre ele. Uma política recongnitiva, nesse aspecto, pode ser entendida como aquela que a loucura segue, por ser reafirmada como diferença em uma rede. Diferença entendida, neste sentido, como aquela que se diferencia por ser anormal ou louco. Esta via sugere que a transmissão de informação sobre a doença só pode ser designada por um saber específico e privilegiado sobre ela e ser compreendida, bem como controlada por aquele que detém o seu conhecimento.

Trabalhar o tema da saúde mental, na perspectiva ecológica e inventiva (KASTRUP, 1999, 2005, 2008) dos estudos da cognição, diferentemente do modelo biologicista, parte de outra epistemologia. A política cognitiva que, em recorrência, dificulta o deslocamento do sujeito de uma posição de “usuário de saúde mental” é tomada nesta pesquisa como (re) cognitiva.

Lopes (2009) defende que as políticas de (re)cognição resultam em subjetividades na forma de um eu e pela incorporação de discursos, na maioria das vezes, normativos e disciplinadores. A invenção de políticas cognitivas inventivas (LOPES, 2009), e menos preocupada com a solução destes no sentido adaptativo, investe em novos modos de relação com o sofrimento psíquico. Tais políticas tomam o entendimento sobre o conhecer em perspectivas bem distintas e produzem discursos e práticas em direções muito diferentes. A retomada da experiência pela explicação configura-se, deste modo, como uma espécie de recongnição.

Quanto à cognição, Kastrup diz o seguinte:

o que sublinho é absoluta recusa do caráter inventivo da cognição, que é deixado de lado como um resto, como o principal resíduo da produção crítica. É a negação de que suas condições de exercício estejam sujeitas à transformação, que possam surgir novas regras de funcionamento que criem outras formas de conhecer (KASTRUP, 1999, p. 45).

Não se trata de operar somente dentro de uma invenção da cognição. O processo de reconhecimento é necessário para que possamos operar na linguagem, de modo que possamos criar congruências operacionais que só se estabelecem como linguajar e emocionar em uma rede recursiva. Assim, a cognição é vista, por seu caráter inventivo (KASTRUP, 1999), definida como a potência que tem de diferir de si mesma.

O que apontamos é que a aprendizagem se dá quando a cognição se racha, permitindo novas operatividades. Esse efeito *patchwork* possibilita novos arranjos cognitivos, passíveis de problematização e reordenamento, contribuindo na constituição das redes de conversação.

3 MODOS DE PESQUISAR

Neste capítulo, apresentamos os modos de pesquisar adotados nesta pesquisa.

3.1 O OBSERVADOR COMO DIMENSÃO ÉTICA E POLÍTICA DA PESQUISA

Iniciamos este capítulo, afirmando a condição situada na observação de Kastrup (2008). O objetivo é discutir nosso posicionamento epistemológico e metodológico em relação ao objeto aqui pesquisado. A pesquisa “intervenção”, a qual temos desenvolvido como metodologia no campo da Psicologia Social, demonstra rigor teórico e metodológico, levando em consideração os saberes individuais e coletivos que se agenciam na pesquisa.

As estratégias de pesquisa, nesta abordagem, problematizam os limites, impostos pela imersão do pesquisador na experiência. É pela necessidade de redobrar-se sobre o vivido, para poder compartilhá-lo em um movimento de subjetivação-objetivação, que se cria a necessidade de pensar um método que se proponha ao acompanhamento desse processo, deste encontro da própria autora deste estudo e o campo de pesquisa, como processo de produção de subjetividade.

Nesse sentido, a afetação que atravessa o pesquisar vai além das experimentações de um eu, afirmativo e identitário, sobre as percepções de um determinado recorte do real. Dos problemas, da queixa e demanda, na pesquisa intervenção, partimos para a problematização do campo de forças que habita esse plano. Rocha (2009) sugere que a construção do problema de pesquisa deva produzir um deslocamento das visibilidades aos movimentos cognitivos no processo bem como nos encontros e que ressoam na ampliação da rede de conversação. Assim, não é o pesquisador quem fala, mas, sim, os atravessamentos do coletivo que deixam marcas em seu corpo e ao qual empresta a sua voz.

As bases epistemológicas que norteiam esta caminhada partem da problematização ontológica dos modos de conhecer, assim a pesquisadora encontra-se implicada no próprio campo de conhecimento de onde emergem as suas questões, colocadas em um posicionamento técnico, ético e político. Deste modo, a narrativa se desenvolve em primeira

peessoa, apontando que o encontro com o campo orienta o desenrolar desta pesquisa, porém não o determina. Os primeiros encontros com a Oficina de Imagens aconteceram, norteados por duas questões iniciais: a aspiração e a expectativa pessoais de experimentar uma tecnologia audiovisual, associada à sua utilização na promoção de saúde, amparadas a partir das discussões teóricas no grupo de pesquisa, sobre a relação entre as tecnologias e os modos de conhecer. Isto posto, o começo da participação da pesquisadora nos encontros do grupo da Oficina e o seu olhar estiveram orientados por essas questões. Como já pontuado, nossa metodologia é sustentada pelo diálogo com alguns autores, em especial, na articulação com alguns operadores conceituais da Biologia da Cognição (MATURANA, 1999, 2001 e 2002), na perspectiva de uma Cognição Enativa (VARELA, 2003), com o intuito de mapear e acompanhar os movimentos cognitivos, emergentes nas redes de conversação, inseridas no marco institucional de um CAPS. O que nos levou a atuar neste contexto, a partir da vivência ali experimentada, nos conduziu à construção de novos questionamentos de pesquisa que, por vezes, reatualizaram o processo de construção da mesma. A construção da própria pesquisa tem também um caráter processual.

A perspectiva de uma cognição inventiva Kastrup (2008) aponta que o ato de conhecer é criação, então a pesquisa e o objeto se constituem concomitantemente a partir da operatividade desse encontro. A pesquisa-intervenção é retomada pelo movimento da Análise Institucional¹⁵ e da afirmação do ato político do pesquisador. A implicação se dá através da composição do próprio processo coletivo de produção de uma realidade, que não é isento de uma carga de intencionalidade, que forma e dá contorno ao corpo do pesquisador. Uma realidade que, sem se supor a única, emerge da rede de conversações, presentes no campo da pesquisa. A implicação, portanto, na pesquisa, se apresenta como modulações do emocionar, ou seja, a disposição para a ação que possibilita ou impede determinados fazeres. As emoções definem o curso dos fazeres que fazemos em nosso convívio. Sendo assim, as emoções definem o espaço relacional, no qual ocorrem as ações, de acordo com a tendência que nela depositamos. Estas relações podem ser não somente de dominação e submissão, de exigência e controle, mas também, solidárias e afetivas.

¹⁵ A Análise Institucional é uma das abordagens do “Movimento Institucionalista”, o qual iremos apenas citar neste trabalho e que surge juntamente com outras disciplinas, como a pedagogia institucional, a psiquiatria democrática, a sociopsicanálise, a psicossociologia, a esquizoanálise, a sociologia clínica, o grupo operativo, a educação popular e outros. O termo “movimento institucionalista” define uma série de teorias, práticas e experiências que têm como premissa a autogestão e a autoanálise, objetivando impulsionar experiências coletivas, criadoras de novos saberes (BAREMBLITT, 1992).

Tomamos, como foco deste estudo, os modos pelos quais os usuários de um serviço de saúde que participam da Oficina (intervenção) colocam questões e compartilham emoções por eles consideradas pertinentes, em relação às experiências pessoal, institucional e com as tecnologias. Resultando de um operar com a Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental ao longo da pesquisa, foram construídos alguns indicadores para mapear as modulações e os deslocamentos na rede de conversação que emergiram nesta, configurada no coletivo da Oficina de Imagens, a saber: as coordenações de ações, o modo de produzir distinções e o emocionar. Buscamos, ainda, avaliar os efeitos do exercício de uma política de cognição enativa em um contexto terapêutico, por vezes, ainda, predominantemente cognitivo, como no caso de consultas psiquiátricas, nas quais a base do trabalho médico é voltada para a avaliação e o acompanhamento do paciente em relação à sua terapêutica: diagnóstico, tratamento e reabilitação.

Acompanhamos os fazeres da Oficina de Imagem do CAPS II Cais Mental semanalmente, de janeiro a dezembro de 2010. Foi possível, durante esse período, experienciar as etapas do processo de construção de imagens com o grupo, acompanhando os momentos de construção de narrativas e relatos, trazidos pelos participantes, de elaboração de roteiro, filmagens, edição das imagens e sua exibição. Para tanto, foram produzidos registros semanais em diário de campo da pesquisadora. Além de descrevermos momentos da Oficina em Ação em diário de campo, foram produzidas algumas imagens com uma filmadora de vídeo, na qual é possível assistir ao ato coletivo em experimentação, à interação com os equipamentos, bem como ao seu envolvimento nas etapas do processo de produção dos vídeos da Oficina.

A partir do próximo capítulo, iniciaremos o relato de nossa experiência na Oficina de Imagens, desde a nossa aproximação inicial até a participação efetiva no grupo. Porém, antes disso, é importante acrescentar como nossa discussão sobre o tema refere-se à imagem, à sua vinculação com o objeto de nosso estudo e como este conceito atua nesta pesquisa. Estes esclarecimentos são necessários, para que possamos incidir a nossa análise às emergências cognitivas nas redes de conversação dos participantes da Oficina de Imagens.

3.2 OS FIOS QUE TECEM AS IMAGENS

São muitas as abordagens e as perspectivas teóricas que se debruçam sobre o estudo das imagens¹⁶. Neste trabalho, tomamos o dispositivo de produção de imagens videográficas como um artefato técnico, constitutivo da rede de interfaces, que modulam a cognição. Isso indica que a imagem é suporte e, por conseguinte, materialidade de uma linguagem complexa e, por isto mesmo, capaz de conduzir a problematizações bastante interessantes com relação à noção de realidade, percepção e abstração, uma vez que é entendida como apresentação e não, como representação da realidade. A imagem opera, nesta pesquisa, como um analisador importante na constituição das redes de conversação dos integrantes da Oficina de Imagens, em um operar (com) as imagens e não (as) imagens. Pois é a partir da modulação com a tecnologia videográfica que a Oficina acontece, resultando na emergência de posições de observação e relações imprevisíveis e não, contida nas expectativas do grupo.

Sendo assim, algumas discussões se apresentam inicialmente importantes, como as considerações sobre a imagem, por meio da contribuição de Villém Flusser (2002, 2007), em sua conceituação sobre as imagens técnicas. Além disso, a imagem opera em nossa análise como um linguajar (MATURANA, 1999) e, portanto, decorrente de coordenações de coordenações consensuais de ação. Mas, sendo concebida como uma imagem técnica, que opera em superfície, é preciso considerar que esse linguajar se produz em coordenação com objetos técnicos de produção e edição de imagens.

Flusser (2002, p. 7), em princípio, designa basicamente como “imagem” uma superfície que pretenda representar algo, servindo de instrumento para orientação do homem no mundo. Isto se dá em um esforço de abstrair duas das quatro dimensões do espaço-tempo, para que se conservem apenas as dimensões do plano. O autor promove uma discussão muito interessante sobre linhas e superfícies, ressaltando como estas vêm ganhando cada vez mais importância nos dias de hoje. A imagem videográfica é um dos exemplos de superfície, e o autor atenta para a urgência de problematizar como o pensamento pode operar em superfície, diferentemente da escrita, que opera linearmente. As observações sobre o tema “imagem” correm o risco de submetê-la à análise, com referência à escrita linear. A estrutura de um texto

¹⁶ No senso comum, envolve tanto o conceito de imagem, adquirida como a gerada pelo ser humano, em muitos domínios, desde um simples registro ou como na pintura, no desenho, na gravura como qualquer forma visual de expressão da idéia (WIKIPEDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem>>. Acesso em: 11 jan. 2011).

indica o modo como deverá ocorrer a sua leitura, para que ganhe sentido, devendo seguir uma série de prescrições, ou seja, é preciso ler o texto para captar a sua mensagem (FLUSSER, 2007). Já a leitura de imagens requer outra operatividade; podemos experimentá-las, primeiro, para, depois, decompô-la em sentido.

As contribuições de Flusser (2007), para sustentação do posicionamento conceitual e metodológico, quanto ao modo como o tema imagem opera em nossa pesquisa, sugerem que possamos identificar algumas relações básicas que são feitas na leitura de imagens. Essas superfícies impõem ao pensamento novas modulações, nas quais a estrutura linear da escrita não dá mais conta unicamente desse processo. O modo como a Oficina de Imagens tem experimentado esse encontro propõe que cada indivíduo se relacione, a seu jeito, com as imagens videográficas.

O autor ainda sugere que uma “imagem técnica” é aquela produzida por aparelhos, como no caso da câmera fotográfica e da filmadora de vídeo, por exemplo. Sendo estes produzidos por determinações técnicas, são indiretamente produtos de textos, ou seja, carregados de conceitos. A importância da colocação de Flusser (2007), para nossa pesquisa, segue a argüição do autor, uma vez que, sendo constituída por codificações que partem de uma linearidade provinda da escrita, a imagem é carregada de intencionalidade e prescrições. Este aspecto é bastante importante para analisar a utilização de imagens em oficinas terapêuticas, em função de sua complexidade. Deste modo, entendemos que uma imagem não se trata de uma observação de uma realidade, nos moldes de recepção de uma informação, mas, de ação e atuação. A percepção é entendida não como algo que nos é apresentado, mas, sim, que fazemos e, conseqüentemente, modificável. Reforçando o nosso posicionamento no que tange às imagens, como constitutivas das redes de conversação, retomamos o mencionado acima quanto ao linguajar concebido, segundo Maturana (1999), que aponta o caráter processual da imagem e que cria novos domínios.

A imagem, como linguagem, de acordo com a Biologia do Conhecer, pode ser entendida como uma dimensão que se concretiza a partir da estrutura de um organismo, ou seja, diferentemente do representacionismo. Não se trata, então, de captar informações imagéticas, no entanto é o resultado da própria operação perceptiva. O mais interessante é que, deste modo, a imagem, produto comum a uma comunidade de observadores, não é a constituição de “uma experiência de uma mesma imagem” compartilhada; tratam-se de experiências sensório-motoras singulares e encarnadas que, em cada indivíduo, é percebida

diferentemente e opera em congruência com outras realidades. Sendo assim, não é a imagem símbolo que se compartilha, mas, sim, a imagem operação.

Tal discussão, no que tange à imagem, é relevante, uma vez que é o objeto central do trabalho da Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental. É no atravessamento de percepção, nos discursos e nas técnicas que o fazer da Oficina de Imagens acontece. Conseqüentemente, um dos modos de validar as emergências e as regularidades na atividade cognitiva do grupo é a produção de imagens, que são o efeito e, também, produtoras de redes de conversação que, por vezes, se transformam em filmes. Tais imagens surgem ora pelas narrativas, que indicam as experiências, vividas pelos integrantes da Oficina, ora pela vontade de imaginar algo. Esse alargamento da concepção de imagem possibilita compreender que é ela também construída, podendo, então, ser entendida como uma distinção e um critério de validação, compartilhada em uma rede de sentidos.

Logo, tentaremos mapear o quanto a Oficina de Imagem do CAPS II Cais Mental pode configurar um modo de congruência operacional de reinvenção de histórias, isto é, que coordenações de ações são efetivadas e quais emocionares as tornam possíveis, através da construção de narrativas ficcionais ou testemunhais, em um fluir de coordenações e emoções.

3.3 TECIDO-IMAGEM

A produção de imagens surge concomitantemente com a humanidade. Maturana (1999) refuta a idéia de que a imagem seja a captação de um mundo independente. Assim, produzir imagens é também produzir distinções (MATURANA, 1999). As formas, no mundo, surgem, sim, a partir de distinções que são parte do domínio lingüístico, e é a história de interações recorrentes que torna possível significá-las. Segundo as bases biológicas da cognição, o observador usa tais regularidades, para caracterizar objetos perceptivos (MATURANA, 1999). Sendo assim, a imagem depende das distinções operacionais que um observador faz em suas interações com um meio.

Até agora, ajudados por Lévy (1993, 2003), Flusser (2007), Maturana e Varela (1997, 2001), tomamos a tecnologia em sentido geral. Mas qual seria, a partir de nossos interlocutores, a especificidade da modulação com uma tecnologia, como a videográfica?

Entendemos que a imagem se produz na rede informacional que compõe uma ecologia cognitiva. Deste modo, ocorrem mudanças na estrutura de nossas ações, de nosso pensamento e de nosso emocionar. A coordenação de coordenação de ações abre a possibilidade de uma inteligência coletiva (LÉVY, 2003), ou seja, distribuída por toda a parte, onde o compartilhar se torna possível. No operar com as imagens, isto é, quando estas passam a se constituir matéria operável, manipulável, modificável nas redes de conversação, elas podem, igualmente, de produto, tornar-se produtoras ou moduladoras dessas próprias redes. Mas, para assumir, na rede de conversação, a função produto/produtor da própria função autopoietica, as imagens precisam ocasionar ruptura, *breakdown* (VARELA, 2003).

É desse campo em comum que emergem as redes de conversação, ao partilharmos um linguajar e um emocionar. A constituição de um compartilhar as imagens – operada pela oficina e técnica – passa, assim, a ser entendida como produto da convivência, recorrente no linguajar e no emocionar, formando uma peça do *patchwork*. Através da ação encarnada, as imagens ganham sentido em uma rede de interfaces, composta por humanos e máquinas. A produção de uma imagem videográfica surge, deste modo, da tessitura de vários olhares, várias narrativas, que se condensam em um só plano (o da imagem), conferindo à imagem a costura de uma superfície (FLUSSER, 2007) a qual nomeamos, nesta pesquisa, “tecido-imagem!”.

Por conseguinte, a proposta de tecer imagens é levar em consideração um domínio cognitivo, que não se constitui externa nem internamente aos sujeitos, mas, a partir destas modulações, com a filmadora de vídeo e o *software* de edição de imagens no fluir de interações entre linguajar e emocionar. Essa modulação constitui-se pelo agenciamento de diferentes atores – os usuários com a sua história singular, a organização do serviço, a equipe técnica, as políticas públicas, dirigidas à saúde mental, e toda a tecnologia envolvida neste processo. Desta forma, neste trabalho, a imagem técnica se torna um dispositivo metodológico, ao possibilitar a emergência de novas conexões na linguagem, em novas experiências com a tecnologia videográfica, como parte do sistema cognitivo.

3.4 O “COMUM” COMO CRITÉRIO DE VALIDAÇÃO

Mas de que maneira podem ser validadas uma oficina e uma pesquisa intervenção? Se não há um pressuposto geral que leve a um resultado, de que modo é possível criar critérios de validação para uma experimentação singular e encarnada? Apontamos aqui o que poderia ser um dos critérios de validação nestes moldes: a análise de seus efeitos. Que tipos de efeitos uma oficina pode fazer emergir? Um dos efeitos da Oficina e que, no caso desta pesquisa, será tomado como um dos critérios de validação é ter instituído um plano comum. O “comum” opera neste trabalho como um conceito metodológico de validação.

O “comum”, como critério de validação, nos remonta à constituição de um problema. O que é “comum”? Se seguirmos a etimologia da palavra “comum”, notaremos que ela está carregada de simbologismos e da plurissemia de sentidos. Do latim *communis*, trivial ou vulgar. Comum: como “um” ou como todos.

O debate, promovido por Jullien (2008), em uma abordagem filosófica, gira em torno de três conceitos, os quais operam diferentemente nas culturas ocidental e européia, bem como na cultura oriental: o universal, o uniforme e o “comum”. A sua investigação, como sinólogo, a partir destas três categorias, tem auxiliado em seu investimento de reinterrogar o pensamento europeu a partir de fora. O autor aponta o conceito de “universal” como sendo um desdobramento da razão, apoiado na lógica prescritiva da tradição européia. Já o conceito de “uniforme” estaria mais relacionado à idéia de produção, proveniente da economia, difundindo a necessidade de ser globalizada.

O autor aponta que o conceito de “comum” é de caráter político, o qual diz respeito àquilo que se compartilha. Em suas palavras:

Na outra ponta do triângulo, está o comum, conceito que não é lógico (ou derivado da razão) como o universal, tampouco econômico (ou derivado da produção), como o uniforme, mas que, em sua essência, é político: o comum é aquilo de que temos parte ou tomamos parte, o que é partilhado e do qual participamos (JULLIEN, 2008, p. 36).

Assim, o “comum” opera como um termo de dupla face, ou seja, pode indicar a inclusão e a exclusão ao mesmo tempo, pois, ao incluir determinado perfil, poderá excluir outro, por negação. O interessante é que, nesta perspectiva, o “comum” se distancia daquilo

que o autor nos esclarecia da necessidade intrínseca que o “comum” carrega de ser validado pelo universal, como modo de evitar cair em um “comum forte” (de todos e de direito). Jullien (2008) analisa o “comum” como o lugar da partilha e, como tal, diretamente político e é, deste modo, que tomamos emprestadas as suas considerações acerca do tema.

Trazemos o conceito de “comum”, conforme propõe Jullien (2008), por entender que o mesmo possibilita avaliar a emergência do diálogo e da política, operando, neste trabalho, a partir da noção de “comum” como modo de compartilhamento. O mesmo poderá, conforme o autor, de forma simultânea, incluir e excluir alguns termos e, por isto mesmo, operar como problematizador, sendo pensado como um dos critérios de validação de uma oficina e pesquisa intervenção. O “comum”, não tomado unicamente como adjetivo, uma característica e um estado, mas, sim, operando na análise dos efeitos. Quando nos referimos, nesta pesquisa, ao plano do “comum”, tomamos a sua conceitualização pelo viés político, da pólis, como ferramenta metodológica, para problematizar a emergência de um plano de compartilhamento, por meio da edição de imagens.

O processo de produção de imagens, na oficina, ocorre em diferentes momentos: a captação de imagens, através da filmadora de vídeo; a importação das imagens para o computador; e, posteriormente, a elaboração de um vídeo, mediante a manipulação das imagens no *software* de edição *Windows Movie Maker*. É especialmente nesta última etapa do processo de edição que é possível perceber o início de uma série de negociações entre os participantes da Oficina. Na ação de editar imagens, os critérios que compreendem a montagem e a alteração de conteúdos do vídeo sensibilizam um fluxo de emoções que fazem com que o convívio das experiências singulares opere de forma dinâmica. A criação de um vídeo, na maioria das vezes, não obedece à forma sequencial, de acordo com o que é produzido nos momentos de filmagem. A sequência das imagens é reordenada, cortada, estendida, incrementada com sons e efeitos, oferecidos no *software*, que vão definindo como será o vídeo na convivência, isto é, em um entrelaçar de linguajar e emocionar que vai constituindo a rede de conversação. Essa rede poderá operar a partir de um compartilhamento em comum, que, neste caso, se cria por intermédio do vídeo editado. Este “comum”, como anteriormente apontado, consiste naquilo que pode ser articulado no grupo. Não tanto no que diz respeito ao semelhante, mas, àquilo que constituiu um campo político, no qual os participantes se posicionaram ou não diante das escolhas do grupo. O vídeo produzido é o efeito que pode, em determinado momento, emergir e onde estão contidas todas as

negociações que se desdobraram em uma sequência de imagens, constituídas a partir do posicionamento de cada um dos integrantes do grupo. Deste modo, o conceito de “comum” pode auxiliar metodologicamente nesta pesquisa, por indicar essa rede de interações que antecede o produto das oficinas, a saber, os vídeos.

4 TEMPO DE INSERÇÃO E RECORTES

A Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental se constitui a partir de diversos atravessamentos, especialmente, por se caracterizar hoje não apenas como oficina terapêutica, mas também, por acolher pesquisadores e estagiários em formação no Curso de Psicologia da UFRGS, caracterizando, assim, um espaço de diálogo entre a produção e a formação acadêmica, bem como entre as políticas públicas e as práticas em saúde mental.

Deste modo, ocorre a interseção entre os Projetos de Pesquisa “Oficinando em Rede CIAPS/HPSP, em sua perspectiva metodológica de pesquisa-intervenção e o Projeto “A Produção de Imagens como Dispositivo de Formação e Trabalho no Campo da Saúde Mental”¹⁷, coordenado pela professora Dra. Simone Moschen Rickes, nos quais é desenvolvida a pesquisa, através da noção de transferência com base no método psicanalítico. Neste segundo projeto, é desenvolvida a pesquisa, junto à Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental, desde 2008, tendo possibilitado, entre tantas outras coisas, a aquisição de recursos materiais, para o uso nas atividades da Oficina, como filmadoras de vídeo e computadores, com o propósito de realizar a edição no próprio espaço.

Durante o primeiro ano de Mestrado, período em que iniciei a minha pesquisa, pude me aproximar do fazer das Oficinas, a partir do diálogo com o projeto *Oficinando em Rede – “A produção de imagens como dispositivo de formação e trabalho no campo da saúde mental”*. Este período antecedeu a minha participação nas atividades da Oficina e se deu, mediante participação em algumas reuniões do grupo de pesquisa, anteriormente citadas. Participando de alguns encontros, foi possível apresentar minha proposta de trabalho na perspectiva dos estudos da cognição. Foi apresentado ao grupo de pesquisa o meu interesse em participar semanalmente da Oficina de Imagem, e acompanhar as narrativas construídas, os relatos, trazidos pelo grupo, a elaboração dos roteiros, as filmagens, a edição e a exibição das imagens e experimentar (com) o grupo o processo de construção dos vídeos ali produzidos.

A proposta foi acolhida pelo grupo de pesquisa, que avaliou nossa parceria como uma forma de enriquecimento e abertura do trabalho deles, tanto pelo viés da pesquisa acadêmica, quanto, da intervenção nas oficinas. Durante estes 12 meses de convívio com o grupo de

¹⁷ O Projeto *Oficinando em Rede – a produção de imagens como dispositivo de formação e trabalho no campo da saúde mental* faz parte do edital UNIVERSAL MCT/CNPq 15/2007.

pesquisadores e bolsistas, percebi que a principal cautela, quanto ao meu ingresso na Oficina, se devia aos cuidados com a condição psíquica dos participantes, pela fragilidade com que estabelecem laços sociais. Os usuários do serviço são considerados sujeitos portadores de transtornos mentais graves ou moderados e participam da Oficina de Imagens entre outras atividades terapêuticas e de atendimento individual e psiquiátrico no CAPS II Cais Mental. A grande maioria dos usuários, em atendimento no Cais Mental, tem um histórico de muitas internações psiquiátricas, prática bastante regular antes da implantação dos princípios da Reforma Psiquiátrica¹⁸.

No final de 2009 recebi por parte da coordenação da Oficina e do Projeto o convite para compor efetivamente o grupo que coordena a Oficina, em virtude da saída de um dos bolsistas do projeto. Sendo assim, passei a participar de forma imediata, das oficinas, juntamente com os participantes.

O CAPS II Cais Mental Centro é um serviço especializado da Secretaria Municipal de Saúde de POA e referência na atenção à saúde mental, destinado ao atendimento dos moradores do Distrito Sanitário da Região Central de Porto Alegre e dos bairros próximos; de pacientes, encaminhados pelas Unidades Sanitárias, pela Moradia Protegida Nova Vida, pela Casa de Apoio Viva Maria, pelo Abrigo Municipal Abrivivência; e, também, de moradores de rua, quando solicitado pela equipe de abordagem de rua da FASC, além dos que são encaminhados pelo Ministério Público. É classificado como CAPS II com relação aos parâmetros populacionais, que determinam que cidades com mais de 70.000 habitantes deverão disponibilizar este serviço, juntamente com os CAPS AD e ações de saúde mental oferecidas na rede básica.

A Oficina de Imagens é uma modalidade de oficina terapêutica, oferecida pelo serviço e surgiu em 2006¹⁹, a partir do interesse de uma terapeuta ocupacional em construir um trabalho com os usuários do Cais Mental em torno da produção de filmes. Partindo inicialmente da experiência do grupo com o projeto Cinema em Debate²⁰, a Oficina de

¹⁸ A Reforma Psiquiátrica é um movimento com base na lei nº 10.216 de 6 de abril de 2001, que preconiza o fechamento de leitos em hospitais psiquiátricos e busca com que os sujeitos, acometidos de transtornos psíquicos, possam ocupar o espaço da cidade, priorizando o atendimento em serviços de base comunitária.

¹⁹ A história da Oficina de Imagens poderá ser encontrada nas seguintes publicações entre outras: RAINONE, F. **Da plurissemia das imagens cinematográficas a polissemia do significante na psicose: uma relação entre imagens e narrativa**, 2007, e também na 1ª publicação do Programa Rede de Oficinandos intitulada: Tecnologias em Rede, com previsão de lançamento em 2011.

²⁰ A Oficina de Imagens é um desdobramento do Cinema em Debate que integra a rede de saúde mental de POA e da região metropolitana desde maio de 2003. O Cinema em Debate combina sessões de cinema em um

Imagens iniciou, naquela ocasião, com o registro de imagens, com uma filmadora caseira e, posteriormente, levadas a uma produtora de vídeo para serem editadas.

Atualmente, a Oficina ocorre semanalmente, com duração aproximada de duas horas, e é composta por um grupo heterogêneo de homens e mulheres, adultos: uma terapeuta ocupacional, participante da equipe técnica do CAPS, dois estagiários do Curso de Psicologia da UFRGS, cerca de oito usuários, do Serviço de Saúde Mental e por esta pedagoga e pesquisadora que apresenta este relato. A Oficina é aberta, isto é, permite que se participe das suas atividades, ficando ou saindo do grupo se assim o desejar. Muitos usuários vão uma vez e não voltam outros estão na oficina regularmente. Por isso, os participantes nem sempre são os mesmos, embora muitos permaneçam há bastante tempo ali. Assinala-se que semanalmente é recebido um novo integrante, algum usuário que vem conhecer a atividade, etc.

No desenvolvimento da atividade da Oficina, foram dispostos os equipamentos que iríamos utilizar, como um *data show* (projetos de vídeo), computador, filmadora de vídeo, microfone, gravador de voz e *software* de edição de imagens. Nesse período, conversamos sobre diferentes assuntos e discutimos sobre questões variadas e de interesse de todos e de cada um. O fazer da Oficina ocorre sem um procedimento dado *a priori*, entretanto acaba, muitas vezes, se desdobrando em diferentes etapas que vão, desde a narrativa, a criação de roteiro, a filmagem, até a edição e a exibição dos vídeos.

Os temas elencados são matéria para a invenção de histórias e de roteiro inicial das filmagens. Durante o processo de criação do roteiro, ou melhor, da história a ser filmada, cada participante contribui com idéias, material visto em filmes, revistas, programas de televisão e eventos cotidianos, que vão compondo o assunto que irá ser filmado e editado. Em alguns momentos, usa-se a câmera filmadora, para experimentações que serão assistidas apenas pelo grupo. A partir do movimento de escolhas das imagens e de preferências pelos temas, estes surgem no coletivo, para composição das imagens a serem produzidas. Até o momento, foram produzidos seis vídeos nas oficinas. Sobre a experiência inicial de contato com o material produzido pelo grupo, segue um fragmento dos primeiros registros em diário de campo:

espaço da cidade e propõe a abertura à discussão sobre o filme assistido (FROEMMING; RAINONE, 2008, p. 72). A prática iniciou com o acompanhando dos pacientes que frequentam os serviços de saúde mental ao cinema e, desde então, o evento tem ocorrido com exibição de filmes, locados e exibidos na sala P. F. Gastal, da Usina do Gasômetro em Porto Alegre.

“[...] vídeo-ficção que foi roteirizado, filmado e editado por um grupo de usuários e técnicos de um serviço de saúde mental. Ao assistir ao vídeo, alguns efeitos surpreendem, como os ângulos das tomadas, o tremor das mãos do operador da câmera. O vídeo produz um outro conversar sobre algumas coordenações de ações que nos habituamos denominá-las como ‘realidade’. Na superfície das imagens em ação, é possível mapear novos linguajares e emocionares compartilhados. Quando a conversa, a partir do acoplamento com tecnologias do vídeo, pode diferir, o sujeito da doença deixa a cena, para a emergência de outras ações. Já não é possível distinguir, com nitidez, o usuário, o técnico, mas, um agenciamento coletivo” (Fragmento do Diário de Campo, maio 2009).

Esse fragmento é parte dos primeiros registros durante a minha aproximação com o espaço da Oficina de Imagem. Esta é a fala sobre os efeitos de um dos vídeos na modalidade de ficção, produzido em 2008 pelo coletivo da Oficina, “Beigia, uma história de vida”, quando o mesmo foi assistido. A tecnologia videográfica não parecia inicialmente ser tomada apenas como ferramenta de captação de imagens. Ela também compunha outro operar, outro linguajar. A história, contada através das imagens, era composta por vidas diversas, com recortes singulares que coletivamente formavam a história.

A partir do relato da coordenadora das oficinas, cada um dos participantes **sentiu-se** autor da história, também reconhecido na rede que compôs. Esta história foi construída coletivamente, na elaboração do enredo e na edição das imagens que também era a do outro na construção de uma história coletiva que mistura as narrativas, mesmo que em um arranjo tão diferente de elementos. Havia algo para além da dimensão técnica mais dura, enquanto representação da realidade ou da instrução do equipamento (filmadora, computador, *data show*). Tratava-se de um pensamento coletivo, encarnado e atualizado na percepção dos participantes e inscrito nas imagens em movimento, dando novos usos à tecnologia em questão.

Deste modo, minha chegada à Oficina seguiu inicialmente acompanhada da seguinte pergunta: Como a modulação às tecnologias pode (re) configurar as redes de conversações entre usuários e trabalhadores de um serviço de saúde mental? Conforme fomos avançando no relato desta experiência de pesquisa, fica claro que tal questão inicial não teve o intuito de propor nenhuma nova intervenção ou modificar o curso das atividades da Oficina, mas, sim, nortear nossos registros. À medida que minha participação no grupo aumentava, conforme apresentamos nos capítulos seguintes, nossa questão inicial de pesquisa foi sendo reconfigurada, uma vez que minha atuação no grupo operou como intervenção e, portanto, abriu novas questões que não haviam surgido no grupo ainda.

Após quase um ano de aproximações e tratativas, iniciei minhas atividades junto à Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental. Encontros, por mais que previsíveis, produzem efeitos sempre inesperados. Minha chegada foi marcada pela velocidade dos acontecimentos: o grupo, já participante da Oficina, estava em pleno desenvolvimento de suas atividades. As que pude acompanhar, nesse período, giravam em torno da produção de imagens pelos usuários, a partir de roteiros escritos e elaborados: as suas vivências e os seus relatos. O modo de operação deste espaço tem sido a produção de momentos de fala e escrita acerca de questões, trazidas pelos sujeitos, participantes do grupo (RAINONE, 2007). Impressionei-me com o fluxo dos acontecimentos e embarquei em seu ritmo. Este momento foi bastante particular: era o mês de janeiro, período de férias, o que dava a idéia de descontinuidade das atividades que recomeçariam no início do mês de março. Minha aproximação com o grupo acompanhou a proposta da coordenadora da Oficina e, naquele momento, a sugestão foi a de que, durante o mês de janeiro, pudéssemos iniciar uma atividade, marcada por início, meio e fim, ou seja, que pudéssemos experimentar todas as etapas de construção de um filme.

Foi, neste ritmo, que iniciei a minha participação no grupo, e talvez, pelo ritmo acelerado, tenha sido possível juntar-me, de forma bastante rápida, a ele, produzindo uma nova configuração ao mesmo. No decorrer da pesquisa, foi eleito, como recorte para a produção de dados para análise, o período entre os meses de janeiro a dezembro de 2010.

A Oficina, até pouco tempo, era composta por dois alunos estagiários do Curso de Psicologia que, juntamente com a técnica, coordenadora da atividade, operavam as intervenções do grupo, constituído a partir de um referencial psicanalítico. Naquele contexto, a “palavra” ganhou destaque, pois foi esta que permitiu a produção de um objeto – o filme – no qual os seus participantes puderam, de variadas formas, inserir algo que lhes dissesse respeito.

Certamente, a minha chegada despertou interesse e também algum receio: “[...] *quem é ela? [...]. O que tu vieste fazer aqui? [...] Tu és da Psicologia?*” Estas e outras interrogações abriram caminho para que pudesse apresentar a motivação que me trazia ao grupo naquele momento. Era uma mistura de explicação do motivo pelo qual eu queria participar da Oficina, ou seja, o desejo de estar e de fazer parte dela. O meu interesse, como pesquisadora, nesse período, ficou em segundo plano e me identifiquei apenas como aluna da universidade, bastante interessada pelo mundo das imagens do cinema e audiovisual. A forma pela qual entrei no grupo facilitou a assimilação de minha presença ao ingressar

adaptando-me a uma atividade que já era realizada. No entanto, visto que este já estava operando junto já há algum tempo, houve, com o meu ingresso, certa perturbação ao agregar mais uma operatividade ao modo como aquele sistema de relações vinha ocorrendo.

Sem conotação de olhar técnico, pude, naquele momento, trazer certa possibilidade de compartilhamento de interesses em comum, ocupando o lugar de mais um integrante da Oficina, facilitando, assim, a ação do grupo. Muitos questionamentos e inquietações surgiram como efeito deste primeiro encontro. Lançamo-nos à experiência de captação e produção de imagens, para a produção de um filme. A partir dos relatos trazidos, escrevemos, coletivamente, o roteiro que se materializaria em imagens, gravadas pela filmadora, para que, nas semanas seguintes, fossem editadas, cortando e acrescentando outras falas, imagens e sons.

5 POR UNS POUCOS RETALHOS

O objetivo deste capítulo é a retomada da experiência de imersão na Oficina de Imagens, conduzindo o leitor a alguns dos momentos do processo de criação do grupo. Operando não somente como recorte de uma experiência vivida, os três “retalhos”, que constituem esse capítulo, servem também como método para acompanhar (fazer com) o exercício de organização das redes de conversação, apresentadas por meio de algumas passagens e falas, expressas no fazer das oficinas. As coordenações de ação desdobraram-se em coordenações de coordenações de ação, através de um linguajar e um emocionar, culminando em um momento de problematização do grupo com relação às imagens, produzidas com a filmadora de vídeo. Essa experiência enativa (corporificada) possibilitou a ampliação e também o deslocamento nos fazeres da Oficina, conforme serão discutidos no Capítulo 6.

5.1 RETALHAÇÃO

Em um dos momentos da Oficina, conversamos sobre possíveis temas que gostaríamos de desenvolver nas filmagens seguintes. Na conversa do grupo, emergiu a temática do alistamento militar, trazida à cena por um dos integrantes. Comentou que, em breve, ingressaria no serviço militar. Outro colega apontou que o seu irmão era militar e que gostaria muito de seguir esta carreira também, mas que ficara muito triste, porque fora dispensado durante o alistamento. O grupo propôs incluir, no roteiro do filme, a história de um rapaz que estivesse ingressando no serviço militar. Uma das meninas disse que assistia, todos os dias, a um programa na televisão chamado “Malhação” e que o mocinho da história chamava-se Bernard, que só gosta de tocar música, e os pais dele não diziam nada. Sugeri que a nossa versão da história ganhasse o título de “Retalhação”, em alusão ao programa televisivo “Malhação” – ID²¹.

Pensamos que a história poderia ser a de um jovem, chamado Bernardo, que não queria estudar nem se alistar, só tocar violão. Relatamos que os seus pais estariam passando por

²¹ MALHAÇÃO ID é uma série adolescente brasileira, produzida e exibida pela Rede Globo de Televisão. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Malhacao>>. Acesso em: 09 jan. 2011.

dificuldades para lidar com ele, já que sua mãe achava que ele deveria se alistar, enquanto o pai era bastante permissivo. Na história, Bernardo teria uma namorada, chamada Cíntia, que o amava muito, mas não concordava com a vida dele, só dedicada à música. Mencionamos que alguns amigos dele também queriam incentivá-lo a tocar e a abandonar o alistamento. Apostando na possibilidade de rodar a produção das imagens a partir da história contada, começamos a planejar quem faria o que (filmar, operar o microfone, encenar os personagens, etc.) O grupo apontou um dos participantes, como o Bernardo; outros dois, como pai e mãe; a amiga da mãe; os amigos da banda; a namorada; e a amiga dela.

Este pequeno recorte traz um relato do grupo em ação. Muito embora não tínhamos como objetivo propor a análise dos conteúdos e, sim, o modo como cada operação se deu e reconfigurou as outras, é interessante destacar que os relatos da história construída indicam uma série de atravessamentos: como a família, o trabalho e os relacionamentos que, em conjunto, apontam uma rede de conversação, constituída a partir de determinadas concepções. Tais ações tomam noções compartilhadas em outras redes (familiares, midiáticas) e se atualizam nos corpos que se constituem como representação de um modelo de realidade a ser vivida, em uma política (re) cognitiva. Isto permite pensar que a ecologia, que sustenta os modos de viver e conhecer do grupo, se produz, a partir de determinado posicionamento ético e político. Os fios que tecem os modos de viver e conhecer do grupo não são neutros, ao contrário são carregados de determinada organização que produz um estatuto de realidade. O efeito da colagem a identidades, marcadas pela recorrência dos modos de dever ser jovem, pai, mãe, namorado e amigo, percebidos pela construção da história, se atualizam no decorrer dos encontros seguintes, nos momentos de produção das imagens, filmadas com a câmera videográfica.

5.2 O PACIENTE IMPACIENTE

Iniciamos os encontros da Oficina de Imagens no mês de março, com a perspectiva de novos temas para criação de vídeos/filmes²². Este foi o primeiro encontro depois do período de um mês de férias, no qual não tivemos nenhuma atividade. Retornando às oficinas, conversamos e fizemos algumas combinações para as atividades do ano. Cada um contou

²² A opção de apontar as imagens, como vídeo e filme, ocorre aqui, em razão de o grupo intitular as imagens que produz como filme, embora as mesmas sejam produzidas com uma tecnologia videográfica, ou seja, com câmeras filmadoras de vídeo.

como havia sido o período em que esteve afastado da Oficina e quem tinha ido ao CAIS durante o mês de fevereiro para consulta e/ou acompanhamento. Paulo²³ comentou que havia tido muita indisposição durante o mês, sentindo mal estar e tonturas. Contou que a sua indisposição havia passado e estava se sentindo melhor. “*O calor que está fazendo neste verão causa este tipo de sintoma*”, disse ele, apontando, na direção do bolso de sua camisa, a carteira de cigarros, como principal causa de sua indisposição. Este comentário direcionou a conversa para as lembranças das filmagens do vídeo sobre o fumo²⁴ e de como era interessante pensar que, em um filme, quem falava sobre cigarro era uma das figuras que idealizava e compunha as filmagens (Paulo) e permanecia fumando. Com a chegada de Ângela, a conversa voltou-se para as filmagens que haviam sido realizadas no período de janeiro durante as oficinas de verão. Acrescentou ter assistido a um filme sobre música e que adorava as da cantora, Alcione. Então, cada um falou sobre uma música, cantor ou bando da qual gostava.

Hélio, nas raras vezes em que falou, contribuiu para a conversa, dizendo que continuava até hoje escutando as bandas de *rock* que ouvia na sua juventude. “*Quando eu era mais novo, eu me reunia na casa de algum amigo, e a gente ficava ouvindo The Purple e Led Zeppelin no toca-discos*”. Francilene escreveu, no caderno das oficinas, as sugestões para a construção do próximo vídeo do grupo e sugeriu escolher algumas músicas para a trilha sonora, de acordo com o gosto musical de cada um. O tema das músicas, preferidas de cada um, desdobrou-se em um diálogo sobre ritmos e gêneros musicais, em que cada um indicava as suas preferências, de acordo com seu gosto e a sua idade. Cada um disse a sua idade, e verificou-se que o grupo estava formado por diferentes gerações, como as da década de 60, 70 e 80. Com isso, algumas recordações foram surgindo, como os comportamentos de cada época e as coisas, os gostos as gírias e a moda (aspectos estes que vão mudando com o passar do tempo).

²³ Mantivemos, nesta pesquisa, o nome próprio de cada um dos participantes da Oficina da Imagens do CAPS Cais Mental, por entender que a autoria tem operado de forma a ampliar as redes dos usuários. A exibição, em eventos na cidade, dos filmes produzidos na Oficina, como o Encontro Nacional de Estudantes Antimanicomiais – ENEAMA 2010, em POA – tem, assim, reforçado a posição de autoria dos usuários. Além disso, outro fator que demonstra a vontade de protagonismo é o filme “Imagens” de Paulo Bueno que leva, no título, o nome de um dos autores do vídeo (usuário do serviço de saúde mental).

²⁴ *Imagens de Paulo Bueno* é o primeiro vídeo filmado e produzido pelos integrantes da Oficina de Imagens, tendo seu roteiro sido elaborado através das questões que Paulo trouxe sobre a sua relação com o cigarro e com as inúmeras tentativas de parar de fumar. O vídeo fala de pessoas que fumam cigarro ou querem parar de fumar, dos efeitos prejudiciais do tabaco aos fumantes e de como as pessoas lidam de diferentes maneiras com o este vício (RAINONE, 2007).

Sugeriu-se que cada um levasse, no encontro seguinte, alguma música de que gostasse, a fim de colher informações para a montagem do próximo vídeo. No encontro posterior, iríamos editar as imagens, produzidas com as filmagens do mês de janeiro, e assistir ao vídeo/filme finalizado, para depois iniciar um processo mais demorado de escolha de novos temas para roteirizar, filmar e editar. No encontro seguinte, retomamos as propostas para a Oficina durante o ano de 2010. Possibilidades foram elencadas e expostas para os participantes. Algumas sugestões foram feitas, como a vontade de alguns em produzir um filme de ficção. Já outro participante relatou que, há muito tempo, tinha o desejo de fazer um filme de terror, em que a cena final fosse rodada com a seguinte fala: “*Estão todos mortos*”. Em um primeiro momento, todos se olharam, e acabamos rindo bastante da proposta, sendo o gênero “terror” sido anotado no caderno da Oficina, juntamente com as outras propostas. Thiago ressaltou que gostaria que o filme de 2010 fosse “menos pesado” que alguns outros e os temas abordados fossem mais alegres do que tristes.

Em outro encontro, iniciamos a Oficina com a montagem do equipamento de multimídia (*data show*, *notebook* e telão). O mesmo fora instalado, para a finalização da edição do vídeo da Oficina de Verão – roteirizado, filmado e editado em janeiro de 2010. Francilene, técnica do CAPS e responsável pela realização das oficinas, falou sobre a chegada de novos equipamentos, a partir do Edital que consolidara as ações do CAPS ao Programa de Pesquisa e Extensão Rede de Oficinandos, em uma parceria com a UFGRS. Listou o equipamento recebido e referiu entre eles: duas filmadoras de vídeo portáteis, diversas *webcams*, um microfone profissional, além de indicar o recebimento de três novos computadores, DVDs e alguns outros materiais, recebidos pelo Programa. Surgiu, então, o interesse em saber sobre a chegada dos computadores. Os integrantes do grupo perguntaram se os três computadores estariam à disposição na sala da oficina. Francilene colocou que dois deles seriam instalados nessa sala e o outro, na secretaria do CAIS. Além disso, anunciou que, no remanejamento e na realocação dos computadores, um deles seria instalado no andar térreo do Cais Mental, para estar à disposição dos usuários, junto à sala de convivência. Foi discutido pelo o grupo que, a partir deste momento, a Oficina de Imagens estaria mais bem equipada, podendo, portanto, realizar as suas filmagens de modo a tornar as produções mais profissionais e técnicas.

Reiniciou-se a edição restante das imagens, produzidas durante o mês de janeiro. O vídeo, já editado, foi reproduzido e assistido pelos participantes que retomaram os comentários sobre os cortes e os ajustes necessários, além da sincronização da música,

escolhida para o encerramento do filme. Após o consenso sobre o término da edição, o processo de transformação em filme foi iniciado no programa de edição de vídeos *Windows Movie Maker*. A operação de edição final, para salvar o filme, foi lenta e, durante este tempo, Francilene reapresentou a proposta de trabalho da Oficina para o ano de 2010, lembrando que, durante este ano, o grupo poderia eleger temas de seu interesse, como modalidades de filmagem, ficção, documentário, musical, etc. Um comentário sobre a demora do término do filme, iniciado em janeiro, trouxe a questão referente ao tempo, o que desencadeou a conversa acerca da demora para a produção de um filme, ou seja, a necessidade de filmar um número muito grande de horas, para que, no fim, algumas poucas horas estejam prontas para a exibição, como no caso de filmagens cinematográficas que levam até 5 a 6 anos para a produção final de um filme de 2 horas de duração, por exemplo.

Foram distribuídos entre os participantes DVDs, com a gravação do filme “Lição de Vida” (título atribuído às imagens filmadas e editadas em janeiro e março respectivamente), a fim de que cada um pudesse levar consigo a produção. Levou-se a pauta do encontro sobre o processo de escolha e descarte de um filme, por ser este realmente demorado e minucioso, podendo uma história de filmagens ou roteiro e intenções iniciais serem reescritos de forma totalmente diferente daquela primeira versão, pela possibilidade de edição, reedição, corte, inversão da disposição temporal das imagens, trilha sonora, etc. Foi comentada ainda a importância da trilha sonora para a produção de um filme.

Paulo sugeriu como tema o “paciente impaciente”: “*Tive uma idéia! O filme vai ser sobre o paciente impaciente*”, disse ele, e, a partir de então, iniciou-se uma rodada de conversa sobre os interesses e as temáticas para as próximas filmagens. Beatriz compartilhou as lembranças de suas experiências, como usuária da saúde pública, dizendo que “*se a gente chega atrasado ao CAPS, a gente corre o risco de não ser atendido, mas, quando os terapeutas se atrasam, a gente tem de esperar*”. Clara também recordou e relatou acerca do atendimento que havia tido em um momento em que teve uma crise, em que precisou recorrer à rede pública de saúde. Os primeiros contornos do que viria a se tornar o vídeo, produzido posteriormente, iniciaram a partir desta conversa. Salvamos, na área de trabalho do computador e no *notebook*, as fotos dos integrantes da Oficina, que poderiam vir a compor o filme, juntamente com as imagens de vídeo.

5.3 O QUE É SER DIFERENTE?

Retomamos a conversa do encontro anterior, na qual o tema da saúde mental, do paciente que espera e o paciente impaciente estava em jogo. Desse primeiro contorno, surgiu a idéia de pensar a diferença: *“Por que a gente não faz um filme sobre a diferença?”*, alguém propôs, e, a partir disto, combinamos de sair em dois grupos para filmar e entrevistar as pessoas, agora com o seguinte questionamento: *“Para você, o que é ser diferente?”* Essa pergunta foi a escolhida pelo grupo após a negociação de algumas outras idéias, sugeridas, como: *“O que é ser diferente para você? Estando na moda, você acha que está sendo diferente? Você acha que, por ser diferente, você vai ser aceito? Ao escolhermos a pergunta para a entrevista, fomos nos dividindo em dois grupos; um deles filmaria as entrevistas no espaço do Cais, enquanto o outro faria as imagens externas. As filmadoras utilizadas foram as portáteis Samsung, pois a grande estava sem bateria. Inicialmente, descemos todos para o andar térreo, com o propósito de entrevistar o vigia, Thiago, segurando o microfone, olhava para a câmera, operada por Paulo, e pergunta ao vigia que se encontrava a seu lado. “Bom dia, nós somos da Oficina de Imagens e estamos perguntando para as pessoas o que é ser diferente. “E, para você, o que é ser diferente?”* Após o testemunho do vigia, cada grupo se dirigiu ao local combinado para as filmagens e, cerca de 20 minutos depois, retornamos à sala para transferir as imagens para o computador portátil (*notebook*), exibindo e compartilhando as imagens, criadas por cada um dos grupos, com a projeção das mesmas em telão pelo *data show*. Comentamos, brevemente, sobre as imagens produzidas, as pessoas entrevistadas e as suas diversas respostas. Valquíria se surpreendeu com as imagens que havia feito com uma das filmadoras portáteis. Segundo ela, as imagens haviam ficado desfocadas e bastante tremidas. A mesma riu e disse que estava envergonhada, por ter perdido a entrevista que ela e Clara fizeram com uma pessoa na calçada em frente ao CAPS. O grupo comentou que talvez fosse preciso maior familiarização com as novas filmadoras, para a produção das próximas imagens.

Assim, iniciou-se o processo de produção do filme *“O que é ser diferente?”* Esta foi a escolha do grupo para nomear o filme que seria produzido, ao longo do ano (2010), pela Oficina de Imagens. Nos últimos três anos, a Oficina de Imagens tinha apresentado, nas comemorações de Natal e de encerramento do Cais, as imagens, produzidas na Oficina ao longo do ano. Em forma de filme de vídeo, o grupo compartilhou a sua produção com os

colegas usuários e a equipe do CAPS, apresentando aos seus integrantes o que cada um desenvolveu para que fosse possível a elaboração do filme. No ano de 2010, como já havia sido feito anteriormente, o material, rodado durante o ano, seria editado e apresentado nas comemorações natalinas e em outros eventos no Cais.

6 EMENDANDO E TECENDO OS RETALHOS

Este capítulo está dividido em três momentos. Inicialmente, no item 6.1, apresentamos a Oficina de Edição de Imagens Descartadas e o seu surgimento, a partir dos problemas com os quais os participantes da Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental se depararam ao organizar imagens para a produção de um filme. Diante disso, foram criadas algumas linhas de análise, através do marco da Oficina de Edição de Imagens Descartadas, por ter este se apresentado como um modulador importante das redes de conversação que emergiu na experiência com a Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental.

Deste modo, apresentamos, no item 6.2, a partir do referencial teórico sobre as redes de conversação, ecologias cognitivas e políticas da cognição, a retomada dos objetivos da pesquisa, com o propósito de responder aos temas eleitos com relação à potência dos recursos tecnológicos de produção videográfica, como modo de intervenção em saúde mental; a saber: os movimentos cognitivos (coordenações de ação, deslocamentos, modulação), emergentes na rede de conversação, e os regimes de visibilidade que se instauraram no coletivo da Oficina.

Apostávamos, inicialmente, que a experiência de edição de imagens potencializaria o plano relacional e coletivo, ampliando as coordenações de ação entre os participantes. Deste modo, foram desenvolvidos três focos de análise, por meio de indicadores de modulação/deslocamento nas redes de conversação, em diferentes níveis, levando em consideração as relações subjetiva, grupal, institucional e com as fora da Oficina.

No final do capítulo, no item 6.3, “Costurando superfícies”, trazemos, ainda, algumas considerações sobre a tessitura das imagens e os efeitos desta operação: os filmes produzidos nas oficinas.

6.1 A OFICINA DE EDIÇÃO DE IMAGENS DESCARTADAS – O EFEITO PATCHWORK COMO OPERADOR DA REDE DE CONVERSAÇÃO

A “Oficina de Edição de Imagens Descartadas” constituiu-se, ao longo desta pesquisa, como um importante marcador da experiência de imersão na Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental. Organizada como uma oficina dentro da Oficina de Imagens, escolhemos assim nomeá-la, a fim de distinguir ambas as ações na apresentação deste trabalho. A invenção da “Oficina de Edição de Imagens Descartadas” ou – OEID , assim como a chamamos, ocorreu como intervenção, realizada durante alguns dos encontros da Oficina de Imagens, ao longo do ano de 2010, tendo partido de uma sugestão desta pesquisadora. Esta atividade foi acolhida pelo grupo, por meio de um questionamento, surgido em um dos encontros que precederam a atividade a seguir referida. Uma oficina, na perspectiva construída em nossas pesquisas e ações, é entendida como um dispositivo ético e também político de intervenção psicossocial, assim como um espaço de aprendizagem enativo, no qual a tecnologia que opera não contém, em si, uma função ou modo de fazer, mas, sim, amplia o modo como é possível se relacionar com ela (fazer com). A OEID deslocou algumas coordenações de ação no que se refere à oficina de Imagens, fomentando outras coordenações de ações, distinções e emoções. Destacamos que a apropriação tecnológica por parte dos usuários e a possibilidade de (re) colocar a questão da eliminação de algumas imagens ampliam a convivência da rede da Oficina, produzindo outros modos de relação com os fazeres, como, por exemplo, o deslocamento de um usuário operando a edição das imagens.

Antes de iniciar o relato de como fora desenvolvida a OEID, retornemos às implicações deste estudo. Conforme desenvolvido no Capítulo 3 deste trabalho, “Modos de Pesquisar”, uma das estratégias em uma pesquisa-intervenção tendo como objeto de estudo “as interações” (LOPES, 2009) é o acompanhamento de um processo em curso, em ação, para, a partir desse encontro, objetivar os efeitos da experiência, tornando-os compartilháveis, sem que se solidifiquem em prescrições teórico-metodologias abstratas e universalistas. Na pesquisa aqui desenvolvida, o caráter circunstancial ganha imensa importância, pois foi esse entrelaçamento que tornou possível seguir os rumos que a pesquisa veio a tomar em seu desdobramento.

Ainda, no período de aproximação e tratativas para participação na Oficina de Imagens, a idéia era a seguinte: precisava-se acompanhar os encontros que ocorriam no

espaço do CAPS, para, então, produzir a discussão sobre a operação das redes de conversação que ali existiam, fundamentadas pelos estudos da cognição na interface com as TIC (MATURANA, 1999, 2006; VARELA, 1994, 2003; LEVY, 1993, 1998; KASTRUP, 1999).

Dessa maneira, o curso de minha participação nas atividades da Oficina se contornava, por meio de um marco teórico bastante claro e definido, porém, não hermético. Meu ingresso no grupo foi guiado pelo tema da constituição das redes de conversação, quando me perguntei: Como a modulação às tecnologias poderia (re) configurar as redes de conversação entre usuários e trabalhadores de um serviço de saúde mental? (cfe. p. 19).

No decorrer de nossos encontros, no término de um período de filmagens, o grupo se reuniu em torno dos equipamentos (duas filmadoras portáteis, uma filmadora profissional, cabos, *notebook* e *data show*), com o objetivo de importar e armazenar as imagens, produzidas nas filmadoras, em uma pasta na área de trabalho do computador portátil, identificada como: “Imagens para o filme O que é ser diferente?”. Neste exercício, me foi conferida a tarefa de instalar e manusear os equipamentos, uma vez que a maioria dos integrantes da Oficina nunca exercitara antes o contato com a informática e, como decorrência, nunca trabalhara com o *software* de edição de imagens.

Após assistirmos às imagens feitas, algumas pessoas, no grupo, se mostraram incomodadas pelo resultado de suas filmagens. Em virtude de algumas das imagens terem sido consideradas ruins para a composição do filme sobre a diferença, o grupo se viu diante de uma questão: O que fazer com as imagens que não serviriam para o filme? Tais imagens foram aquelas consideradas pelo grupo como fora de foco, sem enquadre, tremidas, com áudio ruim ou ainda as descontextualizadas do propósito inicial de produzir entrevistas, como, por exemplo, a imagem enviesada de um copo vazio em cima de uma mesa, que fora filmada em um momento de teste, bem como a questão referente à familiarização aos equipamentos. De acordo com o acordado coletivamente, foi decidido que tais imagens não seriam deletadas e, como solução temporária, a pasta, destinada inicialmente a armazenar as imagens para o filme “O que é ser diferente?”, foi subdividida em duas, em seu interior. Uma delas levou o título “O que é ser diferente?” e armazenava a seleção de imagens que entraria no filme sobre a diferença. A outra pasta, com o título “Imagens Descartadas”, continha as imagens que, por diferentes motivos, decidimos descartar inicialmente do filme. Salvas todas as imagens, retomamos o tema, a partir do questionamento acerca do que levou cada um a entender aquelas imagens como ruins.

Sugeri que, na semana seguinte, fizéssemos uma experiência, a de uma oficina de edição dentro da oficina de imagens, ou seja, que pudéssemos compor uma história com as imagens que descartamos do filme. O grupo aprovou e se interessou pela possibilidade de “aprender” a operar o computador e o *software* de edição, *Windows Movie Maker*. Beatriz reforçou o interesse para que déssemos um sentido àquelas imagens “*que ficaram diferentes*”, comenta, já que, afinal, a questão principal, na construção do filme, era sobre a diferença. Acrescenta ainda que, “*Se o filme é sobre ser diferente, a gente não pode querer fazer um filme que nem o dos outros*”. O grupo reafirmou o interesse em experimentar trabalhar com edição, e demos início à OEID na semana seguinte. O processo de edição, na composição de um vídeo ou filme, pode ser caracterizado como o momento de montagem das imagens, envolvendo a decisão sobre possíveis recortes e efeitos, a inserção de sons e trilha sonora, as legendas e a (re) organização da sequência das cenas.

Os “outros” filmes, aos quais nos referimos de forma geral, englobavam os mais diversos temas em nível comercial ou ainda aqueles hospedados em *sites* na *Web*, como os vídeos, os filmes e os clipes postados no *YouTube*²⁵; como em um dos encontros da Oficina em que iniciamos a procura por vídeos, relacionados com o tema da saúde mental. Localizamos algumas imagens e assistimos a um dos vídeos que se chamava “O Buraco no Espelho”, no qual eram exibidas imagens, montadas com a tecnologia da fotografia, aliada à animação e som. O grupo o assistiu e achou interessante o modo como fora produzido as imagens, porém, um tanto triste, pelo tipo de mensagem que ele passava. Procuramos também algumas imagens da TV Pinel²⁶ e assistimos aos trechos do filme “O Bicho de Sete Cabeças”²⁷, que continha fotos e legenda. Um dos integrantes comentou que as frases estavam sobrepostas às imagens e que ficaria melhor se a letra fosse um pouco menor. Beatriz comentou sobre a produção do filme, dizendo que possivelmente o produtor tenha tido justamente o interesse de ressaltar a legenda com a mensagem, deixando as imagens apenas como pano de fundo.

²⁵ YOUTUBE. Disponível em: <<http://br.youtube.com/>>. Acesso em: 05 jan. 2011.

²⁶ A TV Pinel é um projeto do Instituto Philippe Pinel do RJ, mantido através da assessoria e parceria do Centro de Criação de Imagem Popular, e, desde 1996, desenvolve um processo comunitário de produção de uma nova imagem da loucura:, com um olhar sem preconceitos. O projeto reúne pacientes com transtornos mentais, vindos de várias unidades do município do RJ, parentes e interessados em fazer comunicação comunitária. No local, há sala para locução, estúdio e central de edição. (Ver: www.saude.rio.rj.gov.br/pinel).

²⁷ O filme “Bicho de Sete Cabeças”, Brasil, 2001, é um drama com direção de Lais Bodanzky, baseado no livro autobiográfico, “Cantos dos Malditos”, de Austregésilo Carraro Bueno.

Após assistirmos aos vídeos do *YouTube*, assim o fizemos novamente com os minutos já montados de nosso vídeo. O grupo sentiu que as imagens, anteriormente vistas, tinham uma conotação triste, deprimente e que ressaltavam a doença. Já o filme que estava sendo produzido por nós dava destaque à vida, saúde e não, à doença.

Inicialmente, repensamos o momento de produção do grupo quanto às expectativas em relação ao filme. A proposta da oficina de edição foi a de que pudéssemos, a partir das imagens que “não encaixavam” em lugar algum, produzir uma história, atribuindo, deste modo, um sentido às mesmas. No início, o grupo ficou bastante quieto e não se posicionou quanto ao que fazer com as imagens “erradas”. Pensamos que o silêncio pudesse ser revelador da necessidade de estabelecer novas coordenações de ações em relação a algo que havia sido descartado. Então, iniciada a seleção das imagens, a partir do *Windows Movie Maker*, localizamos, na pasta de imagens descartadas ou também chamadas pelo grupo de “Erros de gravação”, uma imagem, cujo início estava tremido, visto que Valquíria, na tentativa de gravar uma entrevista no Parque Farroupilha em Porto Alegre, filmou o céu e as árvores em movimentos rápidos e não, a pessoa que estava sendo entrevistada por um colega.

Curiosamente, na sequência das imagens de Valquíria, surgiu uma fala de Ângela, relatando sobre o que, para ela, era ser diferente. Combinamos que iríamos aproveitar esta imagem tanto para o filme como para a edição dos erros de gravação. A possibilidade de retomar a ação fez com que aquelas imagens pudessem ser resignificadas, havendo, portanto, um deslocamento na rede de conversação e nas formas de distinção: o que antes era descartado poderia agora ser aproveitado.

Outra imagem assistida que gerou comentários foi a de uma pasta/bolsa que armazenava o *data show* e que se encontrava sobre a mesa. Beatriz comentou que parecia um boné, e Clara disse que se assemelhava a um fantasma, porque, no final da cena, que estava congelada, aconteceu um pequeno movimento.

Outra cena trabalhada foi a de um copo que estava em cima da mesa e de um grupo em um momento de discussão no fundo. O copo ficou em primeiro plano, e o tronco dos participantes atrás, sem mostrar a cabeça. Beatriz falou que achou muito interessante aquela imagem, na qual o copo aparecia sobre uma mesa, inclinado, mas não caía. Começamos,

assim, a montagem com as imagens. O grupo quis criar um *making of*²⁸ com as imagens, para que o grupo aparecesse, recontando a história do filme sobre a diferença. A proposição de retomar as imagens desqualificadas oportunizou movimentos de distinção que poderiam ou não ser compartilhados com o grupo, tal como um boné, um fantasma, etc. Sendo assim, a própria idéia de criar um *making of* revela uma coordenação recursiva, pois toma a própria ação de fazer o filme objeto de um novo vídeo.

Iniciamos a edição inserindo a legenda: “Onde tudo começou”. Paulo trouxe algumas contribuições, como a estória e a recriação desta, e sugeriu que começássemos escrevendo, em cima da primeira imagem da sequência, o seguinte: “Recontar a estória” e enfatizou que devíamos escrever a palavra com “E” e não, “H”, pois “história” é para tempo cronológico, e “estória”, para algo que estamos inventando”, argumentou. A legenda foi inserida como: “Recontando a estória”. Aqui vemos um movimento recursivo no próprio contar. Parece que esta ação fez com que as distinções deixassem de ter um valor em si mesmas, mas pudessem assumir diferentes valores e sentidos quanto à rede de conversação, que as fazem emergir. A operação recursiva que aparece na idéia de (re)contar aponta que tal operação relacional se efetivou.

Escolhemos, para o início da edição, uma imagem criada por Thiago, na qual ele filmara a área de trabalho de um dos computadores da Oficina, direcionando o foco da câmera para dois arquivos de texto, identificadas respectivamente como “Novo filme” e “Sem título”. O grupo escolheu a imagem para incluí-la na edição, visto que lembrava que estávamos construindo, ou melhor, contando o processo de construção do filme “O que é ser diferente?”. Também, a escolha para que fosse inserida na sequência a imagem de duas mãos em movimento despertou no grupo a vontade de seguir os próximos encontros, brincando, recortando e colando as imagens “*non sense*”. Novamente, evidencia-se o movimento recursivo – um vídeo sobre o vídeo. As coordenações de ações recursivas produziram diferentes movimentos nas redes de conversação. Como já apontamos acima, propiciaram, na ação, operar objetos relacionais e não, absolutos. Além disso, oportunizou tomar a ação como objeto de análise: como contar, por meio de um vídeo, o processo de construção do filme.

²⁸ *Making of* é um jargão usado nos meios de produção audiovisual em geral, para um documentário de bastidores que registra em imagem e som o processo de produção, realização e repercussão de qualquer produto audiovisual (WIKIPEDIA. **Definição de making of.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Making-of>>. Acesso em: 07 jan. 2011).

Qualquer um que tem em mãos um fragmento de filme a ser montado sabe por experiência como ele continuará neutro, apesar de ser parte de uma seqüência planejada, até que seja associado a um outro fragmento, quando, de repente, adquire e exprime um significado mais intenso e bastante diferente do que o planejado para ele na época da filmagem (EISENSTEIN, 2002, p. 20).

Preferimos pensar que, ao invés de neutro, cada fragmento não tenha um valor em si, mas tanto este quanto o seu sentido possam ser derivados da relação que assumem com os outros fragmentos, em uma rede. À medida que a edição das imagens avançava, percebi no grupo uma crescente adesão à proposta inicial da Oficina. Ângela, por exemplo, que, nos últimos encontros, havia participado pouco das atividades, sugeriu cenas e transposições de algumas imagens durante a edição. Já Thiago perguntou se as imagens editadas entrariam no filme “O que é ser diferente?”, e Beatriz respondeu que elas poderiam ser colocadas no final do filme. Assim, surgiu o título para armazenar o projeto de edição no computador: “Bastidores”. Essa crescente adesão poderia estar relacionada a uma possibilidade de acesso mais efetivo às tecnologias e aos modos de produção do vídeo.

Ocorreu uma modificação em relação ao projeto que dera partida ao processo de produção do filme “O que é ser diferente?”. As imagens, armazenadas na pasta, que deveriam ser inicialmente aproveitadas no filme sobre a diferença, ficaram em segundo plano, e o filme “O que é ser Diferente?” ganhou forma através das imagens descartadas e editadas durante a OEID. Percebemos, ao longo dos encontros seguintes, que as imagens, nomeadas como “boas”, nítidas” e “bem enquadradas”, contendo as entrevistas que havíamos previsto para o filme, não perderam a sua importância, mas diziam muito mais sobre o nosso processo de pesquisa, de pré-produção do vídeo, da nossa relação com o tema da diferença, do que como material para criação do filme, propriamente dito. Houve um deslocamento que partiu de uma representação da diferença para a experimentação e a construção de sentido da diferença naquele coletivo.

A OEID operou como dispositivo, modulador das redes de conversação, em seu desdobramento político e compartilhado. De um lugar de ouvinte, no que tange ao que o outro teria a dizer sobre a diferença (como no caso das entrevistas, para a realização das quais percorremos: as ruas e o espaço do CAPS em busca de respostas), nos deslocamos para uma posição de ação, apresentando o que entendíamos como diferença, como a vivemos e qual o efeito de uma construção coletiva que emergiu na forma “filme”, a partir do que aqui denominamos “efeito *patchwork*”, operado por meio do recolhimento e da seleção das sobras, dos restos, dos retalhos de imagens descartadas que, (re)ordenadas e justapostas, ganharam

sentido ao tecerem nossa narrativa. A emergência da Oficina de Edição de Imagens Descartadas, como um dos efeitos do encontro com a tecnologia videográfica, viabilizou a problematização/momento de *breakdown* dos participantes quanto aos fazeres que já operavam na Oficina de Imagens. A seguir, apresentamos alguns desses desdobramentos.

Abaixo: Imagens produzidas para a edição do filme “O que é ser diferente”. Fotografias tiradas da tela do computador na projeção do vídeo. Colocadas em sequencia a partir das fotografias.

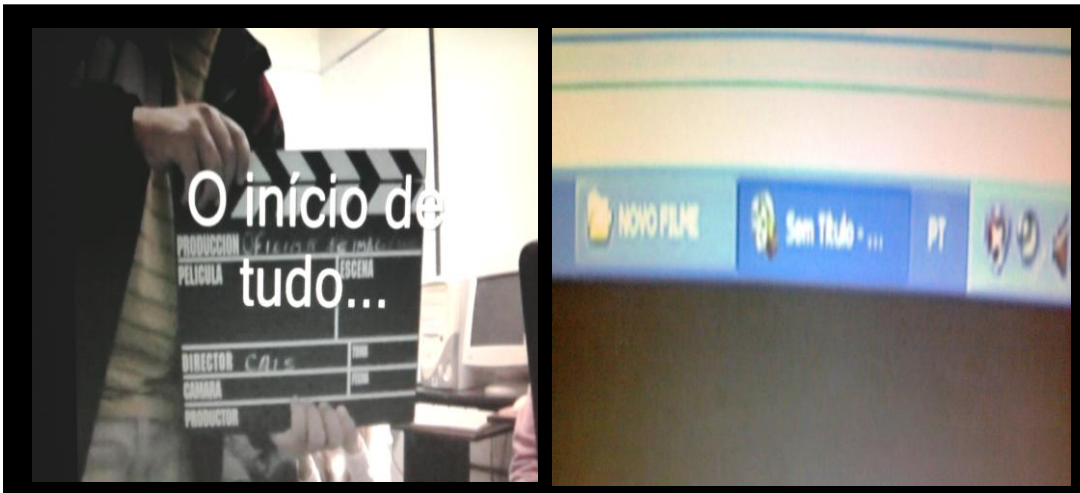


Figura 1 - Primeiras Filmagens ainda nos bastidores da oficina que virou parte de uma das cenas do filme sobre o que é ser diferente.

Fonte: Acervo Oficina de Imagens

Fotografia: Autora da pesquisa.

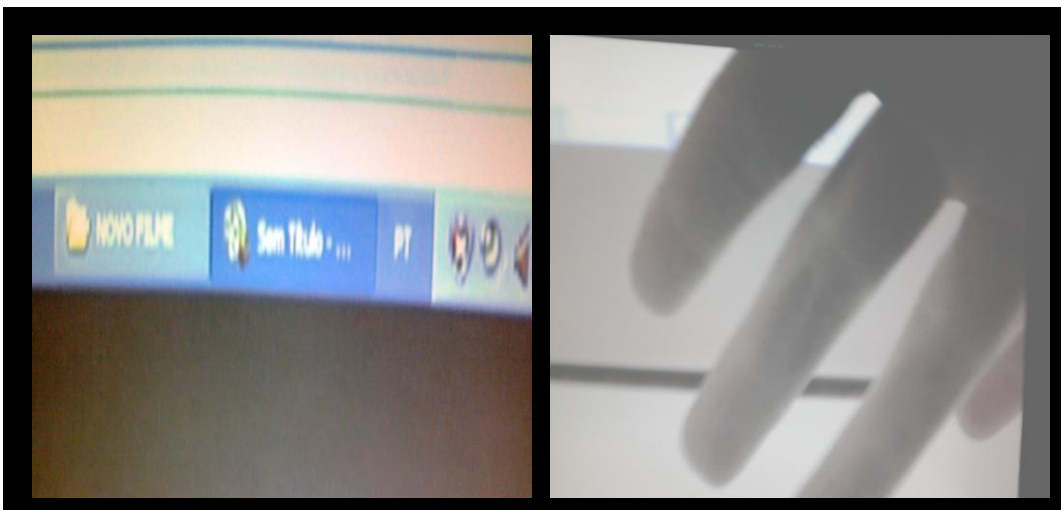


Figura 2 - Uma das cenas do filme sobre o que é ser diferente, tela do computador no detalhe estão minimizados dois arquivos PASTA: NOVO FILME e PROJETO do Movie maker>: SEM Título

Fonte: Acervo Oficina de Imagens Foto: Autora da pesquisa

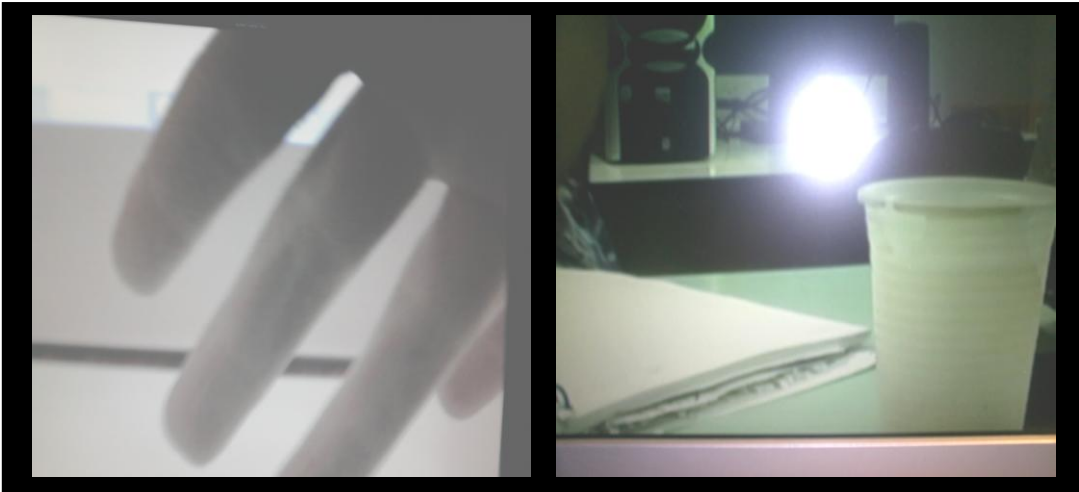


Figura 3 - Imagem que virou uma das cenas do filme “O que é ser diferente?”

Fonte: Acervo Oficina de Imagens

Foto: Autora da pesquisa.



Figura 4 - Imagem foi incorporada ao filme “O que é ser diferente?”

Fonte: Acervo Oficina de Imagens

Foto: Autora da pesquisa.

6.2 PERCORRENDO AS REDES DE CONVERSAÇÃO

Quando o objeto de análise de uma pesquisa debruça-se sobre um processo de produção, é preciso cuidado no modo como iremos apresentar os efeitos deste encontro. Criar um campo de compartilhamento entre a experiência da pesquisa e a sua publicização implica, como destaca Diehl (2010, p. 14), considerar a importância do “[...] modo como fazemos a

passagem entre a experiência singular de cada um e os quadros representativos”, alertando sobre os riscos de estabilizarmos uma posição de observação universal diante destes quadros. Por isso, a nossa seção de análise é dirigida às ações, emergentes a partir de indicadores observáveis no percurso do fazer com as oficinas, configuradas como uma rede de conversação, conforme destacamos a seguir.

Escolhemos trabalhar com três analisadores nesta pesquisa, tendo em vista que possibilitam observar: as coordenações de ação, as distinções e o emocional (conforme Quadro 1), por operarem, como indicadores da modulação/deslocamento das redes de conversação da Oficina de Imagens. Deste modo, destacamos, como uma coordenação, “as ações” que ampliam a possibilidade de recursividade nas coordenações de fazeres e “as ações” decisórias, operando os modos de linguajar, como a cooperação, as divergências e as consensualidades, por meio de reflexões e diálogos.

Quanto às distinções, entendemos a operação e os deslocamentos, capazes ou não de produzir transformações na convivência em ações que possibilitem descrever ou reformular um fenômeno, fazer referência a algo ou a alguém, caracterizando-se como o ato cognitivo básico e, finalmente, às emoções que definem o espaço relacional, indicando um domínio de ação e afetos. São as disposições corporais que especificam o curso de um fazer e definem as redes de conversação, como, por exemplo, mover-se a partir da confiança ou frustração e da dúvida, da aceitação e da acolhida ou ainda da rejeição ou reprovação (Quadro 1).

Níveis de análise	INDICADORES		
	As coordenações de ações	As distinções	As emoções
Subjetivo	<ul style="list-style-type: none"> • Coordenação de imagens (vídeo, fotografias) • Coordenação entre imagens, sons e tempo • Coordenação entre pontos de vista • Coordenação de sua produção com o que está disponível na <i>Internet</i>, na literatura 	<ul style="list-style-type: none"> • Experimentar-se como cineasta, repórter, <i>movie maker</i> • Lembranças, relatos de histórias de vida 	<ul style="list-style-type: none"> • Medo do computador, não saber mexer ou estragar • Surpreender-se com as imagens que produziu • Sentir-se louco
Grupal	<ul style="list-style-type: none"> • Histórias criadas coletivamente • Compartilhamento de gostos musicais • Posicionamentos divergentes sobre escolhas de cenas, músicas. • Testemunhar sua história no grupo • Criação coletiva de músicas 	<ul style="list-style-type: none"> • As imagens boas e ruins • Relatos nunca antes trazidos • Contar como os filmes anteriores foram criados • Reconhecer estilos pessoais (visuais e sonoros) • Perceber diferenças físicas nas imagens ao longo do tempo 	<ul style="list-style-type: none"> • Não aceitar ou tolerar usuários na Oficina • Dificuldade em lidar com perdas • Saudade dos participantes que saíram para trabalhar ou receberam alta
Institucional	<ul style="list-style-type: none"> • Tensionamento no que se refere ao vínculo com a oficina • Tempo de permanência dos pacientes, vinculados ao serviço 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer outro uso dos equipamentos • Chegada de novos integrantes • Identificar-se com os terapeutas e os psiquiatras do serviço • Identificar-se como usuário 	<ul style="list-style-type: none"> • Compartilhar, fazer produções com outros usuários do CAPS e a equipe • Ser reconhecido por aquilo que faz
Com o Fora da Instituição	<ul style="list-style-type: none"> • Publicização dos vídeos produzidos • Demanda de produção para outros espaços • Circulação para filmar na cidade • Diálogo com outras redes 	<ul style="list-style-type: none"> • Conversar com outras pessoas sobre a vida, os amigos em comum, as músicas 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento em outras redes

Quadro 1 - Indicadores de modulação\deslocamento das Redes de Conversação da Oficina de Imagens

Fonte: Autora da pesquisa, 2011.

Neste subcapítulo, apresentamos as coordenações de ações na modulação com as tecnologias disponibilizadas na Oficina de Imagens.

6.2.1 Coordenando ações (com) as tecnologias

A modulação com as tecnologias da comunicação e informação – as TIC – ocorrem de diferentes modos no fazer da Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental. O uso das filmadoras de vídeo, dos computadores, do gravador de voz e do editor de imagens demonstra

a complexidade de relações que com elas se estabeleceram. Cada uma delas (filmadora, *softwares*, aplicativos) configurou um tipo de modulação, decorrente da relação com tais objetos. Também ocorreu a coordenação entre imagens, sons e tempo, através da possibilidade de inserir, excluir ou realocar, durante o processo de edição músicas, fotografias, desenhos e frases, sugeridas pelos participantes. Além disso, observou-se a coordenação entre diferentes pontos de vista, não necessariamente consensuais pelo apagamento de divergências, no entanto justamente coordenados, por contemplar as diferenças de opinião entre os participantes, produzindo, assim, não a prevalência de uma opinião, mas, o acordo coletivo de outra coordenação no sistema de relações.

A Oficina de Imagens opera, basicamente, com o suporte destas tecnologias, a partir das quais foi possível observar, no início, um certo modo de fazer, no qual nem todos os participantes se sentiam legitimados para utilizarem os equipamentos, por entenderem ser necessário determinado conhecimento técnico (saber fazer) e prescritivo sobre certa competência para isto, não se levando em conta, muitas vezes, as sua implicação com eles. Esta limitação demonstrou, inicialmente, que a cognição operante seguia a idéia de um conhecimento prévio, com relação à aprendizagem sobre os equipamentos e não, na interação com os mesmos. Indicava que o conhecimento estava relacionado ao objeto, observado por meio da interação dos participantes com os mesmos. Maturana (1998) propõe que ocorre o fenômeno da recursividade na participação de redes de conversações, nas quais constituímos maneiras de fluir juntos na linguagem, demonstrando que a tecnologia videográfica pode modular outras circunstâncias e derivas operacionais, modificando, deste modo, os modos de conhecer.

Em decorrência disso, algumas coordenações foram observadas, como as que ocorreram, quando o grupo assistiu às imagens produzidas e estabeleceu quais eram válidas para a construção de um filme ou ainda ao mostrarem receio em experimentar a tecnologia da informática.

Apostávamos, inicialmente, que a experiência de edição de imagens potencializaria o plano relacional e coletivo, ampliando essas coordenações de ação entre os participantes. Percebemos, igualmente, que as tecnologias têm um papel constitutivo nos modos de pensar e agir, direta e indiretamente, sobre a ecologia cognitiva, de acordo com a forma como são agenciadas. Quando estas são tomadas como ferramentas ou meios, possibilitam que se faça determinado uso a partir de suas prescrições. Porém, à medida que a tecnologia é deslocada da

noção de um objeto, que contém determinado conhecimento, passando a ser entendido como parte do agenciamento na relação que com ela se estabelece, começa, desta forma, a modular redes de conversação mais inventivas. Nesse caso, outras coordenações de ação passam a operar, desdobrando-se, de forma recursiva, para novos modos de relação com elas. Quando esse processo se estabelece, podemos pensar que existe uma modificação na ecologia cognitiva, pelo estabelecimento de novas coordenações de coordenações de ação. A tecnologia não parecia limitar a sua utilização a um único sentido. Surgia, então, um modo bastante singular de interação com o vídeo, na maneira de manipular a filmadora, de registrar as tomadas que não estavam prescritas, onde as coisas passaram a ser inventadas a partir do uso que cada novo ator da rede fazia.

A interface sujeito/tecnologia compunha-se conjuntamente com os diálogos, ora marcados por instituições, como a família, o trabalho, etc., ora, na produção de momentos de ruptura no improviso e na bricolagem. Nessa operação de passagem e encontro, diferentes modos de comunicação pareciam estar sendo estabelecidos e compreendidos pela conduta incorporada na ação. No que se refere ao grupo, observamos histórias, criadas coletivamente, o compartilhamento de gostos musicais e posicionamentos divergentes sobre as escolhas de cenas e músicas.

Outra demonstração é a apropriação da tecnologia informática por parte de alguns participantes e que se desdobrou na reformulação do horário de seu funcionamento durante certo período de tempo. Com duas horas semanais de duração, a Oficina destinou uma hora antes de seu início, para familiarizar os participantes interessados em aprender a usar os computadores. Alguns deles se familiarizaram de forma mais direta com a nova tecnologia, filmando de forma experimental os bastidores da Oficina, sem nenhum tipo de relação a um modo de fazer. Outra coordenação observada foi a de sua produção com a que estava disponível na *Internet*, na literatura, como o desejo de buscar nomes de livros, videoclipes de suas bandas favoritas e outras informações, como, na passagem, em que Paulo perguntou: “*Tu conhece aquela, assim: Band on the run [...] é do Paul McCartney! Será que tem na Internet?*” disse ele, referindo-se à letra da música e também ao videoclipe. Ou ainda, quando Ângela pediu se poderíamos buscar, na *Internet*, um livro sobre a história de uma menina que vivia na periferia de uma grande cidade e que sofria uma série de abusos sexuais praticados

por seu pai “*Sabe aquele filme que agora tem em livro: “Preciosa”*”²⁹? indagou. Ela comentou que viu a história na televisão e que queria comprar o livro. Então, pesquisamos na *Internet* acerca dos preços e nos propusemos a encontrá-lo em alguma livraria de Porto Alegre. Ângela anotou também o valor, o endereço e o telefone da loja, para ir até lá comprar o livro naquela semana. Percebe-se, portanto, que a entrada da tecnologia informática, como possibilidade de novas coordenações de ação, produziu uma reconfiguração na ecologia da Oficina.

A tecnologia informática operou como dispositivo no processo cognitivo da Oficina, despertando e sendo despertado pelo interesse de alguns integrantes em pesquisar, na *Web*, livros, músicas e vídeos, conforme demonstramos. Alguns participantes se familiarizaram de forma mais direta com a tecnologia, por exemplo, quando experimentaram as novas câmeras portáteis, filmando os bastidores da oficina.

Levy (1993) se refere à possibilidade de ampliação de uma inteligência cooperativa, por meio da modulação a tecnologias da inteligência misturando a inteligência dos homens e das máquinas. Notamos que o dispositivo videográfico amplia-se para além da produção e experimentação das imagens, tornando possível coordenar ações em direção a múltiplas interações, tais como: o despertar do interesse em cantar músicas, tocar instrumentos, compartilhar desenhos, poemas e letras de música.

Um dos principais efeitos, decorrentes das coordenações, aqui citadas, foi a emergência do exercício de sentir-se parte do processo de produção dos filmes (a partir da autoria dos filmes, do poder dizer: “*fui eu quem fiz*” e retomar a experiência, explicando a outras pessoas o modo como produziu determinada coordenação. Tal fato possibilita um exercício legitimado de autoria na rede de conversação, como, por exemplo, na identificação de traços pessoais, estilos de tomadas das filmagens, sendo, portanto, reconhecido a partir da diferença produzida na rede. Também outro exercício autoral pode ser notado com relação à apropriação da informática. A tecnologia videográfica e as experiências possíveis, através desse dispositivo, despertam o interesse em experimentar a manipulação do editor de imagens (*Software Windows Movie Maker*), cuja a função foi assumida por alguns dos integrantes.

²⁹ “Preciosa – Uma história de esperança”. Drama, EUA, 2010, Direção de Lee Daniels. Neste é narrada a vida de uma adolescente negra, obesa e analfabeta que descobre, aos 16 anos, estar grávida, pela segunda vez, do próprio pai. Não obstante, Preciosa é, com frequência, agredida pela mãe que teme, acima de tudo, a suspensão do seguro social que recebe (PRECIOSA - Uma história de esperança. Direção: Lee Daniels. EUA, 2010. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/preciosa/>>. Acesso em: 05 fev. 2011).

Notamos, igualmente, o interesse por outras coordenações que não estavam relacionadas ao objetivo de produzir imagens, como o de apenas estar com o grupo.

Maturana (1999) sugere que a tecnologia é uma operação que está em conformidade com as coerências estruturais de diferentes domínios de ações e, quando vivida como um instrumento para a ação efetiva, pode conduzir à expansão de nossas habilidades operacionais. Observamos que a modalidade de uma oficina específica pode abarcar e, conseqüentemente, deve acolher outras coordenações que se apresentam ao longo deste processo, como é o caso de Rafael que, em função de uma grande inquietação, não conseguia estar em sintonia com a Oficina, para a produção e a edição das imagens. Entretanto, embora tenha inúmeras vezes, entrado e saído da Oficina para fumar os seus cigarros, demonstrou que o seu vínculo com ela era diferenciado. Notamos que a sua participação naquela rede se constituiu pela modulação no computador: na escrita, no manuseio da filmadora. Isto indica que sua relação com Oficina se dava de modo particular, no entanto, efetivo. Em determinado momento em que o mesmo estava em CAD³⁰, em virtude de uma crise de ansiedade, solicitou se poderia escrever algo em um dos computadores, enquanto guardávamos os equipamentos. Acolhendo o seu pedido, ele digitou algumas linhas, saindo mais tranqüilo da Oficina, deixando o seu registro no editor de texto do computador, com a seguinte frase: "Hoje o dia está tranqüilo [...]".

Isso demonstra que as tecnologias da informação e comunicação produzem uma potente interface, na qual é possível ocupar uma posição de autoria na rede de sentidos que surge de um fazer com, a partir da modulação com alguns equipamentos, como no caso de Rafael que necessitava de uma interface, como estar, por exemplo, interagindo com o olho da filmadora ou o computador. Outra coordenação de ação observada relaciona-se à passagem, na qual uma das integrantes da Oficina não se sentia legitimada na rede de conversação, tendo em vista o empobrecimento de seus laços sociais – sua postura era vista pelo grupo, geralmente, como endurecida nas relações que estabelecia. Através de sua experimentação nas oficinas, com um espaço mais autoral, ela pôde compartilhar o seu modo de observar o mundo, passando a compartilhar as suas histórias, interagindo nas produções do grupo, com idéias para filmagens, de acordo com o seu gosto pessoal com relação aos programas de TV que assistia e às suas músicas favoritas. Assim, ao mudarmos nossa relação com a tecnologia, mudamos as coordenações. Para ilustrar esta situação, nos referimos aos momentos quando a filmadora de vídeo atuava como abertura para novas formas de fazer.

³⁰ CAD é o nome atribuído ao Centro de Atenção Diária do Cais Mental, destinado aos usuários em situação de crise e que necessitam de ambiente protegido (Ver: **Revista do Cais Mental Centro**, v 1, n. 1, 2006).

Em nível subjetivo, destacamos ainda as imagens, geradas a partir da filmadora de vídeo e também das fotografias, nas quais foi possível observar a emergência de coordenações, tais como a possibilidade de experimentar ver-se no vídeo, nas imagens e nas fotos. Kastrup (2008, p. 196), ao se referir ao trabalho em oficinas, coloca que: “Na medida em que provoca um certo esvaziamento de si, este tipo de trabalho pode lançar para um terreno de virtualidades além da história e do si mesmo constituído.” Esta manifestação pôde ser percebida pelo jeito inusitado de tomar o equipamento em apropriação original, não estando focado em um objetivo, nem em um uso específico, mas, no experimentar as imagens, brincar com elas, produzindo novas coordenações e outros jeitos de fazer, potencializando outros linguajares e emocionares no coletivo da Oficina. Tudo isto indica que o subjetivo, ao qual estamos nos referindo, é, ao mesmo tempo, um esvaziamento das identidades egoicas e uma abertura para novas experiências de si.

Além disso, outras coordenações foram evidenciadas fora da Oficina, possibilitando o diálogo com outras redes para além do serviço de saúde mental. Citamos a circulação para as filmagens, tornando públicos os vídeos e as visitas a outros espaços da cidade, como à Oficina de Geração de Renda³¹, para produção de um vídeo, demandado pela coordenação do serviço à Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental, apresentando o processo de produção da agenda anual do grupo GerAção POA; aos eventos na Universidade, como a exibição dos filmes da Oficina durante a programação do ENEAMA³² 2010; à participação de alguns dos integrantes da Oficina no I Encontro Rede de Oficinandos ou ainda no evento oficial, nos festejos da Semana da Cultura Negra, em razão do lançamento da Agenda, produzida pela GerAção POA, a partir da exibição do vídeo, produzido pelos integrantes da Oficina de Imagens. Coordenações de ação, tais como a possibilidade de se constituir como coletivo, foram observadas pela ampliação do uso de outras linguagens: a criação de uma canção com os recursos do violão de Paulo, a letra escrita, mediante as palavras ditas por cada um dos integrantes da Oficina e cantadas por todas as vozes do grupo.

Com relação aos diversos atravessamentos institucionais, foi possível verificar as coordenações de ação quanto ao saber fazer na Oficina, em que a tecnologia, especialmente a

³¹ É um serviço da SMS que integra a política de saúde mental e a saúde do trabalhador da Rede Municipal de Porto Alegre. (RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Municipal de Saúde. **Política de saúde mental e saúde do trabalhador da Rede Municipal de Porto Alegre**. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/>>. Acesso em: 08 jan. 2011).

³² I Encontro Nacional de Estudantes Antimanicomiais, ocorrido em Porto Alegre, RS entre os dias 04 a 07 de setembro de 2010. (GOOGLE. **I Encontro Nacional de Estudantes Antimanicomiais**. Disponível em: <<http://sites.google.com/site/estudantesantimanicomiais>>. Acesso em: 08 jan. 2011).

informática, era operada por um *expert*, ou seja, por alguém que supostamente detinha ou dominava a técnica, como um estagiário ou a coordenadora da Oficina. Além disso, a coordenação de outros jeitos de filmar foi testemunhada, por meio da modulação, no que se refere à filmadora de vídeo, que operou como um olho, ou seja, é uma perspectiva de observação diferente, porém, legítima e acolhida na rede de conversação.

Neste caso, percebemos que a tecnologia videográfica possibilita a modulação operativa das redes de conversação, ampliando a possibilidade de recursividade nos fazeres. A sua modulação a esse dispositivo faz deslocar a vivência de uma realidade, tomada como única e verdadeira (o que, na maioria das vezes, no caso dos participantes, é bastante dura e sem participação em redes legítimas), para a participação, ao produzirem imagens por meio das experiências vividas. A linguagem da imagem operou na tecnologia videográfica não apenas em registros, mas também criou o que estava sendo produzido, desenvolvendo as vivências que testemunha. O vídeo conduziu a uma problematização dos mapas de sentido já estabelecidos, como o ser louco, ser usuário do serviço, bem como serviu como um lugar de passagem, operando do registro à manipulação das imagens e provocando o tensionamento, enquanto espaço conceitual, da abstração à figuração.

Para Maraschin e Axt (2005, p. 46), “o acoplamento cognição-tecnologia constitui espaços de agenciamentos, de pautas interativas e de relações de constitutividade”. Isso nos leva a entender que o acoplamento a um dispositivo de produção de imagens, como a filmadora de vídeo e todo o conjunto de elementos que permite a sua manipulação, possa modular a ecologia cognitiva que inclui o modo singular de manifestação do sujeito em sofrimento psíquico, através da criação de um território imagético que sustente o seu modo de existência para além da linguagem representativa.

6.2.2 Movimentando-se pela rede

“O real surge na operação de distinção”, segundo Maturana (1998, p. 167), havendo, portanto, tantos “domínios de realidade como domínios de distinção e tipos de observadores que os constituem na prática de suas distinções”. Deste modo, são as coerências operacionais que permitem que se criem domínios de realidade (sistemas de relações).

Nessa dinâmica, quanto aos movimentos cognitivos (deslocamentos, modulações), emergentes na rede de conversação da Oficina de Imagens, salientamos as operações de distinção que possibilitaram experimentar-se para além da posição de técnico ou usuário de um serviço de saúde mental, deslocando-se para outros papéis (cineasta, repórter, *movie maker*, ou a partir da distinção de coisas em comum com outras pessoas). Na passagem em que recebemos a visita do diretor de Cinema Carlos Gerbase³³, foi possível criar diferenças na rede de conversação. Paulo, por exemplo, conversou com o diretor, lembrando-se do período em que morou no Bom Fim e assistiu a algumas filmagens do diretor, feitas no bairro, na época. Ou ainda, quando Paulo contou que também frequentava um dos bares do bairro e se lembrava de ter visto inúmeras vezes Gerbase no mesmo local. Paulo deslocou-se, assim, para uma posição de autoria, ou seja, ao produzir e compartilhar uma diferença na rede de conversação, via o seu reconhecimento naquele coletivo.

Retomando as considerações de Maturana (1998, p. 200), uma operação de distinção ocorre “Cada vez que um observador traz à tona uma entidade, seja esta um objeto, idéia, concepção ou noção”, em seu domínio existencial na linguagem. Assim, as distinções consensuais no linguajar e os fenômenos que surgem dessa operação abrem a possibilidade de que as (distinções) se estabilizem em uma coderiva, conservando, desta forma, a modulação entre uma dinâmica relacional.

Outro deslocamento percebido foi a possibilidade de (re)contar a sua história, rememorando lembranças, compartilhadas no grupo, com relatos nunca antes trazidos, como no caso de Paulo que, a partir da possibilidade de registrar e legitimar em vídeo ou ainda cantando e tocando violão a sua experiência de vida com o grupo sobre o seu percurso pela saúde mental, recordando a sua primeira crise, as diversas internações e o momento de seu diagnóstico. Com a câmera ligada, ele contou a sua trajetória desde que tinha 19 anos, quando surgiram os primeiros sintomas. Ele falou de sua passagem pela internação e contou que esta havia ocorrido há mais de 20 anos atrás e emocionou os outros integrantes do grupo com seu depoimento. Ele encerrou o seu depoimento em vídeo, cantando uma música, criada naquele momento, a partir da letra, adaptada de uma passagem bíblica por uma banda brasileira³⁴, com

³³ Carlos Gerbase é um cineasta gaúcho, sócio fundador da Casa de Cinema de Porto Alegre, também professor de cinema na PUCRS, escritor e músico, tendo sido membro da banda Replicantes entre 1983 e 1995 como baterista e vocalista. É também diretor e roteirista de cinema e televisão (CASA DE CINEMA DE PORTO ALEGRE. Disponível em: <<http://www.casacinepoa.com.br>>. Acesso em: 10 fev. 2011).

³⁴ Referimo-nos à Banda Legião Urbana e à música Monte Castelo (do Álbum As Quatro Estações), com composição de Renato Russo que mesclou recortes do capítulo 13 da I Epístola aos Coríntios de São Paulo e as citações do poeta português, Luis de Camões, à letra da música.

a melodia de outra canção. Cantou: “Ainda que eu falasse a língua dos anjos e falasse a língua dos homens, sem amor eu nada seria”. É possível verifica aí que a tecnologia operou como dispositivo que modulou diferentes linguagens na rede de conversação.

Também, quando Jonathan contou, em depoimento em vídeo, que, para ele, o Cais Mental não era somente um serviço de saúde, mas também, um encaminhamento profissional e um local de aprendizagem de inúmeras coisas. Ângela comentou que, para ela, o Cais também é mais do que um serviço de saúde, é um lugar no qual ela teve apoio para encontrar um emprego. Contou que foi, por intermédio do encaminhamento do Cais Mental, que ela adquiriu a sua experiência profissional em um supermercado da cidade. Em outro momento da Oficina, foi possível ver as distinções que são feitas ao assistir às imagens produzidas. “*O filme é sempre diferente um do outro*”, comenta Hélio, o que nos leva a entender que o assistir às imagens produzidas funcionou como produção e não, representação de uma realidade, além de ampliar a convivência entre os participantes da Oficina.

Alguns integrantes do grupo preferiram filmar, outros mexer no computador e outros atuar no filmes. Notamos que eles gostavam de se ver nas filmagens, como Hélio, por exemplo, que podia ver, nos filmes antigos, o seu cabelo comprido. Criou-se, assim, uma dimensão de virtualidade de si mesmo ou ainda, como nos coloca Parente (2007): “Alguém que se vê vendo”, gerando uma mudança na relação consigo mesmo. Lembrou-se também Hélio de que a última vez que tinha pedido para ser internado, iria para o Hospital Espírita, mas acabou desistindo, pois lembrou-se de que lá o seu cabelo seria cortado. Este deslocamento é igualmente percebido na passagem em que, na exibição de algumas entrevistas, produzidas para o filme sobre a Diferença, Rafael não quis olhar o seu rosto na cena em que respondeu o que é ser diferente. Ficou bastante ansioso, mas, através da interação com o grupo, acabou conseguindo ver-se, a partir da modulação com as imagens do vídeo.

Outro deslocamento ocorreu na explicação sobre o modo como os filmes anteriores foram criados, no reconhecimento dos estilos pessoais (visuais, sonoros, jeitos de operar as filmagens e o modo de criar histórias). Observamos que a entrada da tecnologia – de receptor a operador (enação) – promoveu distinções, passando a compor um campo problemático, como no caso da escolha das imagens boas e ruins que desestabilizou alguns processos cristalizados, como certezas, conceitos rígidos e opiniões formadas, possibilitando, assim, a conversa e a conseqüente experimentação de si e de outros modos de conhecer. Outro

exemplo é o deslocamento quanto à distinção feita pela coordenadora da Oficina, ao relatar ter percebido, por meio da edição de imagens descartadas, que “*o filme que trata do tema da diferença é totalmente diferente dos outros filmes*”. Acrescentou o quanto achava curioso rever as imagens iniciais que serviram de proposta para desencadear o filme, ou seja, as entrevistas onde alguém pergunta a outra pessoa sobre o que é ser diferente, e estas acabam por deixar a cena, para a criação de um filme mais experimental, como na imagem em que aparece uma mão em movimento. A partir desse deslocamento, as imagens, que inicialmente eram o norte do filme, serviram para constituir, como um mapa, o exercício cognitivo do grupo, contando um pouco do movimento de construção das idéias do filme.

Experenciamos alguns momentos de *breakdown*, que viabilizaram o rompimento de um padrão cognitivo determinado (recognitivo e recorrente) e abriram a possibilidade de criação e invenção. Podemos considerar que a modulação à tecnologia videográfica não modificou apenas a superfície onde se inscreve a imagem, mas também que a materialidade que ganha a forma de vídeo ou filme é a atualização de um momento de negociação em uma rede de interações, isto é, o produto de determinadas coordenações de ações, em mudanças estruturais na convivência, tem o “efeito constitutivo nas próprias inscrições” (DEMOLY, 2008, p. 63).

Levando em consideração ainda a discussão de Maturana (1999), entendemos que a distinção “vídeo” ou “filme” é resultado da estabilização de uma rede, na qual diversos observadores compartilham a aceitação mútua de determinadas explicações em condutas comportamentais consensuais.

6.2.3 Definindo fazeres

A conduta e o deslocamento das emoções (disposição para a ação) observados, que facilitaram ou dificultaram a convivência na Oficina de Imagens, e os regimes de visibilidade, em direção a uma política recognitiva, ou mesmo a/abertura para a invenção, que se instauram no coletivo a partir disto, puderam ser percebidos em algumas conexões e encontros efetivados.

O receio inicial em manusear os equipamentos, por medo de estragá-los, reforçaram uma política recognitiva com a idéia de um modo de fazer correto por parte de alguns dos integrantes da Oficina. Acrescenta-se, ainda, a questão que vai na direção de uma política

recognitiva, quando há a identificação com o lugar de louco, de incapaz, ou ainda quando se referem à grande dificuldade em lidar com a perda (das câmeras filmadoras, do filme editado). Em um dos encontros da Oficina, fomos surpreendidos com um furto de nossos equipamentos: As duas novas filmadoras, que haviam sido adquiridas pela Oficina recentemente, tinham sido roubadas. O sentimento repercutido no grupo foi o de tristeza pela perda, uma vez que muitos vinham aos poucos em um processo de familiarização com o equipamento, aprendendo a ligar, filmar e assistir ao que era produzido pelo grupo.

Muitas outras perdas surgiram nas conversas, indicando que também operou em uma via inventiva e problematizadora. Por exemplo, quando Beatriz trouxe ao grupo a perda de seu bebê de 2 meses há aproximadamente 8 anos e que até hoje ela acreditava não conseguir lidar com isto. Na via enativa (saber fazer), quando o conhecimento é corporificado, é que são apresentados novos problemas possíveis e aberturas cognitivas. Ao assistir a uma filmagem em um momento de conversa do grupo, Beatriz pôde ser surpreendida com a experiência concreta de ver-se, observando, na cena, o modo como contava ao grupo sobre a sua perda, podendo, assim, ressignificar a sua relação consigo mesma e a sua história. Varela (2003, p. 76) indica que “Apresentamos uma prontidão-para-ação adequada para cada situação específica vivida. Maneiras novas de se comportar e as transições ou as pontuações entre elas correspondem a micro colapsos que sofremos constantemente”.

Desta maneira, no domínio da experiência, em uma abordagem enativa da cognição, são os padrões sensório-motores, recorrentes e emergentes, que permitem que as ações ocorram perceptivamente.

Algumas situações em que o emocionar, presente na rede de conversação, pôde definir uma conduta em direção a uma política recognitiva, foi observado, a partir da não acolhida de usuários mais ansiosos ou inquietos na Oficina, reforçando o seu lugar de incapaz ou indesejado ou ainda aquém da rede de conversação, como na passagem em que Rafael perguntou ao grupo se podia sair da Oficina para fumar. Ângela e Beatriz dizem a ele que tentasse diminuir os cigarros, pois, em seu novo emprego, ele não poderia sair para fumar a toda hora. Rafael disse compreender, mas, impaciente, saiu falando que já volta. O grupo comentou que não sabia como seria a vida profissional de Rafael, tendo em vista que não conseguia parar de fumar.

Maturana (1998) ressalta que, colocar em questão as dinâmicas operacionais das redes de conversações, levando em consideração que só existem como parte de uma dinâmica entre o linguajar e o emocionar, possibilita observar, com atenção, em que domínios estamos operando nossas ações. Se configuradas por relações e emoções discriminatórias, assim como excludentes, geradoras de recriminação e acusações, onde não há a aceitação mútua, estas causam sofrimento. Porém, quando o observador percebe que aquilo que toma como conteúdo particular é parte de uma história de interações, poderá passar a operar por meio do outro emocionar, modificando a sua dinâmica corporal e o curso de suas interações.

Essas modificações repercutem, através da percepção nos processos de objetivação e subjetivação, a partir do que Kastrup (1999) revela como sendo a dimensão política da cognição (reconhecimento e/ou invenção). A autora reforça: “Chamamos de política cognitiva um tipo de atitude ou de relação encarnada, no sentido de que não é consciente, que se estabelece com o conhecimento, com o mundo e consigo mesmo” (in PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 33-34). Deixamos claro que, ao caracterizar a cognição, por intermédio de uma destas distinções, não estamos excluindo a outra, visto a possibilidade da coexistência de ambas operações (representação e criação). Podemos inferir o seguinte: ocorre que, no esforço de criar certas estabilidades e condições invariantes à cognição, no plano linguajero, acabamos por excluir, neste exercício, as condições instáveis dos processos cognitivos. Diante da complexidade de um sistema cognitivo, em constante processo de produção, não seria possível operar somente a partir de uma ou outra. Segundo Lopes e Maraschin (2008), algumas políticas criam a possibilidade para o exercício de uma cognição inventiva que se constitui como posicionamento ético e político.

Verificamos, ainda, que as diferentes emoções, dispostas no fazer com a Oficina de Imagens, produziram políticas cognitivas distintas em pautas, ora colaborativas ora excludentes. Com relação aos movimentos de abertura para a invenção, notamos que a possibilidade de surpreender-se com as imagens produzidas possibilitaram deslocamentos: “*Fazer um filme é como criar um filho*” relata Paulo, refletindo (experiência em primeira pessoa), de modo propositivo, em uma política enativa sobre como o cinema e a paixão por criar histórias estiveram sempre presentes em sua vida.

Podemos entender que a dinâmica entre o linguajar e o emocionar, presentes na operação de construção das redes de conversação, potencializam ou enfraquecem as ações que construímos em conjunto. Esse processo cognitivo organiza-se pelo agenciado entre a

tecnologia videográfica, os usuários e os técnicos do serviço de saúde mental e também pelos diversos atravessamentos que são produzidos como distinções nessa ecologia, tais como: as concepções de saúde, loucura, sofrimento psíquico, família, laço social, etc.

Quando tais ações são movidas através de uma dinâmica que considera a colaboração, a escuta e a possibilidade de ser ouvido, a aceitação, a decisão compartilhada, a rede de conversação podem produzir domínios cognitivos propositivos ao exercício autoral e ao resgate da cidadania. Entretanto, quando tal organização se mantém endurecida, sem espaço para a experimentação, e a problematização, em uma dinâmica adaptativa, ou prescritiva, na manutenção de determinados modos de fazer, a realidade passa a se apresentar como única, onde não há espaço para o novo.

Ainda que tais deslocamentos (reconhecimento e problematização) estejam presentes no fazer da Oficina de Imagens, enquanto um sistema cognitivo, percebemos especialmente, a partir da reorganização, quanto aos dispositivos tecnológicos, a apropriação digital e a possibilidade de significar, no processo de edição, as imagens que não participavam daquela rede, demonstrando a abertura e o acolhimento aos movimentos criativos.

6.3 COSTURANDO SUPERFÍCIES

A peculiaridade do dispositivo videográfico, observada através da OEID, como parte do agenciamento que modulou a rede de conversação da Oficina de Imagens, foi a de as imagens passarem a ser enatuadas, ou seja, experimentadas perceptivamente a partir das relações estabelecidas, deslocando-se de uma posição de observação absoluta das mesmas para uma mais implicada e relacional. A imagem, vivida como produção, passa do estatuto de representação e prova do real à agente na rede de conversação. Deste modo, percebemos a potência da modulação ao dispositivo videográfico na Oficina de Imagens, ao tecê-las durante o processo de edição. É desse campo em comum que surge a possibilidade de “tecer as imagens” em operações sensório motoras, compartilhadas na linguagem.

Além disso, a possibilidade de experimentar diferentes tipos de linguagem, como a escrita e a voz, durante o processo de edição, possibilitaram a emergência de novas formas de expressão: distorção da voz, cortes, montagens, sobreposição de planos, efeitos na

composição das imagens, etc. A partir daí, cria-se um território coletivo, no qual não se distingue mais uma linearidade entre a produção de um sujeito da produção do outro, ou seja, quando a distinção “vídeo” ou “filme” passa a designar uma experiência coletiva, que ganha a forma de um “tecido-imagem”, mediante a sua inscrição em um suporte em superfície.

Nesse movimento de atravessamento pela composição com a imagem, tornamo-nos semelhantes ao outro, ao passo que nós nos constituímos através da interação com ele. No operar da Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental, cria-se um espaço coletivo, no qual as narrativas, construídas na modulação com as tecnologias, podem ser a história de todos e a de cada um. Segundo Machado (1996, p. 52), “as imagens videográficas não são expressões geométricas, mas geológicas, por se constituírem em uma inscrição do tempo no espaço”.

Entendemos que a produção das imagens, através do processo de edição de um vídeo, pode operar além de uma significação atual ou única. O encontro com as imagens descartadas viabilizaram a problematização/momentos de *breakdown* dos participantes no que se refere aos fazeres que já operavam na Oficina de Imagens.

A modulação à tecnologia videográfica, incluindo o processo de edição das imagens, produziu outro conversar para além do domínio da técnica. Lembramo-nos de algumas considerações no que se refere à montagem fílmica de Eisenstein que, embora tenha realizado os seus filmes em película, trouxe uma rica discussão quanto ao processo de montagem e edição de imagens, referindo que:

devido à minha atração, antes de tudo, por aquele aspecto então recém-descoberto na junção de dois fragmentos de montagem de um filme, pelo fato de que – não importa se eles não são relacionados entre si, e até freqüentemente a coisa se dá por causa disso mesmo – quando justapostos de acordo com a vontade do montador engendrarem “uma terceira coisa” e se tornarem correlatos (EISENSTEIN, 2002, p. 17).

As ações, realizadas coletivamente, permitem que se crie uma imagem “em comum”, ou seja, que uma superfície se crie, inscrevendo elementos heterogêneos que poderão compor uma rede de sentidos compartilhados. Eisenstein (2002, p. 16) acrescenta que “a justaposição de dois planos isolados, através de sua união, não parece a simples soma de um plano mais outro plano – mas o produto”. Neste caso, cada fragmento de montagem já não existe mais como algo não-relacionado.

Concordamos que o produto é efeito de ações coordenadas e entendemos que, nesta perspectiva, a modulação a um dispositivo videográfico promove uma operação cognitiva de distinção. O produto destas coordenações de ação ganham materialidade na forma de vídeos e filmes. Durante o período em que fizemos parte desse fazer com a Oficina, foram produzidos cinco vídeos: “Lição de Vida”, com 18 minutos; “O que é ser diferente?”, com cerca de 12 minutos, o qual não pôde ser finalizado, em virtude de um problema técnico que acarretou a perda de parte das imagens já editadas; um filme apresentando o processo de produção da agenda do grupo GerAção POA, com 10 minutos, um vídeo-mensagem de Natal, com 3 minutos e, por fim, um vídeo, no qual foram produzidas imagens do processo de criação e experimentação das tecnologias durante as oficinas.

Com relação à constituição das imagens técnicas, isto é, àquelas, produzidas pela mediação de aparelhos de codificação, como o caso das imagens digitais e analógicas realizadas por vídeo, cinema, ou televisão, conforme Flusser (2007), estas são o resultado de uma operação de codificação e, por isto, de distinção. O autor ressalta que atualmente dispomos de dois tipos de mídias principais (a linear e a de superfície) e que a síntese entre as duas pode resultar em uma nova civilização. Levy (1993) também confere a esta perspectiva possíveis modificações operacionais mais plásticas, dinâmicas e autônomas, favorecendo a invenção.

Desta maneira, afirma-se a abertura da tecnologia videográfica como potencial de criação de novas configurações de linguagem. Isso nos leva a pensar que a modulação a um dispositivo de produção de imagens, como a filmadora de vídeo e todo o conjunto de elementos que permite sua manipulação, possa compor uma ecologia cognitiva que inclui o modo singular de manifestação do sujeito em sofrimento psíquico, por meio da criação de um território imagético, que produz o seu modo de existência para além da linguagem representativa que reafirma a sua incapacidade e a sua loucura.

7 ALINHAVOS

“Deve-se evitar à alternativa do fora e do dentro; é preciso situar-se nas fronteiras” (FOUCAULT, 2000, p. 347).

Entendemos que as redes de conversação, as quais estamos imersos, podem ser ampliadas, fomentando a interlocução entre diferentes domínios explicativos. Essa também se configura como uma das contribuições de uma pesquisa intervenção. Contudo, construir um trabalho, no atravessamento de diferentes saberes (retalhos), sem cair em reducionismos teórico-metodológicos, apresenta inúmeros desafios. Como compor, então, esta colcha?

Esta pesquisa traz, como uma das suas contribuições, algumas costuras de um encontro bastante inusitado entre os campos da Psicanálise e das Ciências Cognitivas Contemporâneas. Longe de circunscrever um campo a outro, a intenção, neste capítulo, é relatar de que modo tem sido possível desenvolver um trabalho em oficinas, a partir de redes de relações e modulação com determinadas tecnologias em saúde, em diferentes perspectivas. Não se trata de apresentar um modelo, mas, como vimos ao longo deste trabalho, de compartilhar de uma experiência possível. Parece-nos imprescindível apresentar esta reflexão antes de nos encaminharmos à finalização deste estudo, uma vez que temos assistido a uma multiplicidade de práticas e modelos de ação em saúde mental, o que demonstra que é hora de articular fazeres possíveis, visto a necessidade de construirmos práticas em saúde mais integrais. Integralidade que se produz nas fronteiras das diferenças.

Em nossa perspectiva de trabalho, entendemos que a cognição resulta de uma operação relacional (“operar com”), diante disto, nossas afirmações passam a ser configuradas como critérios de distinção, os quais são compartilhamos em uma determinada comunidade de observadores (MATURANA, 1999). A Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental se constitui em campo fértil para a produção de invenção, em razão da abertura ao acolhimento de diferentes demandas: oficina terapêutica, campo de pesquisa e também e estágio, além do

movimento para fora do serviço, ampliando a sua circulação para outras redes, o que possibilita a emergência de deslocamentos e problematizações.

A Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental traz, em sua história, fortes referências ao cinema. Conforme dito ao início deste trabalho, surgiram, inspiradas através do acompanhamento de alguns dos usuários do Cais Mental 8³⁵, as sessões do “Cinema em Debate” durante o ano de 2006. O encontro entre a nossa proposição de pesquisa e a Oficina de Imagens trouxe, inicialmente, uma série de questões com relação à sua viabilidade. Em que medida seria possível compor as duas perspectivas teóricas? Em que medida seria necessário, em determinado momento, priorizar uma em detrimento a outra? Essas e outras perguntas fizeram com que, para além de uma intervenção *stritu sensu*, nosso trabalho tivesse sido potencialmente conduzido a refletir sobre as nossas ações em pesquisa.

Em parte, a riqueza desta experiência advém justamente da possibilidade de experimentar a velocidade e o fluxo de uma dinâmica que já ocorria institucionalizada em um serviço. Nossa intervenção foi, sim, propositiva, já que uma ação de “fazer com” a Oficina, porém estando esta já consolidada, possibilitou, nesse encontro, ampliar nosso exercício ético nessa rede de conversações, compartilhando outras relações com as tecnologias, as ferramentas de trabalho e os fazeres.

Assinalamos ainda que o dispositivo “Oficina” tem sido adotado amplamente no trabalho dos CAPS. Essa tecnologia pode ser operada, a partir de uma multiplicidade de distinções, formas e emoções. A proposição de um trabalho em oficina não garante, em si, a promoção de uma intervenção colaborativa. Levando em consideração que o modo como observamos determinado sistema cognitivo produz efeitos por meio de sua disposição à ação nessa rede, entendemos que a forma como a Oficina de Imagens promove as suas intervenções considera a fragilidade dos laços sociais dos indivíduos em atendimento no serviço e parte da proposição de um trabalho, onde cada integrante possa produzir as suas próprias imagens.

Segundo Maturana (1999), para que possamos compreender a operatividade de uma rede de conversação, é necessário observar os deslocamentos, as modificações do emocional, além das circunstâncias que o estabilizam, ou seja, criar mecanismos que nos auxiliem a observar tais fenômenos. Deste modo, observamos que a nossa compreensão sobre as

³⁵ Cais Mental 8 era o nome dado ao serviço antes da sua normatização, de acordo com a Política dos CAPS, o qual passou a ser chamado CAPS II Cais Mental Centro.

distinções, as quais nomeamos: “sofrimento”, “sintoma”, “experiências alucinatórias”, “loucura”, operam de forma bastante distinta, a partir de cada um dos domínios explicativos dos quais participamos.

Mesmo que tenhamos organizações operacionalmente diferentes em nossos campos teórico e metodológicos e necessitemos dessa diferenciação, para observá-las como uma unidade distinta das outras, à medida que nossa disposição à ação é aberta, seguimos em um caminho de modificações que vão surgindo como efeito desse encontro. Assim, modificamos nossos edifícios teórico-metodológicos, perturbando e sendo perturbados por uma história de interações, as quais vamos compondo ao caminhar.

Temos tido a oportunidade de experienciar esse caminho de modificações na relação que estamos estabelecendo entre os campos da Psicanálise e das Ciências Cognitivas, mediante a consolidação de nosso Programa de Pesquisa e Extensão Rede de Oficinandos.

Para além de um fazer circunscrito por pressupostos acadêmicos, bastante distintos, esta pesquisa se realiza com pessoas, sujeitos técnicos e usuários que compõem a rede de conversação dos serviços de saúde mental, a academia e a cidade, os quais exercitam cotidianamente um ir e vir que se dividem em sua participação em oficinas terapêuticas, atendimentos individuais e pesquisas. Sob tais circunstâncias, conduzimos nosso trabalho, unidos em uma rede que se distingue como “Rede de Oficinandos”, produzindo nossas ações a partir do que nos é possível, do nosso referencial, das nossas ferramentas e da nossa disposição.

O que ocorre nessa relação é um movimento de experimentação, problematização e colaboração, que repercutem no processo de construção de ações coerentes entre nossos fazeres, encadeando mudanças operacionais, as quais não podemos prever. O que sabemos é que nossa ética do fazer, nosso emocionar têm aceitado seguir nessa coteriva teórico-metodológica, criando condutas abertas às dimensões coletivas e cooperativas, não somente como modo de expressão, mas sobretudo como modo de operar modificando a expressão, Deste modo uma tecnologia passa a operar como uma inteligência coletiva da inteligência.

8 ARREMATES E ABERTURAS

Vamos fazer um filme

*A minha escola não tem personagem
A minha escola tem gente de verdade
Alguém falou do fim-do-mundo,
O fim-do-mundo já passou
Vamos começar de novo:
Um por todos, todos por um*

*O sistema é mau, mas minha turma é legal
Viver é foda, morrer é difícil
Te ver é uma necessidade
Vamos fazer um filme...*

Legião Urbana

“A obra é um processo”.

(PARENTE, 2007).

Aquela coisa

*Meu sofrimento é fruto do que me ensinaram a ser
Sendo obrigado a fazer tudo mesmo sem querer
Quando o passado morreu e você não enterrou
O sofrimento do vazio e da dor
Ficam ciúmes, preconceitos de amor*

*E então, é preciso você tentar
Talvez alguma coisa muito nova possa lhe acontecer*

*Minha cabeça só pensa aquilo que ela aprendeu
Por isso mesmo, eu não confio nela eu sou mais eu
Sim... pra ser feliz e olhar as coisas como elas são
Sem permitir da gente uma falsa conclusão
Seguir somente a voz do seu coração*

*E então é aquela coisa que eu sempre tanto procurei
É o verdadeiro sentido da vida
Abandonar o que aprendi parar de sofrer
Viver é ser feliz e nada mais*

Raul Seixas

A canção de Renato Russo e a de Raul Seixas evocam a nossa colcha de retalhos. Convidam a refletir sobre quais emoções fundam as nossas relações. Além disso, observam a rigidez de nossas ações, quase sempre referidas a uma rede de sentidos. Mas o que fazemos com o que extrapola os sentidos já estabelecidos nessa rede? Jogamos ao descarte aquilo que não nos diz respeito, não interessa ou desconhecemos. A questão da loucura nos coloca diante dessa problemática, por questionar nossas redes de sentido, tão bem tecidas. Diante disso, a tentativa desta pesquisa – intervenção com dispositivos tecnológicos – foi a de descosturar essa trama, demonstrando que as redes de conversação, nas quais participamos e que são aparentemente fundamentadas e definitivas, são fruto de ações, negociações, problematizações e emoções e não, a sua causa.

Refletir sobre a experiência de “fazer com” a Oficina de Imagens transformou esta escrita em outra experiência, no contar sobre ela, compartilhá-la, buscando retomar os “retalhos” que compuseram este encontro e a pesquisa – tecido imagem e tecido texto. Quem, assim como eu, vivencia a experiência de produzir criações têxteis, em especial, a técnica do *patchwork*, sabe que um trabalho jamais se repete. Antes disso, a obra também nos molda, produzindo um lugar de sujeito. “A obra é um processo”, acrescenta Parente (2007). Unir cores e texturas propaga-se como uma expressão singular. O trabalho do pesquisador também se dá de modo semelhante. Na perspectiva de uma pesquisa intervenção, o retomar da experiência modifica a pesquisa e o pesquisador.

Propomo-nos, durante este trabalho, mapear as experiências cognitivas da Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental, que se constituiu como campo empírico nesta pesquisa. A perspectiva cognitiva, a qual buscamos trabalhar, preconiza a visada de uma ecologia dos modos de conhecer e a recolocação do próprio problema que a funda. O ponto chave para esse entendimento é o modo como concebemos o papel da tecnologia nessa rede. A tecnologia é, pois, entendida, neste trabalho, como um dispositivo tecnológico que compõe uma rede de sistemas que atua como geradora e, ao mesmo tempo, gera os componentes que a constitui como rede. Esta proposição instaura um posicionamento ético que orienta e produz ações concretas, abrindo espaço para a criação de diferença, ou seja, daquilo que possa diferir do padrão recognitivo no qual estamos imersos.

Em se tratando das coordenações de ação com as tecnologias, compartilhadas na rede de conversação da Oficina de Imagens, a partir do dispositivo videográfico e de edição, observamos que foi possível mobilizar espaço de trocas, de convívio e de coordenação de

ações dos participantes. A tecnologia videográfica pôde ser compreendida como recurso de um modo de operar recursivo na linguagem, em que ocorreu a interface entre algumas condições técnicas (coordenações) que permitiram diferentes níveis de interação. A tecnologia videográfica, reunindo a interface entre imagem, som e tempo, criou um suporte potente para a emergência de novas coordenações de ação, ou seja, o compartilhamento de determinados critérios de distinção na linguagem.

Maturana (1999, p. 179) afirma que “A maior parte de nossos sofrimentos surgem de conversações recorrentes ou de entrecruzamentos de conversações que nos levam de maneira repetida a operar em domínios contraditórios de ação” e reitera a possibilidade de dissolução do sofrimento, por intermédio das conversações que podem ser modificadas interferindo assim pela sua recorrência no entrelaçamento de tais conversações.

Tendo como premissa que o processo cognitivo é resultante das congruências operativas que emergem do encontro das redes de conversação/produção, postas em marcha nessas relações, entendemos que as tecnologias da inteligência, entre elas a modulação as TIC, incorporam coordenações de ação, criando novos modos de linguajar e emocionar. Levy (1993) assinala que a estrutura, indefinidamente recursiva dos sentidos, é tecida como uma rede de associações, onde os coletivos cosem, através da linguagem e de todos os sistemas simbólicos de que dispõe uma tela de sentidos, destinada a reuni-los.

Pensar a cognição, por meio de um sistema de relações, considerando que os diferentes atuantes, nesse agenciamento, não são termos de partida, é entender que são o efeito de uma rede de interações. Nesse sentido, vimos que as TIC transformam e são modificadas nesse processo, no qual não existe um modo de fazer ou uma significação cognitiva que lhes sejam próprias.

Observamos igualmente que problematizar os dispositivos tecnológicos na Oficina de Imagens produziu mudanças cognitivas-afetivas, em que os participantes puderam produzir deslocamentos quanto ao modo de interagir com as tecnologias. Além da expressão na linguagem semântica, emergiram outras formações de linguagem, isto é, tomar um objeto técnico nas mãos e, com este, fazer inscrições que, em determinado momento, ganharam, na Oficina, a forma de vídeos, falas, fotos e escritas.

No que tange aos deslocamentos e distinções, o desenrolar da Oficina possibilitou aos participantes significar algumas experiências pessoais, conferidas a partir de momentos de

breakdown. Temas, como a relação com a imagem do outro, a alteridade, puderam deslocar a experiência de saber-se usuário de saúde mental para uma posição de autoria na participação em redes sociais. Essa possibilidade pôde ser experimentada na Oficina, como efeito da modulação com as tecnologias ali disponíveis.

Pensamos que as experiências de produção videográfica deixam marcas singulares e que a autoria do sujeito que a ela se modula amplia uma rede de conversações, ao fixar a obra de sua criação na superfície da imagem. A imagem é assim integrada ao circuito cognitivo, vinculada ao processo do conhecer.

À proporção que a edição das imagens processualiza e codifica, em linguagem visual, o conteúdo, produzido como experiência individual ou coletiva, a imagem passa a compor uma rede de conversação e também de significação, que pode ser compartilhada. Entendemos que a interação com a filmadora de vídeo, o computador e o *software* de edição, como parte do processo cognitivo, foi propositiva de novas produções de subjetividade, mediante a ampliação de espaços relacionais mais colaborativos. Contribuiu, assim, para que os participantes pudessem criar novos encontros nessa ou em outras redes, não operando somente de forma (re)cognitiva, mas também, inventiva.

No que se refere ao linguajar e ao emocionar nas redes, tecidas sobre a loucura e para a loucura, percebemos que, deslocando o modo como se constitui um linguajar, como um fazer e não somente como representação da realidade, ou seja, quando mudamos os gestos, mudam-se as coordenações de ações. Quando surge uma relação que se estabelece, a partir de uma oficina tecnológica, com usuário de um serviço de saúde mental, a produzir algo, deslocamentos podem ocorrer, através das transformações mútuas. O tremor das mãos, como no exemplo ilustrado no Capítulo três deste trabalho, não trazia a marca de algo que faltava, mas, um sujeito e o seu jeito de fazer algo.

Neste estudo, foi possível, por meio do fazer com a Oficina, operar o linguajar que os sujeitos gentilmente emprestaram a estas páginas, tornar visíveis alguns processos humanos de dor e alegria, de produção de vida e de conhecimento, de conservação e mudança estrutural, onde tudo muda enquanto buscamos conservar o viver (MATURANA, 1999).

Ao analisarmos os efeitos da tecnologia, como dispositivo em uma Oficina de Imagens, a partir da observação desta modulação, através dos gestos, das formas, dos estilos, das criações, das filmagens, dos fazeres e dos comentários dos participantes, observamos que

estes possibilitaram que fosse produzido o compartilhamento dessa experiência. A produção videográfica, como exercício de uma cognição inventiva, colocou em cena os discursos que atravessam os sujeitos e que produzem modos de subjetivação deslocando a doença para um segundo plano e centralizando o seu foco em outras experimentações.

Acompanhando o processo de constituição da rede de conversação da Oficina, desde o momento da concepção dos temas no grupo, à filmagem, edição e exibição dos filmes, notamos a ampliação da construção coletiva na rede e da experimentação videográfica em comum, em seu caráter ético e político, constituindo-se como um dispositivo de exercício de cognição inventiva, não só para os usuários, mas também, aos trabalhadores e aos próprios pesquisadores. Além disso, nosso compartilhar com a ecologia da Oficina serviu como um exercício da função “observador”, para que outros “tremores”, gestos, antes não “prescritos”, se tornassem visíveis aos participantes e ao leitor, através das linhas deste texto.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. **Saúde mental e Atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

AMARANTE, Paulo (Coord.). **Loucos pela vida; a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA (APA). **DSM-IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais**. Disponível em: <<http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm.php>>. Acesso em: 02 nov. 2010.

BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992.

BRASIL. **Lei Federal 10.216 Lei da Reforma Psiquiátrica**. Portal do Ministério da Saúde, <<http://portal.saude.gov>>. Acesso em: 15 set. 2010.

_____. **Política Nacional de Humanização**. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/>>. Acesso em: 05 jan. 2010.

_____. Portal da Saúde. **Política Nacional de Humanização**. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/>>. Acesso em: 15 set. 2010.

_____. **Portal do Ministério da Saúde**. Disponível em: <<http://portal.saude.gov>>. Acesso em: 15 set. 2010.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHASSOT, C.; GORCZEWSKI, D.; MARASCHIN, C. Tecnologias audiovisuais em oficinas sócio-educativas. 2007. **Latin American Knowleg Harvester**. Disponível em: <<http://lakh.unm.edu/handle/10229/83783>>. Acesso em: 05 jan. 2010.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1992.

DEMOLY, Karla Rosane do Amaral. **Escritura na convergência de mídias**. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

_____; MARASCHIN, Cleci; AXT, Margarete. Escritura na convergência de mídias: uma nova experiência estética. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, p. 121-130, 2009. (Impresso).

DIEHL, R. **Do mapa à fotografia: planografias de um espaço louco**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

DIEHL, Rafael. **Máquinas, inscrições, observador: o problema da visualização do conhecimento numa abordagem sistêmica**. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

DO CAIS Mental 8 ao CAPS Cais Mental Centro – 10 anos. **Revista do Cais Mental Centro**, ano 01, 01, 2006.

DUPUY, Jean-Pierre. **Nas origens das ciências cognitivas**. São Paulo: UNESP, 1996.

EIRADO, A.; PASSOS, E. A noção de autonomia e a dimensão do virtual. **Revista Psicologia em Estudos**, v. 9, p. 77-85, 2004.

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **O sentido do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ESCÓSSIA, L.; KASTRUP, V. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, maio/ago. 2005.

FOUCAULT, M. **Entre o amor e os estados de paixão** (Entrevista) “Conversation avec Werner Schroeter” (entretien avec G. Courant et W. Schroeter, 13 décembre 1981), in Courant (G.), Werner Schroeter, Paris, Goethe Institute, 1982. pp. 39-47. Espaço Michel Foucault. Disponível em: <www.filoesco.unb.br/foucaul>. Acesso em: 24 set. 2010.

_____. M. **História da loucura na idade clássica**. 8. ed. São Paulo : Perspectiva, 2009.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

GOOGLE. **I Encontro Nacional de Estudantes Antimanicômias**. Disponível em: <<http://sites.google.com/site/estudantesantimanicômias>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

JULLIEN, François. **O diálogo entre as culturas**: do universal ao multiculturalismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Campinas: Papyrus, 1999.

_____. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, set./dez. 2005.

_____. A invenção na ponta dos dedos: a reversão da atenção em pessoas com deficiência visual. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 69-90, jun. 2007.

_____. Flutuações da atenção no processo de criação. In: LECERF, Eric et al. (Org.). **Imagens da imanência**. Belo Horizonte, MG: Autentica, 2007.

_____. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção In: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (Orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008. p. 465-489.

_____. Aprendizagem, arte e invenção. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2000.

_____. O lado de dentro da experiência: atenção a si mesmo e produção de subjetividade numa oficina de cerâmica para pessoas com deficiência visual adquirida. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 28, n. 1, p. 186-199, 2008.

_____. V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LERNER, S. **De coleções a narrações: recortes de um caminhar em terapia ocupacional**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LEVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LONDERO, Susane. **Re-inventando o acolhimento em um serviço de saúde mental**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), PPGPSI, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LOPES, Graziela. Pereira. **O oficiar como possibilidade de exercício da cognição enativa**. Mestrado (Dissertação em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

_____; MARASCHIN, C. Tecnologias videográficas como dispositivos para o exercício da cognição enativa. **Revista Informática na Educação**, v. 12, p. 123-131, 2009.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

MALHAÇÃO ID é uma série adolescente brasileira, produzida e exibida pela Rede Globo de Televisão. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Malhacao>>. Acesso em: 09 jan. 2011.

MARASCHIN, C. Pesquisar e intervir. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 1, p. 98-107, 2004.

_____; AXT, M. O enigma da tecnologia na formação docente. In: PELLANDA, N.; PELLANDA, E. (Org.). **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

_____; CHASSOT, C.; GORCZEWSKI, D. Saberes e Práticas de oficineiros – análise de uma cognição situada. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 3, p. 287-296, set./dez. 2006.

_____. et al. **Projeto: oficina em rede**. Relatório de Pesquisa. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia/Faculdade de Educação, 2007. 55p.

_____; EIDELWEIN, K. O operar de um coletivo na WEB. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 23, n. 4, p. 48-55, 2003. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

MARASCHIN, Cleci; AXT, Margarete. "Acomplamento Tecnológico e Cognição". In: VIGNERON, Jacques; OLIVEIRA, Vera Barros de (Org.). **Sala de aula e Tecnologias**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005. p. 39-51.

MATURANA, H. **Da biologia a psicologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

_____; VARELA, F. **De máquinas e seres vivos: autopoiese: a organização do vivo**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

MAURENTE, Vanessa. **Imagens do hospício vazio: fotografia, pesquisa e intervenção**. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MERY, Emerson E. A perda da dimensão cuidadora na produção da saúde – uma discussão do modelo assistencial e da intervenção no seu modo de trabalhar a assistência. In: SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE DE BELO HORIZONTE. **Reescrivendo o público**. São Paulo: Xamã, 1998.

MICHAUX, H. (1985) – *Las Grandes Pruebas del Espiritu*. Barcelona, Tusquets. Editores, 1985. In: MACHADO, J. R. Rocha. **A consciência como um campo de experimentação: A abordagem de Francisco Varela** Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ/ IP, 2000. VII. 118p.

MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. **Portal da Saúde**. PNH. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/saude/default.cfm>>. Acesso em: 05 jan. 2010.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras: 2001.

O *WINDOWS MOVIE MAKER* é um *software* de edição de vídeos da *Microsoft*. Disponível em: <<http://www.microsoft.com/pt/br/default.aspx>>. Acesso em: 29 nov. 2010.

PARENTE, André. **Cinema em transito: do dispositivo do cinema ao cinema do dispositivo**. Em estéticas do digital – cinema e tecnologia. Organizadoras: Manuela Penafria e India Mara Martins. São Paulo: Labcom, 2007. p. 3-31.

PASSOS, Eduardo. Pensando a subjetividade com conceitos híbridos: a psicologia em interface com a filosofia e a biologia. **Revista do Departamento de Psicologia**, UFF, v. 7, n. 2/3, 1995.

_____; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RAINONE, Francilene N. **Da plurissemia das imagens cinematográficas a polissemia do significante na psicose: uma relação entre imagens e narrativa**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação da Psicologia Institucional, UFRGS, 2007.

REAL, Luciane Corte. **Aprendizagens amorosas na interface escola, projetos de aprendizagem e tecnologias digitais**. Tese (Doutorado em Informática na Educação), Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, UFRGS, 2007.

REVISTA **Curso de Patchwork Passo-a-Passo**, São Paulo: Casa Dois Editora, ed. 1, v. 1, out. 2003.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Municipal de Saúde. **Política de saúde mental e saúde do trabalhador da Rede Municipal de Porto Alegre**. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

ROCHA, M. L. Psicologia e as práticas institucionais: a pesquisa-intervenção em movimento. **Psico**, Porto Alegre: PUCRS, v. 37, n. 2, maio/ago. 2006.

ROSENHAN, D. L. Acerca de estar sano en un medio enfermo. In: WATZLAWICK, Paul. **La realidad inventada**. Barcelona: Gedisa, [2000]. p. 99-120.

SANCOVSCHI, B. Contribuições da abordagem autopoietica-enativa ao conceito de adaptação psicológica. **Revista Informática na Educação: Teoria & Prática**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 59-69, jul./dez. 2009.

SCISLESKI, Andréa. **"Entre se quiser, saia se puder"**: o percurso dos jovens pelas redes sociais e a internação psiquiátrica. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

TANIKADO, G. **Virtualizando coletivos: tecnologias e pesquisa-intervenção**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

TREVISAN, E. A transferência e os dispositivos terapêuticos em saúde mental: a proposta do cinema em debate na saúde mental. **C. da APPOA**, Porto Alegre, n. 158, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.appoa.com.br/download/correio158.pdf#page=27>>. Acesso em: 04 mar. 2010.

VALENTINI, C.; SOARES, E. S. (Org.). **Aprendizagem em ambientes virtuais: compartilhando idéias e construindo cenários**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010. Versão eletrônica. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/aprendizagemambientesvirtuais/article>>. Acesso em: 05 fev. 2011.

VARELA, F. El círculo creativo. Esbozo historiconatural de la reflexividad. In: WATZLAWICK, Paul. **La realidad inventada**. Barcelona: Gedisa, 1994.

_____. O reencantamento do concreto. **Cadernos de Subjetividade, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica, PUC-SP**, São Paulo: HUCITEC, v. 1, n. 1, p. 72-86, 2003.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente incorporada**: ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: Artmed, 1991.

VIANNA, T. **Oficinando enredos de passagem**: o encontro do adolescer em sofrimento com a tecnologia. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

WIKIPÉDIA. **Definição de Hilemorfismo**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hilemorfismo>>. Acesso em: 07 mar. 2010.

_____. **Definição de making of**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Making-of>>. Acesso em: 07 jan. 2011.

_____. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

YOUTUBE. Disponível em: <<http://br.youtube.com/>>. Acesso em: 05 jan. 2011.

FILMOGRAFIA:

BEIGIA. Acervo Oficina de Imagens do CAPS CAIS Mental. Direção: Oficina de Imagens do CAPS Cais Mental. Porto Alegre, 2008. (12 min). color.

CASA DE CINEMA DE PORTO ALEGRE. Disponível em: <<http://www.casacinepoa.com.br>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

LIÇÃO DE vida. Acervo Oficina de Imagens do CAPS CAIS Mental. Porto Alegre, 2010. DVD (18 min.). color.

PRECIOSA - Uma história de esperança. Direção: Lee Daniels. EUA, 2010. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/preciosa/>>. Acesso em: 05 fev. 2011.

PROJETO ETNIAS – GerAção POA. Acervo Oficina de Imagens do CAPS II CAIS Mental. Porto Alegre 2010.

OBRAS VIDEOGRÁFICAS produzidas, finalizadas e em acervo na Oficina de Imagens do CAPS II Cais Mental:

- **Cadê o A.T.?Em busca de um companheirismo amigo**

- **Imagens de Paulo Bueno**

- **Mãos que fazem**

- **Nossas Vidas**

MUSICOGRAFIA:

FRANCO, Walter; TAKAI, Fernanda (Intérprete) (Banda Pato Fu). **Coração tranquilo.** Álbum Houve uma vez dois verões” do filme do mesmo nome com direção de Jorge Furtado, faixa 4 Local: São Paulo: Universal Music, 2002. CD-ROM (3:25).

RUSSO, Renato (Comp.). Legião Urbana. **Álbum:** O Descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: Gravadora EMI, 1993. (Faixa 6 de Vamos fazer um filme). (4:15).

SEIXAS, Raul. Aquela coisa. **Álbum:** Raul Seixas. São Paulo: Gravadora Eldorado, 1983. CD-ROM. (2:45).



ORIENTADORA
PROF^a DR^a
ELEC I
MARASCHIN

TECENDO IMAGENS

Operando experiências no plano do
COMUM

FULVIA DA SILVA SPOHR

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL

FÚLVIA DA SILVA SPOHR

TECENDO IMAGENS:
Operando experiências no plano do “*comum*”

Porto Alegre

2011